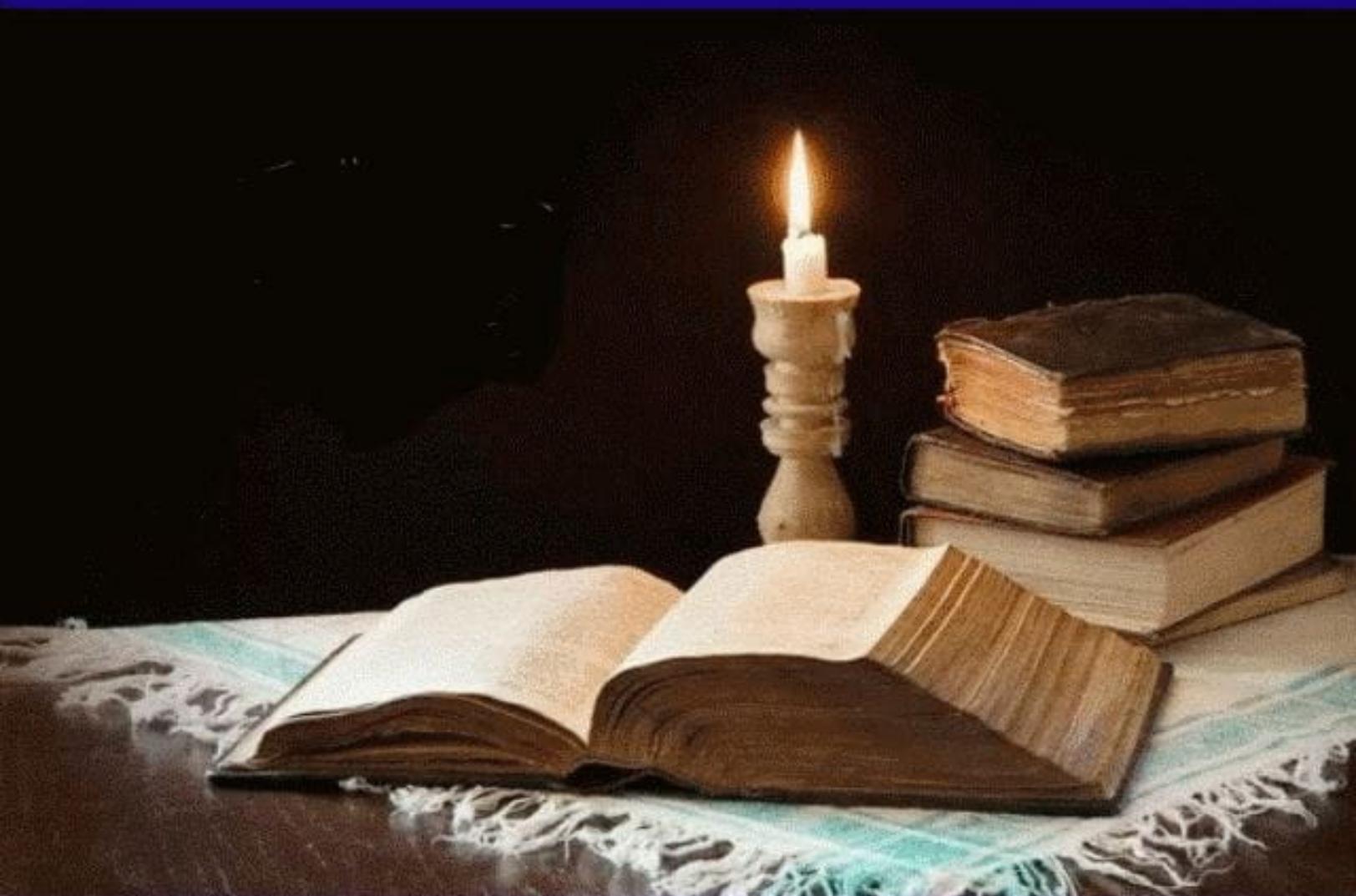


MEDITAÇÕES
TEMPO COMUM
(Semanas XV a XXVII)



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES
TEMPO COMUM
(SEMANAS XV a XXV)**

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Meditações Tempo Comum^[*]

1. XV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
2. Segunda-feira da XV semana do Tempo Comum
3. Terça-feira da XV semana do Tempo Comum
4. Quarta-feira da XV semana do Tempo Comum
5. Quinta-feira da XV semana do Tempo Comum
6. Sexta-feira da XV semana do Tempo Comum
7. XVI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
8. Segunda-feira da XVI semana do Tempo Comum
9. Quinta-feira da XVI semana do Tempo Comum
10. Sexta-feira da XVI semana do Tempo Comum
11. XVII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
12. Segunda-feira da XVII semana do Tempo Comum
13. Terça-feira da XVII semana do Tempo Comum
14. Quarta-feira da XVII semana do Tempo Comum
15. Quinta-feira da XVII semana do Tempo Comum
16. Sábado da XVII semana do Tempo Comum
17. Segunda-feira da XVIII semana do Tempo Comum
18. Terça-feira da XVIII semana do Tempo Comum
19. Quarta-feira da XVIII semana do Tempo Comum
20. Quinta-feira da XVIII semana do Tempo Comum
21. Sexta-feira da XVIII semana do Tempo Comum

22. Sábado da XVIII semana do Tempo Comum
23. XXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
24. XXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
25. Segunda-feira da XXIII semana do Tempo Comum
26. Terça-feira da XXIII semana do Tempo Comum
27. Quarta-feira da XXIII semana do Tempo Comum
28. Sexta-feira da XXIII semana do Tempo Comum
29. Sábado da XXIII semana do Tempo Comum
30. XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
31. XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
32. Segunda-feira da XXIV semana do Tempo Comum
33. Terça-feira da XXIV semana do Tempo Comum
34. Quarta-feira da XXIV semana do Tempo Comum
35. Sexta-feira da XXIV semana do Tempo Comum
36. Sábado da XXIV semana do Tempo Comum
37. XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
38. XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
39. Segunda-feira da XXV semana do Tempo Comum
40. Terça-feira da XXV semana do Tempo Comum
41. Quarta-feira da XXV semana do Tempo Comum
42. Quinta-feira da XXV semana do Tempo Comum
43. Sexta-feira da XXV semana do Tempo Comum
44. Sábado da XXV semana do Tempo Comum

45. XXVI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
46. XXVI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
47. Segunda-feira da XXVI semana do Tempo Comum
48. Terça-feira da XXVI semana do Tempo Comum
49. Quarta-feira da XXVI semana do Tempo Comum
50. Quinta-feira da XXVI semana do Tempo Comum
51. Sexta-feira da XXVI semana do Tempo Comum
52. Sábado da XXVI semana do Tempo Comum
53. XXVII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
54. Segunda-feira da XXVII semana do Tempo Comum
55. Terça-feira da XXVII semana do Tempo Comum
56. Quarta-feira da XXVII semana do Tempo Comum
57. Quinta-feira da XXVII semana do Tempo Comum
58. Sexta-feira da XXVII semana do Tempo Comum
59. Sábado da XXVII semana do Tempo Comum

[*] Há algumas meditações em falta, em conformidade com os textos originais.

XV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

Reflexão para meditar no XV domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: Jesus faz-se compreender; cuidar do terreno da semente; somos semeadores de Deus.

Sumário

- Jesus faz-se compreender.
- Cuidar do terreno da semente.
- Somos semeadores de Deus.

«DEUS constrói nos céus a Sua morada e funda a sua abóbada sobre a terra», diz o profeta Amós, descrevendo o Senhor, criador do universo, «Ele convoca as águas do mar e derrama-as sobre a face da terra» (Am 9, 6). Talvez Jesus, ao ler estas palavras do profeta, também se admirasse ao considerar como toda a criação nos revela o seu Pai. Talvez por isso, muitas vezes o Evangelho nos apresenta o Senhor saindo ao ar livre, na margem do lago, como se quisesse aproveitar o imponente cenário da natureza – da obra do seu Pai Deus – para falar àqueles que tem próximos.

Embora a orla seja espaçosa, desta vez o local enche-se rapidamente. Espalhou-se a notícia de que Jesus está lá. A praia torna-se pequena, então o Senhor tem que subir a um barco. Desse púlpito oscilante e improvisado, dirige-se à multidão e conta a história de um semeador que saiu para trabalhar. «Quando semeava, caíram algumas sementes ao longo do caminho: vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra, e logo nasceram, porque a terra era pouco profunda; mas depois de nascer o sol, queimaram-se e secaram, por não terem raiz. Outras caíram entre espinhos, e os espinhos cresceram e afogaram-nas. Outras caíram em boa terra e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um» (Mt 13, 1-23).

Para muitos dos presentes seria fácil imaginar a cena, já que era uma realidade que lhes era próxima. Provavelmente algo semelhante teria acontecido a mais do que um. Jesus procura os meios para se fazer compreender, procura tocar a inteligência e o coração, fala aos seus ouvintes na linguagem da sua própria experiência. Em suma, sabe colocar-se no lugar de quem O escuta, porque é movido por um profundo espírito de serviço. «Deus não é (...) uma inteligência matemática muito distante de nós. Deus interessa-se por nós, ama-nos, entrou pessoalmente na realidade da nossa história, comunicou-se ao ponto de encarnar»^[1]. Damos também testemunho da mensagem cristã com o desejo de nos colocarmos na situação dos que nos rodeiam, conhecendo as suas preocupações e anseios?

NA PARÁBOLA do semeador, nem todas as sementes têm o mesmo destino. Embora a semente seja sempre boa – porque se trata dos dons e graças que Deus semeou na nossa vida –, ela precisa de solo adequado para crescer e dar fruto. Um coração bloqueado pelos medos, pelo desejo de ter tudo sob controlo ou pela ambição de acumular bens materiais, é um lugar onde a semente não tem acesso. Pelo contrário, uma alma simples, disposta a acolher o amor divino, faz frutificar os talentos, contribuindo assim para o bem dos outros.

«Quando o coração é superficial, a semente não consegue germinar: o coração superficial, que acolhe o Senhor, quer rezar, amar e testemunhar, mas não persevera, cansa-se e nunca “levanta voo”»^[2]. A semente precisa de solo profundo para criar raízes. Muitas vezes os nutrientes necessários para o crescimento não são encontrados nos estratos mais superficiais: só podem ser achados nas profundezas. O nosso mundo interior terá essa profundidade se conseguir ir além do ânimo, se semear na estabilidade madura das convicções mais basilares, nos ideais que queremos que inspirem o nosso dia a dia.

Uma boa semente requer um campo trabalhado com cuidado e constância. Os espinhos às vezes crescem quando a terra é negligenciada e deixada por conta própria. «A fidelidade é uma doação contínua: um amor, uma liberalidade, um desprendimento que perdura, e não simplesmente o resultado da inércia»^[3]. A boa semente cria raízes quando encontra um

empenho habitual por ter uma vida de oração, por conhecer a riqueza espiritual do cristianismo, por cuidar das relações humanas no trabalho e na família, etc. Cada uma dessas áreas é um sulco distinto que podemos trabalhar para que, com paciência, a vida contemplativa se enraíze na nossa própria alma.

A HISTÓRIA do semeador continua na vida de cada um dos filhos de Deus. O Senhor continua a lançar a sua semente, ansioso por encontrar corações que a recebam. Ele, através de cada um de nós, «continua a sua divina sementeira. Cristo aperta o trigo com as mãos chagadas, embebe-o no seu sangue, limpa-o, purifica-o e lança-o no sulco que é o mundo. Lança os grãos um a um, para que cada cristão no seu ambiente, testemunhe a fecundidade da morte e ressurreição do Senhor»^[4].

É consolador saber que a nossa vida é uma semente divina nas mãos do Senhor, lançada neste mundo que Ele criou e que é bom. Quando procuramos agir buscando a glória de Deus – às vezes errando, outras vezes caindo, recomeçando sempre –, quando somos movidos pelo desejo de que os outros descubram a alegria da casa do Pai, a semente germina, embora às vezes não percebamos a sua floração. «Se fores fiel aos impulsos da graça – dizia S. Josemaria – darás bons frutos: frutos duradouros para a glória de Deus. Ser santo implica ser eficaz, mesmo que o santo não toque ou veja a eficácia»^[5].

Às vezes podemos desanimar ao pensar, erroneamente, que ao nosso redor não há solo adequado para que a semente divina cresça. O Senhor age em qualquer situação, é um semeador onnipotente, além do facto de que todos desejam a felicidade de Deus no fundo da alma. Quem trabalha junto com o divino semeador «sabe bem que a sua vida dará frutos, mas sem pretender saber como, nem onde, nem quando. Ele tem a certeza de que não se perde nenhum dos seus trabalhos realizados com amor, não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras pelos outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhum cansaço generoso, não se perde nenhuma dolorosa paciência»^[6]. A Virgem Maria poderá ajudar-nos a estar unidos ao seu Filho, impregnados do seu sangue, tornando a nossa vida cada vez mais fecunda.

NOTAS

- [1] Bento XVI, Audiência, 28/11/2012.
- [2] Francisco, Angelus, 16/07/2017
- [3] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 12.
- [4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 157.
- [5] S. Josemaria, *Forja*, n. 920.
- [6] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 279.

Segunda-feira da XV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a batalha que Jesus traz; as incompreensões no caminho; convite a carregar a cruz.

Sumário

- A batalha que Jesus traz.
- As incompreensões no caminho.
- Convite a carregar a cruz.

OS ENSINAMENTOS de Jesus nem sempre são simples de compreender. Por vezes, as palavras são mesmo provocadoras. Alguns escandalizavam-se ao ouvi-lo ou pensavam que aquilo que dizia era demasiado difícil de assumir. No entanto, «toda a vida de Cristo é Revelação do Pai: as suas palavras, as suas obras, os seus silêncios, os seus sofrimentos, a sua maneira de ser e de falar»^[1]. Jesus veio para nos mostrar o rosto do Pai. Todos os seus gestos, mesmo aqueles que nos podem parecer mais difíceis de entender, nos dão a conhecer algum aspeto do mistério de Deus e do seu projeto de redenção.

«Não penseis que Eu vim trazer a paz à terra – disse o Senhor numa ocasião –. Não vim trazer a paz, mas a espada. De facto, vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, a nora da sua sogra, de maneira que os inimigos do homem são os de sua casa» (Mt 10, 34-36). Como pode ser que aquele que traria a paz aos homens – como disseram os anjos aos pastores de Belém – se apresente agora assim? É este o Príncipe da Paz que Isaías anunciou? «Um filho nos é dado com o Principado sobre os ombros; chamar-se-á Admirável, Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe de Paz» (Is 9, 5). Jesus vem estabelecer a paz entre os homens e Deus; mas, por vezes, essa paz causa discordância ou afastamento, sobretudo quando não estamos preparados para o seu reinado ou quando preferimos evitá-lo.

Os ensinamentos de Cristo causam divisão, em primeiro lugar, em nós próprios; quer dizer, manifestam a falta de harmonia no nosso interior. Com efeito, pelas consequências do pecado, torna-se difícil acolher algum aspeto da sua mensagem. Gostaríamos de secundar as suas palavras e imitar a sua vida, mas, ao mesmo tempo, encontramos uma força dentro de nós que nos leva a fazer o que não queremos (cf. Rm 7, 23). Esta é precisamente a guerra que Jesus quer que empreendamos e que na maioria das vezes, se apresenta sob a forma de pequenas batalhas. O Espírito Santo recorda-nos, interiormente, o que evita essa divisão; é «como um aviso silencioso que nos leva a mergulhar nesse desporto sobrenatural do próprio vencimento. Que a luz de Deus nos ilumine – rezava S. Josemaria – para perceber as suas advertências; que nos ajude a lutar, que esteja ao nosso lado na vitória»^[2].

A PAZ de Jesus é fruto da luta constante contra o mal, impulsionada pela sua própria graça. Ele mostra-nos a luta que temos de travar contra os inimigos de Deus e do homem, contra Satanás. «Pensais que Eu vim estabelecer a paz à terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a divisão» (Lc 12, 51). «Que significa isso? Significa que a fé não é algo decorativo, ornamental; viver a fé não é decorar a vida com um pouco de religião (...). Não, a fé não é isso. A fé consiste em eleger Deus como critério base da vida»^[3]. Isto pode trazer incompreensões das pessoas que estão à nossa volta, para quem esse critério base pode ser simplesmente a comodidade material, o cuidado da própria imagem ou a diversão.

Desde os inícios da Igreja, o modo de atuar dos santos nem sempre foi compreendido ou compartilhado pelos seus semelhantes; muitas vezes, porque estes não receberam sequer o anúncio cristão. Contudo, em muitos casos, essas diferenças foram desaparecendo com a passagem do tempo. E não tanto por brilhantes argumentos, mas pela força do testemunho. O cristão sabe que as verdadeiras riquezas são aquelas que se entesouram no Céu; sabe-se filho de Deus Pai, por isso não tem medo de nada, nem tem que aparentar algo que não é; o cristão é testemunha de que a felicidade não está numa vida cómoda, mas num coração enamorado^[4]. Por isso, uma vida cujo critério base é Deus, ainda que possa causar certo desconcerto inicial, acaba por ser atrativa pela alegria autêntica que traz consigo.

«Vede como se amam. (...) vede como estão dispostos a morrer uns pelos outros»^[5], diziam os pagãos acerca dos batizados. Esse amor concreto, que os levava a compartilhar tudo o que tinham, suscitou, naqueles que os rodeavam, o desejo de conhecer o Senhor.

AO LONGO da nossa vida, encontramos muitas e diferentes dificuldades. Uma vez, estão relacionadas com fatores externos: um problema de trabalho, a doença de um ser querido, um revés económico e outras vezes, com o nosso mundo interior: dúvidas que se silenciam, defeitos que nos fazem perder a paz. Jesus conhece bem esses problemas, não nos convida a viver como se não existissem, mas convida-nos a pegar na cruz, abraçá-la com o coração e seguir os seus passos. O Senhor assegura-nos que quem assim fizer, encontrará a verdadeira vida (cf. Mt 10, 39).

Certamente, a vida de que Ele fala é a vida do Céu, que começa já nesta terra e que não consiste na ausência de sofrimento. Trata-se, antes, de uma felicidade que não está determinada pelas circunstâncias externas, nem pelo nosso estado de ânimo, mas que se fundamenta no que é verdadeiramente importante: o seu amor e a segurança de que Ele está sempre connosco. Desta forma, as contrariedades afetar-nos-ão sempre, mas, se nos fiarmos nessas palavras de Jesus, não terão força para nos tirarem a alegria; ainda mais, a sua graça será a força para ir integrando pouco a pouco e da melhor forma possível, com realismo, cada um desses aspetos. As contrariedades podem ajudar a conhecermo-nos e a conhecer os outros, ajudam-nos a ser mais pacientes e a procurar outros caminhos com objetividade. Também podem dilatar o coração e fortalecer as nossas relações quando pedimos ajuda ou colaboração a outros. Em qualquer caso, sempre nos permitem conhecer melhor o mistério da Providência que nos descobre algo dos modos de fazer e dos tempos de Deus.

«O homem foi criado para a felicidade. Por isso, a vossa sede de felicidade é legítima. Cristo tem a resposta ao vosso desejo, mas pede-vos que confieis nele»^[6]. A Virgem Maria confiou em Deus. A Ela, que foi a criatura mais perfeita que saiu das Suas mãos, também não lhe poupou o sofrimento, porque de uma maneira misteriosa, ali, junto à cruz, cresce o

amor. Maria encontrou a felicidade na segurança de que o Senhor nunca se afastaria dela.

NOTAS

- [1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 516.
- [2] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 77.
- [3] Francisco, Angelus, 18/08/2013.
- [4] cf. S. Josemaria, *Sulco*, n. 795.
- [5] Tertuliano, *Apologético*, 39, 1-18.
- [6] S. João Paulo II, Discurso, 25/07/2002.

Terça-feira da XV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a humildade da cananea; reconhecer o amor do Senhor; Deus «primeireia-nos».

Sumário

- A humildade da cananea.
- Reconhecer o amor do Senhor.
- Deus «primeireia-nos».

JESUS percorreu a Galileia para anunciar o Reino de Deus. Não se limitou apenas ao território de Israel, mas ultrapassou as suas fronteiras. Em Tiro e em Sidónia, também agiu como habitualmente, pois a sua fama tinha chegado até ali. Naquelas cidades da costa mediterrânica atendeu a mulher cananea que lhe veio pedir que curasse a sua filha. Mesmo sabendo que Jesus vinha anunciar a palavra ao povo de Israel, ela apresentou-se de modo humilde, apelando à sua misericórdia e dizendo-lhe que «também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos» (Mt 15, 27). O Senhor ficou comovido com a sua fé e fez conforme ela lhe pedia. Também curou um surdo-mudo e multiplicou os pães na sua passagem pela Decápole, para dar de comer a um grande número de pessoas, com apenas sete peixes que levavam com eles. «Sinto profunda compaixão por esta multidão» (Mc 8, 2) é uma frase que escutamos várias vezes da boca de Cristo.

O Senhor fez tudo com amor e misericórdia, atendendo as necessidades dos que se apresentaram diante dele. Também na nossa vida, se apresentam pessoas que procuram uma ajuda junto de nós: alguém que lance um pouco de luz sobre um problema, um ouvido que saiba escutar, um consolo no meio da dor, uma mão amiga com que se pode contar... Às vezes, como a cananea, essas pessoas manifestarão explicitamente a sua necessidade; mas outras vezes, tal como a multidão, fá-lo-ão de forma velada, disfarçando, à

espera dum olhar que se aperceba da sua dor. «Só se vê bem com a proximidade que dá a misericórdia»^[1]. Conhecendo os outros, sabendo como são – os seus anseios e os seus medos, as suas virtudes e os seus defeitos –, podemos antecipar-nos e ir ao encontro daquilo que precisam.

EM CORAZIM e Betsaida, Jesus realizou numerosos milagres. No entanto, os seus habitantes não se decidiram a mudar de vida. Preferiram continuar com a sua vida igual à de sempre, sem abraçar a Boa Nova. E Cristo, que sofria com a dureza daqueles corações, não pôde deixar de exprimir a sua tristeza: «se em Tiro e em Sidónia se tivessem realizado os milagres que em vós se realizaram, há muito teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e cobrindo-se de cinza» (Mt 11, 21). Acrescentou que aquelas cidades serão tratadas com menor rigor no dia do juízo, pois a elas não foi dada a oportunidade de acolher o Filho de Deus. Jesus chorou, porque muitas pessoas não reconheceram o seu amor. «Existe um fechamento interior, relativo ao núcleo profundo da pessoa, a que a Bíblia chama “coração”. Isto é o que Jesus veio “abrir”, libertar, para nos tornar capazes de viver em plenitude a relação com Deus e com os outros»^[2].

O Senhor continua a passar pela nossa vida, e espera com entusiasmo que o acolhamos, que vivifiquemos o nosso coração com o seu Evangelho. «Eis que estou à porta e chamo; se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo» (Ap 3, 20). Se lançarmos um olhar para a nossa vida passada, talvez nos demos conta dos muitos prodígios que Jesus, tal como em Corozaim e Betsaida, operou em nós. Sabemos que todos temos tendência a ser Corozaim e Betsaida se não nos mantemos atentos a escutar Deus, a olhá-lo em todos os milagres que realiza na nossa alma. Por isso podemos pedir, especialmente ao Espírito Santo, que nos permita ver aquilo que esconde a realidade mais comum dos nossos dias, para perceber a grandeza da sua ação em nós e assim não endurecer o nosso coração.

«DEUS é amor» (1Jo 4, 8). Assim o experimentaram os que conviveram de modo mais próximo com Jesus, e nós também podemos dizê-lo. O Senhor não nos dá o seu amor somente se nos dirigimos a ele, ou se

fazemos as coisas como nos parece bem: é ele que «*nos primeireia*», é ele que tem a iniciativa para se aproximar de nós. O apóstolo João, que sabia bem desta experiência, deixou-o escrito assim numa das cartas: «Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou primeiro e enviou o seu Filho, vítima expiatória dos nossos pecados» (1Jo 4, 10). Toda a criação é a obra saída da mão de Deus, para que nós, os homens, dela desfrutemos em honra e louvor à Trindade. No entanto, às vezes pode-nos custar perceber a sua presença, dar-mo-nos conta do seu braço consolador nas dificuldades ou o seu gozo nas nossas alegrias.

Às vezes, talvez por falta de sensibilidade perante o sobrenatural, por nos enchermos da lógica puramente humana, não descobrimos tantas coisas que nos vêm de Deus. Daí que Jesus tenha dito: «Com quem hei de comparar esta geração? Parece-se com as crianças que estão sentadas nas praças e que gritam aos seus companheiros, dizendo: tocámos flauta para vós e não bailastes, entoámos lamentações e não chorastes» (Mt 11, 16-17). Parece que Deus não nos apoia nos nossos planos. No entanto, é ele que nos dá gratuitamente o seu amor: ele não pôs condições à sua encarnação nem à sua morte. No amor dulcíssimo de Maria podemos encontrar refúgio: ela, que tinha um coração que batia em uníssono com o do seu Filho, ajudar-nos-á a acolher o amor de Deus na nossa vida.

NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 01/10/2017.

[2] Bento XVI, Angelus, 09/09/2012.

Quarta-feira da XV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus revela-se nas Escrituras; descobrir Deus na criação; os simples de coração.

Sumário

- Deus revela-se nas Escrituras.
- Descobrir Deus na criação.
- Os simples de coração.

TODOS fomos criados à imagem e semelhança de Deus e temos um desejo intrínseco de nos unirmos ao nosso Criador. Isto, entre outros aspetos, manifesta-se numa procura constante de O conhecer melhor. No entanto, a nossa inteligência não pode, por si só, aceder aos seus mistérios mais íntimos. Por isso, o mais profundo do que sabemos sobre Deus recebemo-lo por Revelação, por aquilo que Ele mesmo nos deu a conhecer através dos escritores inspirados, dos profetas e, sobretudo, do seu próprio Filho.

Quando o Apóstolo Filipe pediu a Jesus que lhes mostrasse o Pai, a resposta foi imediata: «Quem Me viu, viu o Pai» (Jo 14, 9). Cristo é a imagem do Pai. O Deus invisível que apareceu a Moisés sob a forma de uma sarça ardente tem agora rosto e mãos. Além disso, apareceu como criança em Belém aos pastores (cf. Lc 2, 16-18), como adolescente entre os doutores da Lei (cf. Lc 2, 41-50), como penitente diante de João Batista (cf. Mt 1, 4-11). As suas múltiplas expressões são a imagem do Deus Uno e Trino que caminha entre os homens. Por isso, um dos melhores caminhos para conhecermos Deus é a leitura e a meditação do Evangelho.

Escrevia S. Josemaria: «Sempre procurei, quando falava diante do presépio, olhar assim para Cristo Nosso Senhor, envolto em faixas, sobre a palha da manjedoura. E quando Ele é ainda uma criança e não diz nada, vê-

lo como um médico, como um mestre. Preciso de olhar para Ele assim: porque tenho de aprender com Ele. E para aprender d'Ele, temos de procurar conhecer a Sua vida: ler o Santo Evangelho, meditar naquelas cenas que o Novo Testamento nos relata, para penetrar no sentido divino da caminhada terrena de Jesus»^[1]. Ao ler o Evangelho, é o próprio Espírito Santo que fala à nossa alma; ao mostrar-nos cada vez mais profundamente quem é Deus, mostra-nos também a nossa constituição mais profunda: ao revelar-nos Deus, revela-nos a nós próprios.

MUITOS artistas, consciente ou inconscientemente, refletem muitas vezes uma parte de si próprios nas suas obras. De forma semelhante, Deus imprimiu uma parte de si mesmo quando criou o mundo. «Junto da própria revelação, contida na Sagrada Escritura, há uma manifestação divina quando o sol brilha e quando a noite cai»^[2]. Através da criação, podemos entrar no conhecimento de Deus; aquilo que nos fascina quando contemplamos o mar, uma montanha ou um pôr do sol, reflete aspetos da sua natureza. Na contemplação do mundo criado, podemos descobrir algo de si próprio que o Senhor nos quer transmitir. «Por isso, a fé implica saber reconhecer o invisível, distinguindo os seus traços no mundo visível. O crente pode ler o grande livro da natureza e entender a sua linguagem (cf. Sal 19, 2-5)»^[3].

«Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho desmedido por nós. A terra, a água, as montanhas, tudo é carícia de Deus»^[4]. S. Francisco de Assis soube reconhecer esta linguagem em tudo o que existia. Por isso, o seu coração sentia a necessidade de agradecer a Deus por tudo o que saiu das suas mãos: o sol, que ilumina o nosso dia; a lua e as estrelas, que nos mostram a beleza; o vento e as nuvens, que nos dão o sustento...^[5] Como ensina o Catecismo da Igreja, «as várias criaturas, queridas no seu próprio ser, refletem, cada uma a seu modo, um raio da sabedoria e da bondade infinitas de Deus»^[6]. Esse espírito contemplativo fez com que os três jovens cantassem quando foram salvos por Deus do martírio: «Bendizei o Senhor, sol e lua, louvai-o e exaltai-o para sempre. Bendizei o Senhor, ó estrelas do céu, louvai-o e exaltai-o para sempre» (Dn 3, 62-63), seguido de todas as montanhas, picos, aves, animais selvagens e nascentes.

«EU TE DOU GRAÇAS, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25). Deus quis revelar-se a todos, e a simplicidade de coração é a melhor maneira de o reconhecer. No Antigo Testamento, quando o profeta Samuel procurava um novo rei para Israel, o escolhido foi David, o mais novo dos seus irmãos, que o seu pai nem sequer considerava como possível candidato. Jesus, ao pensar nos pilares do novo povo de Deus, a Igreja, escolheu homens que não eram conhecidos pela sua sabedoria: quase todos eram pessoas comuns, que ganhavam a vida com o seu trabalho manual.

Por vezes, podemos pensar que o Senhor nos escolhe por causa das nossas qualidades. Além do facto de os textos bíblicos nos mostrarem o contrário – que Deus escolhe precisamente os fracos – tal abordagem é perigosa, porque não nos pode amparar quando experimentamos a nossa fraqueza. É por isso que S. Paulo convida os cristãos de Corinto a considerar a particularidade da sua vocação: «Vede quem sois vós, os que Deus chamou: não há muitos sábios, naturalmente falando, nem muitos influentes, nem muitos bem-nascidos. Mas Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo para confundir os sábios; escolheu o que é fraco para confundir os fortes» (1Cor 1, 26-27).

Jesus não nos chama segundo critérios humanos. Ele vai para além das aparências: conhece perfeitamente os nossos defeitos e, por isso, só nos pede simplicidade de coração. «Jesus compreende as nossas fraquezas e atrai-nos para si, como se estivéssemos num plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco mais, dia após dia»^[7]. A Virgem Maria foi escolhida como Mãe de Deus por causa da sua simplicidade e discrição. Podemos recorrer a ela para que conquiste para nós um coração cada vez mais parecido ao seu.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[2] S. João Paulo II, Audiência, 02/08/2000.

[3] Bento XVI, Audiência, 06/02/2013.

[4] Francisco, *Laudato si'*, n. 84.

[5] cf. S. Francisco de Assis, *Cântico das criaturas*: FF 263.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 339.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 75.

Quinta-feira da XV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: descansar para renovar ideais; aprender a não ficar exausto; ler os sinais do cansaço.

Sumário

- Descansar para renovar ideais.
- Aprender a não ficar exausto.
- Ler os sinais do cansaço.

JESUS sabe que precisamos de descansar. Por isso, numa ocasião disse aos Apóstolos: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei» (Mt 11, 28). O próprio Deus experimentou o cansaço e, portanto, a necessidade de recuperar as forças. S. Josemaria gostava de contemplar este aspeto da humanidade do Senhor: «Quando nos sentirmos cansados – no trabalho, no estudo, nas tarefas apostólicas –, quando virmos o horizonte carregado de trevas, voltemos os olhos para Cristo: para Jesus bom, para Jesus cansado, para Jesus faminto e sedento. Como Te fazes compreender bem, Senhor! Como Te fazes amar!»^[1].

Durante as temporadas de intensa atividade, Jesus encorajaria os seus discípulos a não se deixarem levar pelo ativismo, a não julgarem tudo em termos de utilidade, a não pensarem que tudo dependia do que faziam: correr de um lado para o outro, estar sempre atarefados... Daí o convite a repousarem, não de qualquer maneira, mas recorrendo a Ele. «Não se trata apenas de descanso físico, mas também de descanso do coração. Porque não basta "desligar", é necessário descansar a sério. E como é que isso se faz? Para o fazer, é necessário regressar ao coração das coisas: parar, estar em silêncio, rezar»^[2].

Pode acontecer, inclusive, que a pressão por sermos produtivos apenas do ponto de vista humano contagie também os períodos de descanso.

Queremos realizar tantas coisas durante esse tempo que, no final, podemos acabar ainda mais exaustos do que antes. Talvez haja pessoas que, pelo contrário, tendem a planear o descanso em sentido oposto, procurando organizar apenas o imprescindível. Em qualquer caso, Jesus propõe um repouso que leva a olhar, com recolhimento, para o nosso coração, na sua presença, a fim de dar brilho aos ideais que movem o nosso dia a dia. Esse silêncio «é capaz de abrir um espaço interior no mais íntimo de nós mesmos, para fazer que aí habite Deus, para que a sua Palavra permaneça em nós, para que o amor por Ele se enraíze na nossa mente e no nosso coração e anime a nossa vida»^[3]. E esse descanso está ao nosso alcance em qualquer momento do ano.

HÁ MOMENTOS na vida que podem tornar-se particularmente desgastantes. Geralmente ocorrem quando, às exigências normais do dia a dia, se acrescentam outras mais extraordinárias que também requerem tempo e dedicação: a doença de um ente querido, o nascimento de um novo filho, projetos complexos que é preciso encerrar, um contratempo económico... Tudo isto, se se prolonga no tempo, torna necessário defender intervalos de descanso, ainda que sejam pequenos, para evitar que o desgaste se converta num problema maior: fazer desporto, ler, ouvir música, dedicar-se a um passatempo, desfrutar da companhia dos outros, etc.

Uma boa maneira de descansar é aprender a não se esgotar. Para isso, às vezes será necessário deixar momentaneamente nas mãos de outros a principal linha da frente de alguma tarefa, mesmo que nos custe. Isto não implica falta de esforço: significa simplesmente reconhecer os próprios limites, e também, por vezes, desprendermo-nos um pouco dos resultados do nosso trabalho. Deus quer que nos gastemos por amor, mas que não nos desgastemos a ponto de o amor poder extinguir-se, como sucede no desmoronamento da casa construída sobre a areia (cf. Mt 7, 24-27). Escrevia S. Josemaria: «Abatimento físico. – Estás... esgotado. – Descansa. Para com essa atividade exterior. – Consulta o médico. Obedece e despreocupa-te. – Em breve hás de regressar à tua vida e melhorarás, se fores fiel, os teus trabalhos de apostolado»^[4].

«Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje», aconselha a sabedoria popular. Embora esta frase tenha a sua parte de verdade, pois nos convida a ser diligentes e a não protelar os nossos trabalhos, também é bom lê-la ao contrário: «Deixa para amanhã o que não podes fazer hoje». Por outras palavras: hoje não carregues senão o que podes fazer. O livro da Sabedoria também exprime esta máxima: «Filho, não te ocupes de muitos assuntos; se te excederes, não estarás isento de culpa; por mais que corras não os alcançarás e ainda que fujas, não poderás escapar-lhes» (Sir 11, 10). Neste sentido, S. Josemaria também comentava: «Ficam-me sempre coisas para o dia seguinte. Temos de chegar à noite, depois de um dia cheio de trabalho, com muito que fazer para o dia seguinte. Temos de chegar à noite carregados, como burriquinhos de Deus»^[5].

UM DOS SINAIS de cansaço mais frequentes é o facto de as limitações do nosso carácter poderem tornar-se mais evidentes. De certa forma, é como se as defesas da nossa personalidade se debilitassem e atuamos de uma forma que talvez possa parecer estranha aos outros. Por exemplo, uma pessoa que costuma ser otimista, de repente reage com uma certa apatia, ou alguém que habitualmente é afável reage com uma brusquidão que não é habitual.

Nesses momentos, em que a nossa visão se torna um pouco turva, uma mão amiga pode ajudar-nos a conhecermo-nos e a ler os sinais do nosso cansaço, levando-nos a descansar antes de nos esgotarmos. S. Josemaria aconselhava assim uma pessoa que estava a passar por momentos desse tipo: «Que tudo te é indiferente? – Não queiras enganar-te (...) Não: para ti, não é tudo indiferente: é que não és incansável..., e necessitas de mais tempo para ti: tempo que será também para as tuas obras, porque, no fim de contas, tu és o instrumento»^[6].

Uma demonstração de amizade é ajudar os outros, ensiná-los com simpatia – sem condescendência, colocando-nos ao seu lado – a dizer não a certos pedidos, sem por isso se deixarem levar por remorsos; a descartar projetos que possam ocorrer, se não é realista empreendê-los; a aplicar a proporcionalidade e deixar talvez algumas coisas menos acabadas do que se quereria; a ver que, para além do que têm em mãos nesse momento, ou das

novas frentes que lhes ocorrem, é seu dever repor as forças. Podemos pedir à Virgem Maria que saibamos descansar e ajudar os outros a descansar, para assim podermos viver com a alegria de servir o seu Filho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 201.

[2] Francisco, *Angelus*, 18/07/2021.

[3] Bento XVI, 07/03/2012.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 706.

[5] S. Josemaria, *Carta 14*, n. 10.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 723.

Sexta-feira da XV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o sentido do sábado; domingo, o novo dia do Senhor; Eucaristia e descanso.

Sumário

- O sentido do sábado.
- Domingo, o novo dia do Senhor.
- Eucaristia e descanso.

EM CERTA ocasião, enquanto Jesus e os seus discípulos atravessavam um grande campo semeado, conta-nos Mateus que tiveram fome (cf. Mt 12, 1). Vendo-se rodeados de alimentos, os apóstolos começaram a apanhar e a comer espigas, «debulhavam-nas com as mãos e comiam-nas» (Lc 6, 1). A lei judaica permitia colher alguns grãos de trigo com a mão na messe do próximo (cf. Dt 23, 25). A controvérsia surge, no entanto, porque o fazem a um sábado. Quando os fariseus souberam deste acontecimento, disseram ao Mestre: «Repara, os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer ao sábado» (Mt 12, 2).

Lê-se no livro do Êxodo que Deus pede ao povo da Aliança: «Guarda o dia de sábado para o santificar» (Ex 20, 8). Por iniciativa divina, o *shabbat* não se colocou junto aos preceitos que faziam referência ao culto, mas sim dentro do próprio Decálogo. O texto inspirado explica o motivo do mandamento: «Pois em seis dias o Senhor fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto eles contêm, e ao sétimo descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e tornou-o sagrado» (Ex 20, 11). Ao preceito divino do *shabbat*, com o passar do tempo, foram sendo acrescentadas prescrições humanas cada vez mais rigorosas. Na época de Jesus tinha-se concretizado o preceito até ao ponto de existir uma classificação de 39 espécies de trabalhos proibidos.

Jesus, como autêntico intérprete dos preceitos divinos, responde à queixa dos fariseus sublinhando o verdadeiro – e talvez esquecido – sentido do sábado: o serviço a Deus ou ao próximo e, por isso, a inatividade não devia ser o critério supremo. Mais do que fixar-se numa casuística sobre o permitido ou o proibido, Cristo convida a centrar o olhar na razão profunda pela qual Javé estabeleceu o descanso sabático: abster-se de certas ocupações para poder honrar o Senhor com maior disponibilidade. O mandamento relativo ao sábado fazia referência ao misterioso *descanso* de Deus depois da criação e também à salvação de Israel da escravidão do Egito. Por isso pode dizer-se que a observância deste dia tem carácter libertador. O propósito da lei divina não era atar as pessoas a inumeráveis preceitos, mas sim libertá-las semanalmente do menos importante para que dirigissem o seu olhar para Deus: recordar que somos filhos do Criador de todas as coisas e de quem nos liberta de toda a escravidão.

NO CONTEXTO da discussão sobre a questão do sábado, Jesus revela a grandeza da sua identidade. «Não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no Templo quebram o descanso e não pecam? Eu vos digo que aqui está quem é maior do que o Templo» (Mt 12, 5-6). O Templo tinha a máxima dignidade por ser a casa onde habitava Javé. Só o próprio Deus era superior ao Templo. Com estas palavras, Cristo proclama claramente a sua divindade. Ao terminar a conversa, como conclusão, acrescenta: «Porque o Filho do Homem é senhor do sábado» (Mt 12, 8). Tendo em conta que o preceito do sábado é de instituição divina, Jesus estava-se a apresentar implicitamente como Deus: este é o grande acontecimento cristão.

Com as suas palavras o Mestre não pretendia desprezar o descanso sabático. Sabemos que Jesus cumpria a lei, tanto a religiosa como a civil: ia à sinagoga com os seus discípulos todos os sábados, pagava os impostos, peregrinava ao Templo com os seus parentes e vivia as festas como qualquer judeu devoto. De facto, depois da Ressurreição, os seus discípulos continuaram a ir à sinagoga aos sábados, ainda que comessem também a reunir-se no primeiro dia da semana, fazendo memória de Jesus Ressuscitado. O primeiro dia da semana tinha passado a ser o dia da nova criação e da libertação definitiva.

Com o passar do tempo, na primeira comunidade cristã, o domingo foi substituindo, paulatinamente, o sábado como o *dies Domini*, o dia do Senhor. O domingo não era um dia mais para aqueles cristãos dos primeiros séculos, mas era o próprio centro da sua vida. Por este motivo, séculos depois, a Igreja estabeleceu o preceito dominical. Deste modo, os fiéis, abstendo-se de certas atividades que impedem de dar culto a Deus, podem «gozar da alegria própria do dia do Senhor ou desfrutar do devido descanso da mente e do corpo»^[1]. Jesus «entrega-nos o “seu dia” como um dom sempre novo do seu amor. (...) O tempo oferecido a Cristo nunca é um tempo perdido, é antes um tempo ganho para a humanização profunda das nossas relações e da nossa vida»^[2].

TESTEMUNHOS do século II contam que os primeiros cristãos se reuniam ao domingo para celebrar a Eucaristia: «No dia que se chama dia do sol tem lugar a reunião, num mesmo sítio, de todos os que habitam na cidade ou no campo. Leem-se as memórias dos Apóstolos e os escritos dos profetas. (...) Em seguida, leva-se ao que preside à reunião dos irmãos, o pão e um copo com água e vinho misturados»^[3]. Na Missa do domingo deixamo-nos encontrar por Deus: escutamos a sua palavra e alimentamo-nos com o Pão de vida, em comunhão com toda a Igreja. «Recorda-nos também, com o descanso das nossas ocupações, que não somos escravos, mas filhos de um Pai que nos convida constantemente a pôr toda a esperança nele»^[4].

Desta maneira, o domingo é realmente o «dia de Cristo» e, ao mesmo tempo, é o «dia do homem». O repouso próprio desse dia, partilhado com Deus e com toda a Igreja, ajuda-nos a renovar as nossas forças para levar a cabo as tarefas da semana. Entregamos a Deus, por meio do sacrifício do seu Filho, todos os acontecimentos da semana que terminou e os da semana que começa. «Sempre entendi o descanso – considerava S. Josemaria – como o afastamento do trabalho diário, nunca como dias de ócio. Descanso significa represar: acumular forças, ideias, planos... Em poucas palavras: mudar de ocupação, para voltar depois – com novos brios – à atividade habitual»^[5]. A Virgem Maria, que terá participado naquelas primeiras reuniões dominicais, pode interceder por nós para que Deus nos aumente o desejo de alimentar-nos do seu Pão e da sua palavra.

NOTAS

[1] *Código de Direito Canónico*, n. 1247.

[2] S. João Paulo II, *Dies Domini*, n. 7.

[3] S. Justino, *Apologia*, 1, 65.

[4] Francisco, Audiência, 13/12/17.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 514.

XVI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

Reflexão para meditar no XVI domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: o Reino de Deus cresce em cada um; o joio convive com a semente; acolher a boa semente.

Sumário

- O Reino de Deus cresce em cada um.
- O joio convive com a semente.
- Acolher a boa semente.

JESUS, durante a Sua pregação, usa parábolas para ilustrar alguns aspetos do Seu ensino. Numa ocasião, explicou o Reino de Deus com três imagens: a boa semente que é semeada juntamente com o joio, a pequena semente de mostarda que se torna numa árvore frondosa e o fermento que leveda a massa (cf. Mt 13, 31-33). Os três exemplos estão unidos por uma ação comum: o crescimento. A boa semente e o joio crescem juntos até se separarem na época da colheita; a semente de mostarda cresce e torna-se numa grande árvore onde as aves do céu vêm fazer o ninho; um pouco de fermento na farinha faz a massa crescer.

O Reino de Deus caracteriza-se, portanto, pelo seu dinamismo, por estar sempre em movimento. Não é uma realidade estática: está destinada a crescer todos os dias e em todas as circunstâncias históricas. O Reino de Deus cresce sobretudo quando o homem dá lugar à iniciativa divina, quando aquela semente pode manifestar toda a sua força, sobretudo dentro de nós. Como um bom jardineiro, o Senhor cuida daquela terra que cada um de nós é, sabe esperar, «olha para o *campo* da vida de cada pessoa com paciência e misericórdia: vê muito melhor do que nós a sujeira e o mal, mas vê também os germes do bem e espera com confiança que eles amadureçam»^[1].

Jesus dá-nos a entender que «dentro de nós foi semeado algo de pequeno e escondido que, no entanto, possui uma força vital insuprimível. Não obstante todos os obstáculos, a semente desenvolver-se-á e o fruto amadurecerá»^[2]. É uma realidade consoladora: se não impedirmos o crescimento de Deus em nós, o Seu Reino vai crescendo no nosso coração, muitas vezes sem que o percebamos muito claramente.

NA PRIMEIRA das parábolas, a boa semente de trigo e a má semente de joio crescem num campo ao mesmo tempo. Quando os discípulos Lhe perguntam sobre o significado da imagem, Jesus explica: «Aquele que semeia a boa semente é o Filho do homem e o campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino, o joio são os filhos do Maligno e o inimigo que o semeou é o Diabo» (Mt 13, 37-39). Desta forma, esclarece que, embora o mal esteja presente no mundo, não provém de Deus.

O Senhor mostra que o joio coexiste com a boa semente até ao fim da colheita. «Não é possível pensar a história humana sem joio; ou seja, como o próprio Jesus diz, não é possível erradicar totalmente o joio porque ele está misturado com o bom»^[3]. E vemos esta realidade fora de nós, mas sobretudo experimentamo-la no próprio coração, onde coexistem autênticos desejos de santidade e também más inclinações. Temos a mesma experiência que tanta dor causou a S. Paulo, quando percebeu que o pecado habitava nele: «Assim, o que realizo, não o entendo; pois não é o que quero que pratico, mas o que eu odeio é que faço» (Rm 7, 15).

Não podemos surpreender-nos nem perder a esperança ao sentir as ervas daninhas no nosso coração: inveja, ciúmes, desejos menos nobres... Nesse sentido, dizia S. Josemaria: «Não vos entristeçais se, nos momentos mais estupendos da vossa vida, vos sobrevier a tentação – que talvez possais confundir com um desejo consentido, mas não é – das maiores fealdades que se possa imaginar. Recorrei à misericórdia do Senhor, contando com a intercessão da Sua Mãe e nossa Mãe, e tudo se resolve. Depois desatai a rir: Deus trata-me como a um santo! Não tem importância nenhuma: convencei-vos de que a qualquer momento pode surgir a velha criatura que todos carregamos dentro de nós. Contentes, e lutar como sempre!»^[4].

A PARÁBOLA do trigo e do joio resume, de certa forma, o mistério da história humana: nela estão presentes tanto a ação de Deus como a liberdade do homem quando é usada para o pecado. Com as nossas ações podemos contribuir para o crescimento da semente do Reino de Deus, mas também fazer crescer o joio. E este não é arrancado de antemão do campo, porque o Senhor nos deixou completamente livres. Ele não nos criou predeterminados para alimentar apenas a boa semente, nem cercou a terra com altos muros para protegê-la: deixou-a ao relento para que crescesse sem limites, mesmo sabendo que talvez alguém pudesse sabotar temporariamente alguma área da colheita.

No campo do nosso coração, a boa semente convive com a semente da erva má. Na liberdade do nosso coração, é decidido se o joio sufocará o trigo ou se o trigo derrotará o joio. Às vezes, porém, não é fácil fazer esse discernimento, pois o bem e o mal estão interligados. É hora de tomar a decisão de querer ser um bom grão, «com todas as nossas forças e, portanto, afastarmo-nos do maligno e das suas seduções»^[5]. Só seremos verdadeiramente felizes se acolhermos a boa semente, usando a nossa liberdade de amar a Deus e aos outros. No discernimento por ser um bom grão, um bom critério pode ser escolher sempre o serviço.

«Quem, examinando a sua consciência, descobre ser joio – escreveu Sto. Agostinho – não deve ter medo de mudar. Ainda não há ordem de cortar, ainda não é tempo de colheita; não sejas hoje o que foste ontem, ou não sejas amanhã o que és hoje»^[6]. A Virgem Maria, nossa esperança, apoiar-nos-á nesta batalha para fazer crescer a boa semente, conquistar os nossos corações e os corações dos que nos rodeiam.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 20/07/2014

[2] Bento XVI, Angelus, 17/07/2011

[3] S. João Paulo II, Homilia, 19/07/1987.

[4] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, “El talento de hablar”.

[5] Francisco, Angelus, 23/07/2017.

[6] Sto. Agostinho, Sermão 73, A.

Segunda-feira da XVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o pensamento de alguns corações; reconhecer a nossa fraqueza; escutar a voz de Deus.

Sumário

- O pensamento de alguns corações.
- Reconhecer a nossa fraqueza.
- Escutar a voz de Deus.

QUANDO Jesus era apenas um recém-nascido, o velho Simeão disse a Maria: «Este é um sinal de contradição, para que se revelem os pensamentos de muitos corações» (Lc 2, 34-35). Durante a sua permanência na terra, o contacto com Cristo dificilmente deixava as pessoas indiferentes. A sua palavra e as suas ações convidavam cada homem e cada mulher a entrar no seu próprio coração para O conhecer melhor. Os relatos evangélicos detêm-se com particular insistência no efeito que o encontro com Jesus provocou nos escribas e fariseus. Para eles, que em geral eram muito instruídos e tinham uma reputação social reconhecida, o Senhor era uma personagem incómoda. De facto, Ele revelava ao povo os pensamentos dos seus corações; por vezes revelava o desprezo que sentiam pelos demais e como, paradoxalmente, aqueles que eram os guias religiosos se fechavam à luz de Deus (cf. Lc 18, 9; Jo 9, 41).

O Senhor escandalizava os fariseus com a sua conduta e a sua doutrina (cf. Mt 15, 12); ao mesmo tempo, a evidência dos seus milagres levava-os a acreditar n'Ele (cf. Jo 3, 2), sobretudo aqueles que não tinham contagiado as suas convicções espirituais com a lógica mundana. Jesus convidava-os a uma conversão sincera, a abraçar sem reservas a pessoa do Filho de Deus, o que significava abraçar também os outros, sem distinção. Para muitos fariseus, esta situação tornou-se um beco sem saída (cf. Jo 9, 16).

Um dia, não podendo tolerar mais esta tensão, pediram a Jesus um gesto definitivo: «Mestre, queremos ver um sinal da tua parte» (Mt 12, 38). Como mestres de Israel, tinham à sua disposição sinais mais do que suficientes para os abrir à luz da fé; tinham testemunhado como Cristo tinha respondido muitas vezes às suas perguntas e feito milagres. Em todo o caso, Jesus dar-lhes-á o sinal definitivo que pedem: «Tal como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem estará três dias e três noites nas entranhas da terra» (Mt 12, 40). Se nos dispusermos a deixar-nos surpreender por Jesus, encontraremos na sua ressurreição o maior sinal para O abraçar e para acolher a fé que transforma a nossa vida. Mas é um sinal reconhecível por aqueles que são simples de coração: por aqueles que não se embrenham mesquinamente no conhecimento, nem colocam a sua própria honra acima da de Deus.

«SE DIZEMOS que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a iniquidade» (1Jo 1, 8-9). Esta é a experiência do apóstolo João que, como demonstra no seu Evangelho, refletiu muito sobre a luz que Jesus trouxe ao mundo; uma luz que nos liberta da escravidão do pecado (cf. Jo 8, 31-47) e nos permite viver com a liberdade dos filhos de Deus (cf. 1Jo 3, 1-10). Esta foi também a experiência dos habitantes de Nínive, que «se converteram com a pregação de Jonas» (Mt 12, 41). A Sagrada Escritura diz-nos que o ensinamento do profeta não foi particularmente brilhante nem entusiasta, mas bastou para que os habitantes daquela cidade mudassem de vida e se abrissem à misericórdia infinita de Deus (cf. Jo 3, 10).

Deus conhece-nos melhor do que ninguém, por isso sabe que o que cura a nossa alma é a dupla confissão da nossa fraqueza, por um lado, e a realidade do seu perdão, por outro: “Senhor, pequei. Tem piedade e misericórdia de mim”. Este reconhecimento elimina um obstáculo que muitas vezes nos pode separar dele: o orgulho. «Se um de nós diz: “Ah, obrigado Senhor, porque sou uma boa pessoa, faço coisas boas, não faço grandes pecados...”. Não é um bom caminho, é um caminho de autossuficiência, é um caminho que não nos justifica»^[1]. Pelo contrário, perscrutar o nosso coração para descobrir todas as vezes que nos preferimos

a nós próprios em vez de amar Deus e os outros é o caminho da conversão, que é o segredo da verdadeira alegria.

Os santos sempre se sentiram necessitados da misericórdia de Deus. S. Josemaria definia-se a si próprio como um pobre pecador que amava loucamente Jesus Cristo. E lembrava que, se tivermos o desejo de voltar sempre à casa do Pai, de nos refugiarmos na sua misericórdia, encontraremos uma felicidade que as nossas fraquezas não nos podem tirar: «A alegria é um bem cristão. Só se oculta com a ofensa a Deus: porque o pecado é o produto do egoísmo, e o egoísmo é a causa da tristeza. Mesmo assim, essa alegria permanece no braseiro da alma, porque sabemos que Deus e a sua Mãe nunca esquecem os homens. Se nos arrependermos, se um ato de dor brotar do nosso coração, se nos purificarmos no santo sacramento da Penitência, Deus vem ao nosso encontro e perdoa-nos, e não há mais tristeza»^[2].

DEUS ABENÇOEA com a sua graça abundante aqueles que se abrem com simplicidade às luzes que Ele envia, mesmo que por vezes sejam tão ténues como as que o povo de Nínive recebeu. Quando uma alma se esforça por manter a sua alma sensível e à escuta, basta uma pequena insinuação do Senhor para a encher de amor, de ação de graças, de contrição ou de propósitos de luta. São almas sensíveis à luz, com uma disposição que é um dom do Espírito Santo.

Por vezes, essas insinuações chegam-nos explicitamente através de pessoas que nos amam, que se preocupam connosco e que nos dão a sua opinião sobre algo que poderíamos mudar. Outras vezes, o Espírito Santo dispõe-nos de outro modo, levando-nos a partir em busca da luz. Foi o que fez a rainha de Sabá, que suportou uma longa viagem para escutar Salomão, em cuja sabedoria reconheceu a ação de Deus (cf. 1Rs 10, 1-13). Temos em Jesus alguém que é muito mais do que Salomão, e não precisamos de ir até aos confins do mundo para ouvir a sua voz (cf. Mt 12, 42). A sua luz chega até nós, entre muitas outras formas, através do contacto direto com a Sagrada Escritura, através da leitura de um livro espiritual, ou através do acompanhamento espiritual, onde outra pessoa nos ajuda a descobrir essas insinuações divinas.

Mas é sempre o Espírito Santo que «nos ensina por onde começar, que caminhos tomar e como caminhar»^[3]. Qualquer caminho pelo qual escutamos Deus só será saudável e fecundo se estivermos pessoalmente conscientes de que é o Paráclito que nos guia com suavidade e grandeza de horizontes. A Virgem Maria, que viveu sempre aberta para acolher a palavra divina, pode ajudar-nos a escutar com humildade e gratidão a voz de Deus.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 29/03/2023.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 178.

[3] Francisco, Homilia, 06/06/2022.

Quinta-feira da XVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: conhecer os sentimentos de Cristo; o valor da mortificação interior; a oração, dom de Deus.

Sumário

- Conhecer os sentimentos de Cristo.
- O valor da mortificação interior.
- A oração, dom de Deus.

NA ORAÇÃO podemos falar com Jesus acerca da nossa vida. É natural que sintamos a necessidade de conversar com o nosso melhor amigo sobre os temas que nos interessam, sobre as pessoas que dão sentido à nossa vida, ou sobre as tristezas e alegrias que, numa trama por vezes difícil de compreender, compõem a nossa existência. Mas, ao mesmo tempo, ao contemplarmos a vida de Jesus, procuramos também colocar-nos ao seu lado para intuir as suas preocupações, compreender como pensa, absorver a sua lógica divina e descobrir as intenções que nos quer transmitir com cada um dos seus gestos. A leitura meditada do Evangelho ajuda-nos precisamente a compreender, pouco a pouco, os sentimentos de Cristo.

Em várias ocasiões, os apóstolos tentaram descobrir os motivos que moviam os seus ensinamentos. «Por que razão lhes falas por meio de parábolas?» (Mt 13,10), perguntam-Lhe. Dão-se conta de que as parábolas escondem uma certa ambiguidade: por um lado, Jesus adapta a sua linguagem aos interesses e conceitos dos ouvintes; mas, por outro, com essas narrativas parece que o Senhor quer esconder verdades mais profundas. Trata-se de uma linguagem misteriosa e indireta que deixava insatisfeita a ânsia dos seus apóstolos de O ver revelar-Se ao mundo numa forma mais clara. Seguramente era o carinho e a admiração que levava os apóstolos a pedir a Jesus que fosse mais explícito nas suas palavras. Mas a resposta do Senhor não foi, provavelmente, a que eles esperavam: «Falo-

lhes em parábolas, porque vendo não veem, e ouvindo não ouvem nem entendem» (Mt 13, 10).

Talvez alguns dos que escutavam Jesus o fizessem de um modo superficial. Talvez o fizessem para confirmar a sua maneira de pensar ou para detetar possíveis incoerências nas suas palavras. Todas essas atitudes, no fundo, impediam que a palavra de Cristo chegasse aos seus corações. E essas são maneiras de escutar das quais ninguém está completamente a salvo. A palavra de Deus está sempre viva, impele-nos a encher com o Evangelho, antes de mais a nossa vida e, assim, também o nosso ambiente. «Querer domesticar a Palavra de Deus é uma tentação de todos os dias»^[1], escutar o que queremos escutar, e não o que Deus nos quer dizer. Se nos aproximarmos de Jesus com a abertura de coração dos apóstolos, também o Senhor nos poderá dar a conhecer os seus sentimentos, que renovam constantemente a Terra.

EM MUITOS desportos de alta competição, costuma-se afirmar que, além da aptidão física, é fundamental a corrida interior, aquela que se faz com a cabeça e o coração. Do mesmo modo, para a nossa vida de oração, não basta que nos proponhamos dedicar a Jesus um certo tempo. Naturalmente, esse é um passo imprescindível para nos abirmos à sua voz. Mas, como o Senhor indicou aos seus apóstolos, é também necessário cuidar dos sentidos internos, ou seja, abrir os ouvidos da alma e tentar calibrar os olhos do coração para podermos perceber a proximidade de Cristo. A mortificação interior coloca-nos em sintonia com a presença de Deus na nossa alma. Não se trata apenas de uma luta negativa que tem como fim rejeitar imaginações ou recordações, não se deixar levar pela curiosidade, ou refrear o impulso dos olhos ou dos ouvidos. Todos estes esforços são dirigidos para um fim, que é o de nos concentrarmos no que é realmente importante, no que nos dá a felicidade: saborear a presença de Cristo na nossa vida; escutar, olhar, imaginar e recordar o que nos enche de Deus.

Por tudo isto, S. Josemaria escreveu: «Se não fores mortificado, nunca serás alma de oração»^[2]. Alguns dos que seguiam Jesus eram incapazes de aprofundar nas suas palavras porque tinham os ouvidos e os olhos cheios de

distrações, estavam cansados de não entender Deus. Pode acontecer-nos também a nós que, apesar do desejo sincero de nos sintonizarmos com o Senhor, as imagens do dia e os ruídos que ressoam na nossa cabeça nos dificultem a contemplação de Cristo. Tal como é necessário fazer exercícios frequentes para adquirir uma boa forma física, também a atenção se pode treinar de modo similar. Assim, com cada pequeno esforço por rejeitar ou redirecionar as distrações – no trabalho, na vida social, num tempo de oração –, exercitamos essa força que nos ajudará a conectar com a realidade que temos entre mãos, pois aí está Deus. Deste modo, poderemos contemplar com mais facilidade o rosto de Cristo em todas as circunstâncias do dia a dia.

«EM VERDADE vos digo – declara Jesus – que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram, e ouvir o que ouvís e não o ouviram» (Mt 13, 16-17). O Senhor poderia dirigir estas mesmas palavras às pessoas de qualquer tempo e lugar. De facto, os profetas e os justos não puderam contemplar Deus como nós podemos fazê-lo no sacrário, nem recebê-lo sacramentalmente na nossa alma. A oração cristã, ao ter a Eucaristia como centro, introduz-nos numa relação com o Senhor muito mais próxima, familiar. «Se os homens desde sempre estavam acostumados a aproximar-se de Deus um pouco intimidados, um pouco assustados por este mistério, fascinante e terrível (...), os cristãos, pelo contrário, dirigem-se a Ele, ousando chamá-lo com confiança com o nome de "Pai"»^[3].

Por isso, a oração, mais do que um esforço humano, é um dom que o Senhor nos concedeu. Cada instante que partilhamos com Ele é um privilégio imerecido. Não somos nós que fazemos um favor a Deus ao dedicar-Lhe alguns minutos do nosso dia; é Ele que, movido pela sua misericórdia infinita, nos convida a desfrutar da sua presença, nos oferece o presente gratuito da sua amizade.

E quanto mais tomamos consciência da nossa fragilidade, mais sentimos a necessidade de nos refugiarmos neste dom: «Na oração, mais do que noutras dimensões da existência, experimentamos a nossa debilidade, a nossa pobreza, a nossa condição de criaturas, pois nos encontramos ante a onnipotência e a transcendência de Deus. E quanto mais progredimos na

escuta e no diálogo com Deus, para que a oração se converta na respiração diária da nossa alma, tanto mais nos apercebemos também do sentido da nossa limitação, não só nas situações concretas de cada dia, mas também na própria relação com o Senhor. Então aumenta em nós a necessidade de confiar, de nos abandonarmos cada vez mais a Ele; damo-nos conta de que “não sabemos orar como convém” (Rm 8, 26)»^[4]. A Virgem Maria, mestra de oração, pode ajudar-nos a acolher, com abertura de coração, o dom que o seu Filho nos concedeu.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 27/01/2019.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 172.

[3] Francisco, Audiência, 13/05/2020.

[4] Bento XVI, Audiência, 16/05/2012.

Sexta-feira da XVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: compreender a palavra de Deus; convicções firmes; ser boa terra.

Sumário

- Compreender a palavra de Deus.
 - Convicções firmes.
 - Ser boa terra.
-

OS APÓSTOLOS nem sempre entendiam as palavras de Jesus. Apesar da intimidade que tinham com Ele, muitas vezes os seus esquemas humanos não conseguiam penetrar no raciocínio divino. Mas Cristo, em vez de se impacientar ou insinuar cansaço perante a incompreensão, não hesitava em repetir os seus ensinamentos de uma forma mais clara. Afinal de contas, o que lhe importava era que a sua mensagem chegasse ao coração dos homens. Esta realidade pode confortar-nos quando também nós nos sentimos perdidos, ou quando não compreendemos claramente a vontade de Deus num determinado momento: podemos ter a certeza de que Jesus nos procurará para explicar aquela situação inesperada ou aquela palavra incompreensível, como fez com os Apóstolos depois de contar a parábola do semeador.

«Quando um homem ouve a palavra do reino e não a compreende, vem o Maligno e arrebatada o que foi semeado no seu coração» (Mt 10, 19). Uma palavra que não é compreendida é como uma semente que fica à superfície: não pode desenvolver todas as potencialidades que esconde, não pode crescer para dar sombra aos outros. Por isso, a leitura meditada e frequente do Evangelho facilita a entrada dessa semente na terra da nossa alma, para que possa crescer e dar fruto. «A Palavra de Deus percorre um caminho dentro de nós. Escutamo-la com os ouvidos e ela passa para o coração; não permanece nos ouvidos, mas deve chegar ao coração; e do coração às mãos,

às boas obras. Eis o percurso da Palavra de Deus: dos ouvidos ao coração e às mãos»^[1]. Podemos perguntar: desejo, como os Apóstolos, compreender o que Jesus me quer dizer, para que a sua palavra dê fruto na minha vida? Quero estar disponível a que a palavra de Deus germine na minha mente, no meu coração e nas minhas mãos?

OCASIONALMENTE, teremos tido a experiência de iniciar um projeto com entusiasmo. Ficamos contentes ao levá-lo para a frente, porque nos entusiasma fazer parte dele, ou pelos grandes resultados que um dia irá produzir. No entanto, pode acontecer que, perante a rotina de certas tarefas ou com o aparecimento de algumas dificuldades, percamos esse impulso inicial. Então, vemos de forma nublada o sentido do que estamos a fazer e perguntamo-nos até que ponto foi boa ideia empreender essa aventura. Algo de semelhante pode acontecer na nossa relação com Deus: por vezes, podemos alternar momentos de vibração e de facilidade com momentos de apatia ou desinteresse. E Jesus fala desta situação na parábola: «Aquele que recebeu a semente em sítios pedregosos é o que ouve a palavra e a acolhe de momento com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, porque é inconstante, e, ao chegar a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, sucumbe logo» (Mt 10, 20-21).

O Senhor fala-nos da constância como um critério importante para descrever a fé que temos na oração. É precisamente no momento da cruz, quando o entusiasmo desapareceu, que temos a oportunidade de confiar no poder da oração, de crescer na fé humana e sobrenatural. Embora seja humanamente compreensível que todos tenhamos tendência para nos alegrarmos quando as coisas correm bem e perdermos a alegria quando não correm, somos verdadeiramente senhores de nós próprios quando a nossa vida é guiada por convicções profundas e pela ajuda de Deus. A monotonia ou a falta de vontade no trato com o Senhor não são obstáculos, mas oportunidades para procurarmos estar mais unidos a Ele; são um bom momento para que o fundamento da nossa vida deixe de ser um estado de espírito ou as circunstâncias exteriores, muitas vezes incontrolláveis, mas sim colocar a semente no solo fértil do chamamento de Deus para partilharmos a nossa vida com Ele.

«E AQUELE que recebeu a palavra em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende. Esse dá fruto e produz ora cem, ora sessenta, ora trinta por um» (Mt 10, 23). O fruto da boa semente não depende só das nossas forças. Como escreveu S. Josemaria, não devemos esquecer que «Jesus é simultaneamente o semeador, a semente e o fruto da sementeira: o Pão da vida eterna»^[2]. A nossa alma, pela misericórdia de Deus, pode ser a boa terra que ajuda a semente a desenvolver todo o seu conteúdo.

A vida quotidiana apresenta-nos muitas situações em que podemos viver uma caridade que prepara o terreno e permite que o Senhor cresça em nós. «Essa palavra acertada, a «piada» que não saiu da tua boca, o sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçadores e com os importunos, não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, de pessoas que convivem contigo... Isto, com perseverança, é que é sólida mortificação interior...»^[3]. São estes os frutos saborosos que mostram que a semente do Senhor caiu em boa terra e que, por sua vez, continuam a preparar o terreno para a oração.

«Cada um de nós é um solo onde cai a semente da Palavra, sem excluir ninguém! A Palavra é dada a cada um de nós. Podemos perguntar-nos: que tipo de terreno sou eu? Pareço-me com o caminho, com o solo pedregoso, com os arbustos? Mas, se quisermos, com a graça de Deus, podemos tornar-nos terreno fértil, lavrado e cultivado com cuidado, para que a semente da Palavra amadureça. Já está presente no nosso coração, mas fazê-la frutificar depende de nós, depende do acolhimento que reservarmos a esta semente»^[4]. A Virgem Maria foi a terra boa e fértil em que Deus cresceu. Ela pode ajudar-nos para que também nós nos tornemos terra sem espinhos nem pedras, para dar bons frutos para a nossa vida e para a vida dos outros.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 31/01/2018.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 151.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 173.

[4] Francisco, Angelus, 12/07/2020.

XVII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XVII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: descobrir a própria vocação; acertar no caminho;
frutos da fidelidade.*

Sumário

- Descobrir a própria vocação.
- Acertar no caminho.
- Frutos da fidelidade.

EM CERTA OCASIÃO, Jesus comparou o Reino de Deus a um tesouro escondido num campo. Um homem, ao encontrá-lo, não hesita em vender tudo o que tem para conseguir aquele terreno. Esta imagem serviu frequentemente para ilustrar, além da chamada ao seguimento de Cristo, a experiência de uma chamada mais específica que, às vezes, Deus dirige às pessoas. O Senhor reservou para todos nós um tesouro que, para encontrá-lo, é preciso vender tudo o que temos. No entanto, surge naturalmente uma questão: como começo a procurar aquele terreno onde pode haver um tesouro à minha espera? Como escolho o terreno que há que comprar? Ou mais diretamente: como posso descobrir a minha própria vocação?

Para responder a esta pergunta, S. Josemaria costumava dizer que não é possível «oferecer fórmulas pré-fabricadas, nem métodos ou regulamentos rígidos». Seria como tentar «pôr trilhos na ação sempre original do Espírito Santo»^[1], que sopra onde quer. Os caminhos para chegar a Deus são tão variados quanto o número de pessoas. O Evangelho, porém, mostra-nos um traço comum a todos os interessados em descobrir o terreno onde se encontra o tesouro: a inquietação do coração. Nicodemos, ouvindo os ensinamentos de Jesus, quis saber se aquele homem era o Messias; como estava cheio de dúvidas e incertezas, só ousava abordá-lo à noite em busca de respostas. O jovem rico, por sua vez, estava insatisfeito com a existência

correta que levava, e por isso dirigiu-se a Cristo, apressadamente, para perguntar-lhe o que deveria fazer para alcançar a vida eterna.

Eles, como tantos outros, eram *buscadores*: esperavam um acontecimento que mudasse as suas vidas e os enchesse de aventura. Os santos, quando descobriam algo específico da sua vocação, tinham a alma aberta e faminta. Sonhavam com uma maior intimidade com Deus, desejavam fazer crescer a Igreja, ansiavam por uma existência em que pudessem fazer uso dos talentos recebidos, queriam aliviar o sofrimento do mundo... Eles souberam dar rédea solta àquela inquietação do coração no diálogo com Deus: «Que queres dizer-me? Que é que esses desejos e inclinações significam no meu coração?». Deus, ao longo do caminho, vai-nos deixando sinais que, unidos em oração, formam um desenho reconhecível que pode indicar onde está a terra com o tesouro escondido.

UMA VEZ comprado o terreno, outra preocupação pode surgir: como saber se o tesouro que encontrei é meu? Quer dizer, este é o caminho certo para mim? O início de uma vocação, como o início de qualquer projeto, costuma trazer consigo uma dose de incerteza. Por detrás dessa dúvida está um medo bastante normal: não sabemos ao certo o que acontecerá no futuro, aonde esse caminho nos levará, já que não o percorremos antes. Além disso, a consciência da nossa própria fragilidade também pode fazer-nos pensar que talvez não estejamos à altura do que Deus nos pede.

Contudo, não se trata de esperar por um plano traçado até ao último detalhe. Deus confiou-nos um pedaço de terra, mas também conta com a nossa iniciativa, conta com o que pensamos, queremos e fazemos. Viver significa aventura, risco, limitações; significa sair do pequeno mundo que controlamos, para encontrar a beleza de dedicar as nossas vidas a algo que é maior do que nós e que preenche plenamente a nossa sede de felicidade. Claro, é necessário pensar sobre as coisas. É o que a Igreja chama tempo de discernimento. No entanto, deve ter-se em mente que «o discernimento não é uma autoanálise egocêntrica, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos rumo ao mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual ele nos chamou para o bem dos irmãos»^[2]. A vocação implica expandir o nosso horizonte além do terreno conhecido,

aquela zona também chamada de conforto, de segurança individual, para nos lançarmos num projeto que nos conduza por caminhos de dar e receber ainda mais amor.

«Sabes que o teu caminho não é claro – escrevia S. Josemaria – E não o é, porque, não seguindo Jesus de perto, ficas nas trevas. – Que esperas para te decidires?»^[3]. Só se eu escolher o caminho posso percorrê-lo, vivendo o que escolhi. Toda a vocação tem uma dose de incerteza que Deus quis para salvaguardar a nossa liberdade, para que dêmos o primeiro passo. Para ver a estrela, como os Magos, é preciso pôr-se a caminho, porque os planos de Deus sempre nos ultrapassam, vão além de nós mesmos. Somente confiando nele nos tornamos capazes. A princípio não se pode: é preciso crescer. Mas para crescer é preciso acreditar: «Sem mim nada podeis fazer» (Jo 15, 5), comigo tudo podeis.

HÁ UMA terceira pergunta que se pode fazer quando já se está na posse do tesouro daquela imagem que Jesus utiliza: que posso fazer com ele? As riquezas encontradas oferecem uma variedade de possibilidades para melhorar a própria vida e a dos outros. Da mesma forma, a descoberta de uma vocação enriquece a nossa própria existência, abre-nos a uma felicidade que supera as nossas expectativas e ilumina também as pessoas que Deus colocou ao nosso lado.

Aos que fazem crescer esse tesouro, Deus prometeu que os receberá no seu Reino: «Muito bem, servo bom e fiel; como foste fiel no pouco, muito te confiarei: entra no gozo do teu senhor» (Mt 25, 21). No entanto, o Senhor não espera o Céu para recompensar os seus filhos, mas já nesta vida os vai introduzindo nessa alegria divina com frutos de santidade e virtudes, extraindo o melhor de cada pessoa e dos seus talentos. Mas o principal presente que ele nos oferece é Ele mesmo, a sua amizade e a sua presença em nós: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a ele e nele faremos morada» (Jo 14, 23). «O Senhor quis depositar em nós um tesouro riquíssimo – comentava S. Josemaria – (...). Em nós habita Deus, Nosso Senhor, com toda a sua grandeza. Nos nossos corações há habitualmente um Céu»^[4].

Podemos levar a todos os lugares esse Céu que carregamos dentro de nós. «Nos nossos dias, em que se percebe frequentemente uma ausência de paz na vida social, no trabalho, na vida familiar... é cada vez mais necessário que nós, cristãos, sejamos, com uma expressão de S. Josemaria, “semeadores de paz e de alegria”»^[5]. Sabemos por experiência que essa paz e essa alegria não são nossas. Por isso, procuramos cultivar a presença de Deus nos nossos corações, para que seja ele a preencher-nos e a comunicar os seus dons aos que nos rodeiam. Sabemos por experiência que esta paz e esta alegria não são nossas. Maria Santíssima, que soube frutificar o tesouro da sua vocação, ajudar-nos-á a saborear as coisas grandes que Deus realizará na nossa vida e na dos outros com a nossa fidelidade na busca desse mesmo tesouro.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Carta 06/05/1945, n. 42.

[2] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 175.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 797.

[4] cf. S. Bernal, *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madrid 1980, p. 361.

[5] Fernando Ocáriz, Homilia, 12/05/2017.

Segunda-feira da XVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o grão de mostarda; o fermento na farinha; a confiança na fecundidade de Deus.

Sumário

- O grão de mostarda.
- O fermento na farinha.
- A confiança na fecundidade de Deus.

PARA DESCREVER a lógica de funcionamento do seu reino, o Senhor recorre à parábola do grão de mostarda. «O Reino dos Céus pode comparar-se ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Sendo a menor de todas as sementes, depois de crescer, é a maior de todas as hortaliças e torna-se árvore, de modo que as aves do céu vêm abrigar-se nos seus ramos» (Mt 13, 31-32). No Oriente cultivava-se esta planta, cuja semente era proverbialmente pequena: de facto, na linguagem comum, dizia-se «pequeno como um grão de mostarda». No entanto, a planta que dela brotava tornava-se notoriamente grande: atingia três ou quatro metros, com uma base lenhosa, e nos seus ramos podiam refugiar-se os pássaros.

O grão de mostarda, pequeno como a cabeça de um alfinete, possui uma enorme vitalidade: está chamado a expandir-se e a acolher na sua vida as de muitos outros viventes. Por isso serve como símbolo do Reino de Deus. Para o fazer crescer na terra, Jesus não pôs em prática um programa de predomínio político, nem optou por realizar uma potente campanha mediática, nem por se manifestar de forma clamorosa ao mundo inteiro, como poderia ter feito. Pelo contrário, o seu projeto foi começar com a pequena semente de doze pescadores, umas quantas mulheres – algumas delas anónimas, pelo menos para nós – e muitos outros discípulos sem especial relevância social nem cultural. Todos eles foram suas testemunhas. A sua força residia na autenticidade das suas vidas, na forma como levaram

até às últimas consequências, por amor, o que Cristo lhes tinha revelado com as suas obras e as suas palavras.

Hoje como ontem, a árvore de mostarda continua a crescer nos campos do Médio Oriente e, hoje como ontem, o Reino de Deus tem em si mesmo a força para continuar a expandir-se por todo o orbe da terra: «O Reino é graça, amor de Deus pelo mundo, fonte de serenidade e confiança para nós»^[1]; mas, ao mesmo tempo, é algo que Jesus nos convida a procurar ativamente; mais ainda, a torná-lo a ocupação principal da nossa vida: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça» (Mt 6, 33). Se o procurarmos verdadeiramente, travando com amor as pequenas batalhas quotidianas pela santidade, então à nossa volta, mesmo sem darmos por isso, irão crescendo abundantes frutos de bondade e de vida cristã.

«DISSE-LHES ainda outra parábola: “O Reino dos Céus pode comparar-se ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado”» (Mt 13, 33). Este brevíssimo ensinamento do Senhor é semelhante ao da parábola do grão de mostarda que o precede no Evangelho de S. Mateus. Repete-se a ideia de que do pequeno surgirá o grande. Mas desta vez com a *nuance* de que não haverá apenas crescimento, mas também uma profunda transformação.

A graça de Deus, a fé e a caridade transformam-nos pessoalmente, na medida em que as acolhemos e deixamos que cresçam no nosso coração. E viver assim, cada vez mais identificados com o Evangelho, produz necessariamente mudanças profundas também no mundo que nos rodeia. Foi o que aconteceu desde os primeiros tempos da Igreja: os primeiros cristãos – explicava S. Josemaria – «não tinham, em virtude da sua vocação sobrenatural, programas sociais nem humanos a cumprir; mas estavam imbuídos de um espírito, de uma conceção da vida e do mundo, que não podia deixar de ter consequências na sociedade em que se moviam»^[2]. Foram cidadãos comuns e não deixaram de o ser ao receber a fé, mas toda a sua existência adquiriu um novo sentido e isso renovou também o mundo em que viviam, pessoa a pessoa.

É significativo que nesta parábola Jesus nos apresente uma mulher que está a fazer pão, possivelmente parte para a sua família e o restante para vender, porque as três medidas de farinha que mistura com o fermento equivalem a dezenas de quilos de massa. Isto recorda-nos também que os cristãos correntes transformam o mundo através do trabalho quotidiano feito por amor a Deus e aos outros: é assim que podemos levar o Evangelho a muitas pessoas. «O nosso coração enche-se de alegria com a ideia de sermos isso mesmo: levedura que faz fermentar a massa. A nossa vida não é egoísta: é uma luta na linha da frente, é meter-nos na torrente da sociedade, passando despercebidos; e chegar a todos os corações, realizando em todos eles a grande obra de os transformar em pão bom, que seja a paz – a alegria e a paz – de todas as famílias, de todos os povos»^[3].

«TUDO ISTO disse Jesus em parábolas – diz S. Mateus – e sem parábolas nada lhes dizia» (Mt 13, 34). Também nós escutamos hoje novamente as parábolas do Senhor, para que produzam um fruto de esperança nas nossas almas. Passaram dois milénios de cristianismo, a pequena semente cresceu pelos cinco continentes, o fermento levedou a massa de inúmeros povos e culturas. Mas isto foi possível porque o Reino cresceu de coração em coração, na vida de cada pessoa, antes de mais na dos que querem levar a alegria do Evangelho a todos os cantos do mundo.

Há ainda muito a fazer e, ao mesmo tempo, a refazer, antes de mais na nossa própria vida. Além disso, nem sempre o que parecia ter sido alcançado subsiste. Tal como não é fácil encarnar plenamente o Evangelho na própria vida, também não está isenta de reveses a missão apostólica que Deus confiou a cada cristão: «Surgem constantemente novas dificuldades, a experiência do fracasso, as estreitezas humanas que tanto magoam. Todos sabemos, por experiência, que por vezes uma tarefa não nos dá a satisfação que desejaríamos, os frutos são exíguos e as mudanças lentas, e somos tentados a dar-nos por cansados»^[4].

Nesses momentos, em que talvez experimentemos o desalento, a fé impele-nos a confiar na vitalidade da pequena semente no nosso coração, na eficácia do punhado de farinha que fermenta uma grande quantidade de massa. Mesmo que pareça que o trabalho é estéril, que há muito a fazer e é

pouco o que conseguimos enfrentar, temos a segurança «de que Deus pode atuar em todas as circunstâncias, também no meio de aparentes fracassos, porque “trazemos este tesouro em vasos de barro” (2Cor 4, 7). Esta certeza é o que se chama “sentido de mistério”, que consiste em saber, com certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor seguramente será fecunda (cf. Jo 15, 5). Esta fecundidade é muitas vezes invisível, incontável, não pode ser contabilizada»^[5]. Nenhum ato realizado por amor a Deus e aos outros é inútil. Umas vezes não veremos diretamente os frutos, outras vezes eles virão de forma insuspeitada e sempre produzirão em nós um crescimento do coração. Podemos recorrer a Maria para que nos ajude a confiar nos frutos que crescerão na nossa vida se estamos perto do seu Filho.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Audiência geral, 06/12/2000.

[2] S. Josemaria, *Carta 29*.

[3] S. Josemaria, *Carta 1*, n. 5c.

[4] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 277.

[5] *Ibid.*, n. 279.

Terça-feira da XVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o joio do Maligno; a experiência da tentação; semear paz e alegria.

Sumário

- O joio do Maligno.
- A experiência da tentação.
- Semear paz e alegria.

DEPOIS DE A multidão que O ouvia se ir embora, os discípulos pedem a Jesus que explique a parábola do trigo e do joio só para eles. Quando o Senhor contou essa história, enfatizou o facto de que o bem e o mal coexistirão na terra até ao fim dos tempos. Mas agora também apresenta outros aspetos, mostrando que as Suas palavras continham uma dimensão alegórica: quem semeia a boa semente é o Filho do homem, o campo é o mundo, a boa semente são os filhos do Reino, enquanto o joio são os filhos do Maligno. Esse joio também teve um semeador, que não é outro senão o diabo, a quem Cristo chama «o inimigo» (Mt 13, 39).

O mal presente no mundo e nas nossas próprias vidas não é obra de Deus, mas do diabo. A sua maior astúcia é fazer-nos acreditar que não existe. Como o inimigo da parábola, semeia enquanto os outros dormem, sem chamar a atenção, «como a serpente que leva o veneno sorrateiramente»^[1]. É por isso que fazemos bem em vigiar o nosso coração e as nossas ações, porque na maioria das vezes ele nos tenta nas pequenas coisas de cada dia para nos afastarmos do Senhor.

O diabo faz um esforço particular para semear joio nos campos do mundo; isto é, em destruir a caridade e a comunhão nas pessoas para que brotem a desconfiança e a divisão. Neste sentido, conservam-se algumas notas pessoais de S. Josemaria, nas quais se reflete a sua luta para impedir

que o maligno semeie joio no seu coração: «Serei muito cuidadoso em tudo o que envolve julgar as pessoas, não aceitando um mau pensamento de ninguém, mesmo que as palavras ou obras da pessoa em questão deem motivo para assim julgar razoavelmente»^[2]. E, a seguir, anotou uma série de propósitos práticos: «1/ Antes de iniciar uma conversa ou fazer uma visita, elevo o meu coração a Deus. 2/ Não insistirei, mesmo que esteja cheio de razão. Só, se for para a glória de Deus, direi a minha opinião, mas sem insistir. 3/ Não vou criticar negativamente: quando não puder elogiar, calo-me»^[3]. Também nós podemos pensar em como cultivamos a caridade e a comunhão com os outros no nosso mundo interior e ao nosso redor, para tornar infecunda a sementeira do maligno.

TODOS nós temos experiência das insinuações que o diabo provoca nos nossos corações. O próprio Jesus também experimentou tentações na Sua própria carne quando Se retirou para o deserto. Ao mesmo tempo, sabemos que o poder e a influência do maligno são limitados, porque Deus veio à terra «a fim de destruir, pela Sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão» (Heb 2, 14-15). Cristo é o único Senhor. Satanás, afinal, é apenas uma criatura. É verdade lhe é permitido fazer o mal – por motivos que talvez não compreendamos bem e que, em última análise, estão ligados ao mistério da liberdade –, mas também é verdade que Deus nos dá força suficiente para vencer qualquer tentação e que, mesmo sucumbindo, a Sua misericórdia é maior do que qualquer pecado.

As tentações, em si mesmas, não são más: são provas nas quais podemos crescer no amor a Deus ou numa certa virtude. Por isso, quando as enfrentarmos como o que são – oportunidades de nos unirmos mais a Deus – não deixaremos que o medo ou a surpresa nos invadam. A vitória do diabo nem sempre consiste em fazer-nos cair, mas em nos fazer viver com inquietação, em nos fazer pensar que não é possível viver perto do Senhor com essas inclinações. S. Josemaria dizia sentir-se «capaz de todos os erros e de todos os horrores em que podem cair as pessoas mais desgraçadas»^[4]. E acrescentou que precisamente no reconhecimento da nossa fraqueza encontramos a nossa fortaleza: leva-nos a ser sinceros e a pedir ajuda ao

Senhor e aos outros, a ser mais compreensivos com os defeitos e as lutas dos outros, e a confiar no amor misericordioso de Deus.

A VIDA cristã não se reduz a lutar contra o mal. S. Josemaria gostava de considerar que os primeiros cristãos eram semeadores de paz e de alegria: «Famílias que viveram de Cristo e que deram a conhecer Cristo. Pequenas comunidades cristãs que foram centros de irradiação da mensagem evangélica. Lares iguais aos outros lares daqueles tempos, mas animados de um espírito novo que contagiava aqueles que os conheciam e com eles conviviam»^[5]. De facto, eles estariam cientes da ação do maligno no mundo, e até a experimentar nas suas próprias vidas, mas esta realidade não os levou ao pessimismo ou ao medo. Nos Atos dos Apóstolos vemos até como os ataques que sofreram da autoridade de uma cidade os levavam a pregar o Evangelho noutros lugares (cf. At 8, 1-4).

Os primeiros cristãos sabiam que não estavam a lutar isoladamente. Eles faziam parte de uma comunidade que os encorajava a semear paz e alegria. Partilhando o Pão e na Palavra encontraram a força que os ajudou a permanecer unidos. Eles sabiam que poderiam receber alento de outro irmão e, ao mesmo tempo, sentiam a responsabilidade de cuidar dos gestos quotidianos que fortaleciam a pertença a uma família. «A comunidade, que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai. Sucede às vezes, no meio destes pequenos detalhes, que o Senhor, por um dom do Seu amor, nos presenteie com consoladoras experiências de Deus»^[6]. Maria pode ajudar-nos a ter um coração atento a estes gestos, para que possamos semear paz e alegria na alma dos que nos rodeiam.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 15/05/2019.

[2] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 389, 14/11/1931. Citado em *Camino, edición crítico-histórica*, p. 607.

[3] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 399, 18/11/1931. Citado en *ibid.*

[4] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, n. 163.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 30.

[6] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 145

Quarta-feira da XVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o valor da pérola; a vocação para o matrimónio; a fidelidade de José.

Sumário

- O valor da pérola.
- A vocação para o matrimónio.
- A fidelidade de José.

A MAIORIA das pessoas sabe reconhecer um trabalho bem feito, especialmente se estiver relacionado com a sua área de interesse. Um cozinheiro, um arquiteto ou um escritor podem apreciar com maior profundidade as virtudes de um prato de comida, de um edifício ou de um romance, respetivamente. Jesus serviu-se dessa experiência para explicar o Reino de Deus. Um comerciante de pérolas, pelo seu ofício, sabe detetar quase instantaneamente se uma joia é, ou não, verdadeira. Ao deparar-se com uma joia de grande valor, podemos imaginar o desejo que nascerá dentro de si de fazer tudo o que for necessário para a conseguir. Mesmo que aos olhos de outros possa parecer idêntica às outras, assim não é: o comerciante sabe reconhecer aquilo que torna essa joia única.

«Deus elege e chama a todos»^[1]. Além da vocação para a vida, e da nossa vocação batismal, o Senhor dá também a todos os homens uma vocação única e particular, uma *pérola* que cada um pode descobrir. O coração humano, tal como o do comerciante, permanece em busca daquilo que o pode satisfazer plenamente. E é precisamente a resposta fiel aos chamamentos de Deus a única coisa que pode dar cumprimento a esses anseios. O resto das *joias* – o êxito, o comodismo, o prazer, o dinheiro – podem apenas conseguir uma felicidade relativa, superficial, mais relacionada com o bem-estar do que com uma vida plena junto a Cristo.

«Fizeste-nos, Senhor, para Ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em Ti!»^[2], clamava Sto. Agostinho. Quando o comerciante descobriu essa grande pérola, será fácil supor que não pôde descansar em paz até ter conseguido vender tudo o que tinha. Poderia parecer uma temeridade empenhar todo o seu património para conseguir uma realidade, mas sabia que não sairia defraudado. Não quis conformar-se com o atrativo de pequenos diamantes porque tinha encontrado a pérola que dava ainda mais sentido à sua própria vida.

TODA A VOCAÇÃO desperta com uma descoberta simples, mas carregada de consequências: a convicção de que a verdade da nossa vida não consiste em viver só para nós, mas também para os outros. Uma pessoa apercebe-se de que na sua vida recebeu muito amor e que é chamada a isso mesmo: a dar amor. Além de que, uma pessoa se apercebe que recebeu muitos dons de Deus para os pôr à disposição dos outros. E para muitos, esse caminho para dar amor encontra-se no matrimónio, que é algo bem diferente de uma forma de gratificação ou de um costume social: é um dom divino. «O matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano»^[3].

Deus chama os esposos a ajudarem-se, a tomarem conta um do outro, a viverem um para o outro: está aí o segredo da sua realização pessoal. Viver significa, em toda a profundidade do termo, dar vida. Assim viveu Jesus: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10). Assim viveram também José e Maria, com o amor mais simples, delicado e feliz que terá existido sobre a terra, cuidando um do outro, e cuidando, sobretudo, da Vida feita carne.

A ninguém pode escapar que este caminho apresenta contrariedades: incompreensões, faltas de comunicação, dificuldades materiais, problemas com os filhos. «Formaria um pobre conceito do matrimónio e do amor humano quem pensasse que, ao tropeçar com essas dificuldades, o carinho e o contentamento se acabam»^[4]. No dia em que um homem e uma mulher se casam, respondem «sim» à pergunta acerca do seu amor recíproco. Porém, a verdadeira resposta chega com a vida: a resposta deve ser dada a fogo lento

no «para sempre» desse sim mútuo. E esse sim para toda a vida, conquistado uma e outra vez, vai-se tornando cada vez mais profundo e autêntico.

S. JOSÉ encontrou a pérola em Maria e em Jesus. Desde o momento em que Deus lhe pediu que tomasse conta deles, pôs todos os seus pensamentos e as suas forças nessa missão. Pôs toda a sua inteligência e a sua iniciativa em jogo, mas também soube abandonar-se com confiança à vontade de Deus, pois que o modo como se iam cumprindo os desígnios divinos, nem sempre coincidia com os seus planos humanos. Tal como na vida do santo patriarca, também na nossa vida há por vezes eventos «cujo significado não entendemos. E a nossa primeira reação, frequentemente, é de desilusão e revolta. Diversamente, José deixa de lado os seus raciocínios, para dar lugar ao que sucede e, por mais misterioso que possa aparecer a seus olhos, acolhe-o (...). A vida espiritual que José nos mostra, não é um caminho que explica, mas um caminho que acolhe. Só a partir deste acolhimento, desta reconciliação, é possível intuir também uma história mais excelsa, um significado mais profundo»^[5].

Acolher o inesperado, aceitá-lo de coração, exigiu a S. José que renovasse por repetidas vezes a sua fidelidade: voltar a confiar em Deus, mudadas as circunstâncias, prescindir outra vez das seguranças humanas que tinha conseguido, voltar a pôr-se ao serviço do Senhor após a situação se ter alterado. Deste modo renovava o seu sim à chamada original de Deus: não era algo fruto da inércia, mas que continuamente se renovava ante o que o Senhor lhe ia pedindo. A sua fidelidade não era uma simples repetição de atos, era criativa e aberta aos novos desafios que se apresentavam. S. José pode ajudar-nos a confiar na pérola que Deus nos oferece e que nos leva, como ele o fez, a colocar Cristo e Maria no centro dos nossos corações.

NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 2.

[2] Sto. Agostinho, *Confissões*, I, 1.

[3] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 11.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 24.

[5] Francisco, *Patris Corde*, n. 4.

Quinta-feira da XVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a Igreja é como uma rede; uma santidade que reflete o rosto de Jesus; as portas abertas.

Sumário

- A Igreja é como uma rede.
- Uma santidade que reflete o rosto de Jesus.
- As portas abertas.

ALGUNS APÓSTOLOS eram pescadores do mar da Galileia. Convivendo com eles, Jesus familiarizou-se com as fainas do seu ofício, ou então já as conhecia por ter visitado outras povoações costeiras. De uma forma ou de outra, muitos dos que vinham ouvir a sua pregação viviam nas terras à volta do lago. Por isso, não é de estranhar que o Mestre ilustre os seus ensinamentos com exemplos de barcos, redes e peixes: «O Reino do Céu é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes. Logo que ela se enche, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e escolhem os bons para as canastras, e os ruins, deitam-nos fora» (Mt 13, 47-48).

Jesus compara o seu Reino a uma rede que apanha peixes de todos os géneros. Os Apóstolos sabiam bem que havia muitas espécies no lago, mas nem todas eram da mesma qualidade. Quando lançavam a rede, não paravam para separar o que estavam a apanhar: faziam isso mais tarde, na margem, quando chegasse o momento da seleção. Nessa altura, deixavam as redes na areia e começavam a divisão: aqueles que podiam aproveitar-se eram guardados em canastras e os maus eram deitados fora.

A rede é, de certa forma, uma imagem da Igreja, que tem um grande papel na introdução do Reino de Deus na terra. Também na Igreja coexistem todos os tipos de peixes, e assim será até ao fim dos tempos. Nós

próprios lutamos, através do caminho da humildade, para não sermos a parte que é deitada fora. A Igreja é um «povo santo, composto por criaturas com misérias. Esta aparente contradição marca um aspeto do mistério da Igreja. A Igreja, que é divina, é também humana, porque está formada por homens e os homens têm defeitos: *omnes homines terra et cinis*, todos somos pó e cinza»^[1] – sublinhava S. Josemaria. Ao mesmo tempo, sabemos que estas fraquezas não constituem a imagem definitiva do povo de Deus. Pela Sua graça, podemos sempre aperceber-nos de sinais de santidade nas pessoas que nos rodeiam e com as quais contamos; elas mostram-nos «o rosto mais belo da Igreja»^[2].

A IGREJA é santa, porque o seu fundador, Cristo, é santo. Ele «entregou-Se por ela, para a santificar e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus»^[3]. Os seus filhos amam-na, porque nela está Jesus e nela encontramos os meios de santificação, a doutrina e os sacramentos.

Também nós, cristãos, somos chamados a essa santidade. Com efeito, não se trata de levar uma existência perfeita, sem falhas; de facto, a Igreja é santa mesmo que, no seu seio, haja pessoas com fraquezas. Por isso, o que é decisivo, na santidade, não é tanto a ausência de erros – o que é, por outro lado, impossível –, mas o desejo vivo de permanecer em união com Cristo, para que Ele tome as rédeas da nossa vida da mesma forma que guia a Igreja.

«A medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a sua»^[4]. Cada santo reflete o rosto de Jesus. Por isso, no fundo, a santidade é «viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele. Mas pode também envolver a reprodução na própria existência de diferentes aspetos da vida terrena de Jesus»^[5]. A contemplação destes mistérios ajudar-nos-á a manifestá-los na nossa vida quotidiana, perfeitamente adaptados ao nosso temperamento e à nossa maneira de ser, purificando-os. Através da leitura

frequente do Evangelho, podemos absorver o modo de ser de Cristo e formar, em nós, a Sua imagem para refleti-la no mundo.

NA IGREJA, coexistem a beleza da santidade com a fealdade do pecado; a grandeza dos corações generosos com a mesquinhez dos outros; a força que chega ao heroísmo com a fraqueza que pode acabar em traição. Por isso, a nossa Mãe é santa e, ao mesmo tempo, nos seus fiéis, necessita sempre de purificação e de conversão. Em todo o caso, para além de procurarmos humildemente a nossa própria santidade, «quando o Senhor permitir que a fraqueza humana apareça, a nossa reação há de ser a mesma que teríamos se víssemos a nossa mãe doente ou tratada com frieza: amá-la mais, ter para com ela mais manifestações externas e internas de carinho. Se amamos a Igreja, nunca aparecerá em nós o interesse mórbido de pôr à mostra, como culpa da Mãe, as misérias de alguns dos seus filhos»^[6].

Em numerosas ocasiões, Jesus Cristo anunciou que não tinha vindo para curar os que estavam sãos, mas os doentes. Pelas suas palavras e gestos, mostrava que se interessava mais pelos pecadores do que por aqueles que se julgavam já justificados. É por isso que, na sua vida quotidiana, o Mestre não hesitava em aproximar-se daqueles que, exteriormente, podiam parecer afastados de Deus: dirigia-lhes a Sua palavra, convidava-os a viver com Ele e a segui-l'O.

A família que Jesus formou com os seus seguidores não era uma comunidade de homens e mulheres perfeitos, fechada em si mesma. Por isso, a Igreja é também chamada a ser uma casa de portas abertas para que todos os que quiserem possam entrar, sem qualquer distinção, pois a misericórdia de Deus «quer que todos os homens sejam salvos» (1Tm 2, 4). As portas dos nossos corações estarão sempre abertas para que qualquer um possa saciar a sua sede de Deus. Podemos pedir a Maria, Mãe da Igreja, para que saibamos refletir, na nossa vida, o rosto do santo povo de Deus.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 6.

[2] Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 9.

[3] *Lumen Gentium*, n. 39.

[4] Bento XVI, Audiência, 13/04/2011.

[5] Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 20.

[6] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 7.

Sábado da XVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a orientação do coração de Herodes; guardar o que realmente importa para nós; um mundo interior.

Sumário

- A orientação do coração de Herodes.
- Guardar o que realmente importa para nós.
- Um mundo interior.

HERODES tinha encarcerado João Batista e tinha-se casado com Herodíades, mulher do seu irmão. Como o profeta não aceitava essa união, o rei tinha-o metido na prisão. Embora Herodíades quisesse matar o Batista, Herodes reconhecia que se tratava de um homem justo e santo e queria protegê-lo. Para além de o ouvir com agrado, temia que uma tal condenação agitasse o povo. Contudo, no dia do seu aniversário, viu dançar «a filha de Herodíades e agradou de tal maneira a Herodes, que este lhe prometeu com juramento dar-lhe o que ela pedisse» (Mt 14, 6-7). Instigada por sua mãe, ela pediu a morte do Batista. Herodes, não querendo quebrar o seu juramento nem ficar mal perante os convidados, mandou decapitar João.

Tudo parece indicar que Herodes carecia de convicções boas e firmes que pudessem orientar as suas inclinações mais espontâneas. Poderíamos dizer que, de acordo com o que sabemos dele, se guiava pelo que sentia superficialmente em cada momento. Talvez por isso, chegou a unir-se à mulher do seu irmão, manteve João vivo e ofereceu à filha de Herodíades tudo o que ela quisesse, ainda que fosse metade do seu reino. Ancorar a vida em algo tão instável e perigoso como as inclinações mais imediatas e superficiais leva-nos, por fim, a não saber onde procurar a verdadeira felicidade. Nestas situações, a meta, o fim das ações, a razão pela qual fazemos as coisas, muda com tanta frequência que não sabemos para onde nos dirigimos. Isto, para além de produzir insatisfação, pode dar lugar a

terríveis injustiças, como as que Herodes cometeu para com os que o rodeavam e para consigo mesmo.

«Muitas pessoas sofrem porque não sabem o que querem da própria vida; provavelmente nunca entraram em contacto com o seu desejo mais profundo (...). Daí o risco de passar a vida entre tentativas e expedientes de vária ordem, sem nunca chegar a lado nenhum, desperdiçando oportunidades preciosas»^[1]. Podemos pedir a Deus que nos ajude a identificar os desejos mais profundos que Ele mesmo colocou no nosso coração para que, esforçando-nos por purificá-los no caminho da vida, sejam o guia que nos oriente para a felicidade com Ele, na Terra e no Céu.

HERODES, ao ouvir o pedido da filha de Herodíades, «ficou consternado» (Mt 14, 9). Intuiu que ia fazer algo que, na realidade, não queria fazer. Por causa da paixão que lhe tinha provocado aquela mulher, por não ter educado o seu coração para gostar ordenadamente do bem e da beleza, ia mandar matar uma pessoa que considerava respeitável. E essa decisão enchia-o de tristeza, pois ia sacrificar alguém que estimava.

Aprender a educar o coração para o que é valioso enche-nos de alegria, porque nos permite ser quem realmente queremos ser. Aprendemos a comprazer-nos com o que é verdadeiramente bom, porque cresce em nós uma cumplicidade com a presença de Deus nas pessoas e em toda a Criação. Educar os nossos desejos reforça a nossa identidade, protege-nos contra tantos perigos que surgem no caminho. Um coração como o de Herodes, pelo contrário, sacrifica o que realmente vale a pena – o seu casamento ou a vida de João – por um instante de prazer; um coração puro, pelo contrário, vibra com o que é valioso, desfruta-o, não se deixa dominar pelo efémero ou superficial.

Neste sentido, S. Josemaria dizia que a castidade «é combate, mas não renúncia; respondemos com uma afirmação gozosa, com uma entrega livre e alegre. O teu comportamento não há de limitar-se a evitar a queda, a ocasião. Estás convencido de que a castidade é uma virtude e de que, como tal, deve crescer e aperfeiçoar-se?»^[2]. A castidade não consiste em ignorar a nossa afetividade nem em opor-se ao que sentimos. Embora seja certo que

nalguns momentos implica agir contra alguma inclinação imediata, não é este o objetivo da virtude, mas sim educar o nosso coração para desfrutar de bens maiores, daquilo que verdadeiramente preenche a nossa alma.

TALVEZ todos nós tenhamos a experiência de estar a seguir um filme, uma série ou um livro com especial interesse. Os nossos sentidos estão concentrados naquilo que atraiu a nossa atenção. O enredo prende-nos de tal forma que não damos importância ao que se passa à nossa volta ou às preocupações que nos enchiam a cabeça. Sem desvalorizar os formatos que contribuem para o entretenimento, a imagem dos sentidos submetidos a uma força externa talvez possa ajudar a ilustrar aquela sugestão de S. Josemaria para cuidar do coração: «Para que hás de olhar, se o “teu mundo”, o trazes dentro de ti?»^[3]. Se trouxermos o mundo dentro de nós – feito de coisas grandes, humanas e divinas, para as quais dirigimos o nosso entusiasmo e o nosso tempo –, as tentações contra a castidade podem ter uma certa força de atração, mas serão muito mais fáceis de combater: serão sentidas como uma ameaça à harmonia do nosso mundo interior, dificultando-nos seguir com atenção o que realmente nos interessa.

A castidade permite-nos conectar afetivamente com as outras pessoas, e fruir de tudo o que é belo, nobre, genuinamente divertido. A falta desta virtude, pelo contrário, impede-nos muitas vezes de desfrutar das pequenas coisas da vida e das relações pessoais, pois são vistas como pouco relevantes ou insípidas. Por isso, S. Josemaria também dizia: «Nunca me agradou falar de impureza. Prefiro considerar os frutos da temperança (...). Vivendo assim – com sacrifício – [o homem] liberta-se de muitas escravidões e consegue saborear o amor de Deus no íntimo do seu coração (...); está em condições de pensar nos outros, de partilhar com todos o que é seu, de se dedicar a tarefas grandes»^[4]. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a fazer crescer na nossa alma a virtude da castidade, para assim podermos apreciar o genuíno sabor de uma vida junto do seu Filho.

[1] Francisco, Audiência, 12/10/2022.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 182.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 184.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

Segunda-feira da XVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: procurar o que é humanamente impossível; memória de um dom; viver de fé.

Sumário

- Procurar o que é humanamente impossível.
- Memória de um dom.
- Viver de fé.

AS GENTES estão há já várias horas a ouvir os ensinamentos de Jesus. Entre os discípulos começa a perpassar um sentimento de inquietação: que irá acontecer quando esta multidão se der conta que não terá tempo para ir arranjar alimentos? Talvez o entusiasmo possa transformar-se em desânimo ou o cansaço fazer esquecer o que escutaram. Por isso, aproximam-se discretamente de Jesus e dizem-lhe: «Este sítio é deserto e a hora já vai avançada. Manda embora a multidão, para que possa ir às aldeias comprar alimento» (Mt 14, 15). Apesar de os Apóstolos dizerem uma coisa razoável, o Senhor responde-lhes com palavras que não fáceis de compreender: «Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer» (Mt 14, 16).

Os Apóstolos não terão ido ter com Jesus fugindo às suas responsabilidades. Não estavam a procurar tirar de cima de si uma dificuldade. Estavam, sim, a tentar resolver um problema e desejavam contribuir para o solucionar. Mas dar-lhes de comer era, pura e simplesmente, uma tarefa que superava as suas possibilidades; de facto, não tinham sequer pensado que pudesse haver uma outra opção, e menos ainda que tivesse a ver com eles, pois não dispunham de provisões para aquela multidão. Claro que sentiam compaixão daquelas gentes, mas que mais podiam fazer? No entanto, o Mestre não cedeu: desejava que os seus discípulos fizessem tudo humanamente possível para alimentar os que tinham vindo para escutar Jesus.

Puseram mãos à obra, embora o seu empenho não desse os frutos necessários: só conseguiram arranjar cinco pães e dois peixes. Mas Jesus, valorizando esse esforço, tomou-os «ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois, os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão» (Mt 14, 19). Aqueles alimentos saciaram a todos, e até sobrou tanto que foram necessários doze cestos para guardar os restos. «O milagre não se dá partindo do nada, mas da modesta contribuição de um simples rapaz que partilha o que tinha consigo. Jesus não nos pede o que não temos, mas faz-nos ver que, se cada um oferece o pouco que tem, pode realizar-se um milagre: Deus é capaz de multiplicar o nosso pequeno gesto de amor e fazer-nos participantes do seu dom»^[1].

PODEMOS imaginar que a multiplicação dos pães e dos peixes aconteceu lentamente. Os Apóstolos começariam a distribuir os mantimentos e, pouco e pouco, dar-se-iam conta do prodígio: embora o que tinham conseguido fosse escasso, de cada vez que voltavam a buscar alimentos, dava a impressão que conseguiam algo mais. Também o maná era impossível de acumular (cf. Ex 16, 17-20): Deus queria que quem recebesse o alimento não perdesse a consciência de que era um dom divino; desejava que confiassem n'Ele, em vez de procurar apenas a segurança humana. Por isso, talvez o Senhor quisesse que os apóstolos tivessem uma experiência similar: «Jesus manifesta o seu poder, mas não de uma forma espetacular, mas como sinal da caridade, da generosidade de Deus Pai para com os seus filhos cansados e necessitados»^[2].

Meses depois, o Senhor iria pedir aos Apóstolos que anunciassem o Evangelho por todo o mundo. Poderiam novamente sentir-se pequenos perante tão grande missão: quem eram eles para uma tal empresa? Poderiam então lembrar-se do que tinham vivido no dia da multiplicação dos pães e dos peixes. O Senhor poderia ter dado de comer a essa multidão sem nenhum pão, mas quis que os Apóstolos pusessem da sua parte, que participassem com Deus na sua missão. E, embora os meios fossem escassos, revelaram ser suficientes. Por isso S. Josemaria costumava recomendar, antes de se fixarem demasiado nas próprias forças, «que cada um de nós medite no que Deus realizou por ele»^[3]. O que conta não é o que nós vemos ser capazes de fazer, mas sim o que o Senhor faz através de nós.

Jesus não quer que sejam as nossas condições que marquem o ritmo da evangelização, mas sim as necessidades das almas e a força do Espírito Santo que multiplica os dons.

A FÉ COM QUE o Senhor espera que atuemos não consiste na certeza de que as nossas qualidades se vão multiplicar. Trata-se, melhor dito, de colocar os nossos cinco pães ao serviço de Deus, atuar como se esses cinco pães fossem suficientes, até se, enquanto o fizermos, continuarmos a experimentar as nossas limitações. A fé não é um sentimento que ignora as dificuldades e confia ingenuamente no desenrolar das coisas. É, antes, a segurança de que, apesar de tudo, deixamos atuar o Espírito Santo; Deus está sempre ao nosso lado e servir-se-á delas em meu favor, em favor daqueles que nos rodeiam e de toda a Igreja.

O Senhor confiou uma grande missão à Igreja e a cada cristão. Não é de estranhar que nalguns momentos possamos sentir-nos derrotados. O episódio da multiplicação tornar-nos-á conscientes, uma vez mais, de que Deus espera que, como os discípulos, nos metamos a fundo na missão apostólica com todas as nossas capacidades. E espera também que comecemos a fazer o que pudermos sem nos deixarmos dominar pela preocupação de se conseguiremos ou não cumprir as expectativas. O pouco que são os nossos pães e os nossos peixes não nos há de impedir de que façamos o que em cada momento está nas nossas mãos. Deus se encarregará do que vier depois. Assim, mesmo que não nos sintamos seguros, estaremos, de facto, a viver de fé.

«O otimismo cristão não é um otimismo adocicado, nem tão pouco uma confiança humana em que tudo correrá bem. É um otimismo que mergulha as suas raízes na consciência da liberdade e na segurança do poder da graça; um otimismo que leva a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder em cada instante aos chamamentos de Deus»^[4]. Maria soube acolher com fé todos os acontecimentos da sua vida, também os que pareciam mais desconcertantes. Ser a mãe de Deus era algo superava as suas capacidades, mas confiou no Senhor. E essa valentia levou-a ser mãe de todos os homens.

NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 29/07/2012.

[2] Francisco, Angelus, 02/08/2020.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 312.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 659.

Terça-feira da XVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um mar agitado; Pedro sai da barca; confiar na proximidade de Cristo.

Sumário

- Um mar agitado.
- Pedro sai da barca.
- Confiar na proximidade de Cristo.

DEPOIS de alimentar a multidão, Jesus retirou-se até ao monte para orar, mas antes pediu aos discípulos que atravessassem o lago e que O esperassem na outra margem (cf. Mt 14, 22-25). Pedro e os restantes Apóstolos navegam no escuro. Já se afastaram de terra, quando a barca começa a agitar-se pelas ondas, e o vento sopra em sentido contrário. Como é natural, começa a instalar-se uma certa inquietação entre os presentes. Apesar de muitos serem veteranos, esta sacudidela repentina apanhou-os desprevenidos.

O Evangelho apresenta-nos a barca dos discípulos no mar tempestuoso como figura da vida da Igreja que sulca o mar da história, aparentemente indefesa perante os perigos. «O mar simboliza a vida presente, a instabilidade do mundo visível; a tempestade indica todos os tipos de tribulação, de dificuldade que oprime o homem. A barca, ao contrário, representa a Igreja construída por Cristo e norteadada pelos Apóstolos. Jesus deseja educar os discípulos a suportar com coragem as adversidades da vida, confiando em Deus»^[1].

S. Josemaria também considerava que, em muitas ocasiões, nós, cristãos, encontraremos tormentas semelhantes à hora de difundir o Evangelho. Por vezes, serão as circunstâncias externas a pôr obstáculos; outras, o peso da nossa fraqueza e do nosso pecado. «Também nós

cumprimos um mandato imperativo de Cristo, navegando num mar agitado pelas paixões e erros humanos, e sentindo às vezes, dentro de nós, toda a nossa fragilidade, mas firmemente decididos a conduzir a bom termo este barco de salvação que o Senhor nos confiou. Por vezes, talvez se levante a voz da nossa impotência humana, do fundo do coração, perante a força do vento contrário: “tem misericórdia de mim, ó Deus, porque me perseguem, me combatem e me fazem sofrer constantemente. Os meus inimigos perseguem-me sem cessar, e são muitos, de facto, os que combatem contra mim” (Sl 55, 2-3). Ele não nos abandona, e está presente sempre que necessário, com a Sua onipotência amorosa, para encher de paz e de segurança o coração dos Seus»^[2].

A CHEGADA de Jesus que caminha sobre as águas, longe de ser tranquilizadora, num primeiro momento acrescentou mais medo à situação. Os discípulos, assustados, disseram: «É um fantasma», cheios de medo, puseram-se a gritar. Mas Jesus garantiu-lhes logo: «Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais». Foi então que Pedro se exprimiu com audácia: «Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas». «Vem!», disse-lhe Jesus. E Pedro, descendo do barco, caminhou sobre as águas para ir ter com Jesus (cf. Mt 14, 25-29). O gesto de Pedro e a resposta de Jesus recordam-nos que Deus ama as nossas ideias valentes, sobretudo quando têm que ver com a confiança n'Ele. Talvez ressoe neste episódio o tom decidido com que os filhos de Zebedeu responderam «Podemos!» à pergunta de Jesus sobre o estarem dispostos a segui-Lo na Paixão, ou tantas manifestações magnânimas na vida dos santos. Deus aprecia esses saltos de fé, essa audácia à hora de seguir Cristo, que nos tornam capazes de caminhar sobre as águas de um temporal.

«O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar»^[3]. Pedro fez algo que, à primeira vista, não tinha lógica humana. Abandonou a relativa estabilidade da barca para se lançar a um mar revoltado. E nesse gesto encontrou a verdadeira segurança. Jesus também nos anima a não nos refugiarmos nas nossas certezas, a não nos isolarmos do mundo e dos outros quando sentirmos que o mar está agitado. O Senhor espera um ato de fé

audaz como o de Pedro, que leva a não fugir dos problemas, mas a abraçá-los, confiados na proximidade de Cristo. «Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvaguardar-nos e a salvaguardar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança»^[4]. O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar.

APESAR da segurança com que Pedro estava a caminhar, logo que viu que era Jesus «sentindo a violência do vento, teve medo e, começando a ir ao fundo, gritou: «Salva-me, Senhor!» e Jesus então «estendeu-lhe a mão, segurou-o e disse-lhe: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?» (Mt 14, 30-31). Pedro tinha sido capaz de caminhar sobre as águas não pelas suas próprias forças, mas pelas palavras de Jesus. E começou a afundar-se não por o vento ser já demasiado forte, mas porque tinha deixado de confiar no Senhor. É assim também para nós: se olharmos unicamente para nós mesmos, tornamo-nos dependentes dos ventos e já não conseguimos atravessar as tempestades, as águas da vida»^[5]. Pedro talvez julgasse que se bastava a si mesmo para se manter em pé, mas era evidente que só podia fazê-lo porque Cristo o sustentava.

Haverá momentos em que, como Pedro, caminharemos sobre as águas e enfrentaremos com calma e serenidade as diversas tempestades. Também se apresentarão outros momentos em que julgaremos que nos afundamos. Numa e noutra situação, o Senhor está sempre perto, pois encontra-se no mais profundo do nosso ser. No entanto, devemos experimentar a nossa relação com Deus tanto na aparente distância como na proximidade. Tal como a Pedro, Cristo estender-nos-á a mão quando sentirmos que nos afogamos e nos dirigimos a Ele: «Senhor, salva-me!» (Mt 14, 30). A experiência dos Apóstolos mostra-nos que, se deixarmos Jesus meter-se na nossa barca, o vento acalmará (cf. Mt 14, 32). Podemos pedir a Maria que, no meio das tormentas que agitam o nosso dia a dia, ressoem nos nossos corações as palavras do seu Filho: «Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!» (Mt 14, 27).

NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 07/08/2011.

[2] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 1.

[3] Francisco, Momento extraordinário de oração (em tempo de epidemia), 27/03/2020.

[4] *Ibid.*

[5] Bento XVI, Angelus, 07/08/2011.

Quarta-feira da XVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a insistência da mulher cananeia; a aparente frieza de Jesus; quando Deus parece mudar de ideias.

Sumário

- A insistência da mulher cananeia.
- A aparente frieza de Jesus.
- Quando Deus parece mudar de ideias.

QUANDO Jesus se dirigia para a região de Tiro e Sidónia, aproximou-se dele uma mulher cananeia que «começou a gritar: “Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demónio”» (Mt 15, 22). A primeira reação do Mestre é impressionante: «não lhe respondeu nem uma palavra» (Mt 15, 23). Os Apóstolos, perplexos, insistiram para que atendesse a mulher, sobretudo para que ela deixasse de os seguir aos gritos, mas a resposta de Cristo foi semelhante à anterior: «Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 15, 24).

O assunto parecia encerrado, mas a determinação da mulher levou-a a colocar-se diante de Jesus, quase a bloquear-lhe o caminho; prostrou-se diante dele e exclamou: «Socorre-me, Senhor!» (Mt 15, 25). Poder-se-ia esperar que um tal gesto, cheio de ternura e insistência, mudasse a atitude de Jesus. Em vez disso, o Senhor responde com uma imagem mais uma vez desconcertante: «Não é justo que se tome o pão dos filhos para o lançar aos cachorros» (Mt 15, 26). A mulher cananeia não se deixou vencer por esta nova recusa e respondeu na mesma moeda, usando a imagem que tinha utilizado: «É verdade, Senhor, mas até os cachorros comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos» (Mt 15, 27).

Admirado com este ato de fé, amor e audácia, Jesus finalmente concedeu à mulher cananea o que ela pedia: «Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se como desejas» (Mt 15, 28). O seu silêncio, a aparente frieza, fizeram com que aquela mulher reafirmasse a sua convicção de que, sem o Senhor, nada podia fazer. Jesus, por vezes, cala-se, deixa-nos sentir que somos esquisitos, que imaginemos que «não nos escuta, que andamos enganados, que só se ouve o monólogo da nossa voz»^[1]. E fá-lo para que, como a mulher cananea, acudamos a Ele com mais insistência, e para que possamos purificar pouco a pouco a nossa fé.

PORQUE é que Jesus agiu assim com a mulher cananea? Porque é que a tratou – aos olhos humanos – com aquela frieza inicial? Sto. Agostinho, respondendo a esta pergunta, comenta: «Cristo mostrou-se indiferente, não para lhe recusar a sua misericórdia, mas para inflamar o desejo»^[2]. No fundo, é a mesma atitude que talvez adotemos quando alguém nos pede um favor importante. “Quem espera sempre alcança”, diz a sabedoria popular. Acreditamos que, se for realmente relevante para ela, a outra pessoa insistirá um pouco mais, até conseguir o que deseja. Caso contrário, o pedido talvez fique no esquecimento.

Jesus quis mostrar-nos que aquela mulher desejava realmente a cura da sua filha. Aquela aparente indiferença tinha por objetivo fazer com que a mulher cananea manifestasse a sua fé de uma forma concreta e audaz. De facto, ela pede, apesar de a sua insistência parecer inoportuna, persiste, apesar de se considerar indigna e persevera perante as dificuldades até conseguir finalmente o que deseja. «Muitas vezes, vemos que o Senhor não nos concede imediatamente o que pedimos – dizia o santo Cura d'Ars –, mas fá-lo para que o desejemos mais ardentemente, ou para que apreciemos melhor o seu valor. Tal demora não é uma recusa, mas uma prova que nos dispõe a receber mais abundantemente o que pedimos»^[3].

Jesus, ao ver a tenacidade daquela mulher, exclamou: «Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se como desejas» (Mt 15, 28). Poderia dizer-se que o Senhor queria que ela aumentasse o seu desejo, porque, no fim, o milagre ia realizar-se de acordo com o que ela queria. Se o seu desejo fosse pequeno, talvez o milagre fosse menor. Mas como era grande, o milagre

será completo. «Esta mulher humilde é indicada por Jesus como exemplo de fé inabalável. A sua insistência em invocar a intervenção de Cristo é para nós estímulo a não desanimar, a não desesperar quando estamos oprimidos pelas provações difíceis da vida. O Senhor não se vira para o outro lado diante das nossas necessidades e, se por vezes parece insensível aos pedidos de ajuda, é para pôr à prova e robustecer a nossa fé»^[4].

A CANANEIA, aparentemente, conseguiu alterar os planos de Jesus. Podemos dizer que o Senhor não tencionava fazer nenhum milagre enquanto se dirigia a Tiro e Sidónia, e muito menos a alguém que não era de Israel, pois tinha sido enviado para anunciar a salvação, em primeiro lugar, ao povo de Deus, Seu Pai. Mas a insistência da mulher conseguiu comover Cristo e mudou de ideias. Esta dinâmica surpreendente é, de facto, algo que acontece também noutras passagens das Escrituras. Acontece, por exemplo, quando Abraão intercede por Sodoma (cf. Gn 18, 22-33), ou quando Moisés pede clemência para os israelitas que tinham cometido idolatria (cf. Ex 32, 11-14). Acontece também quando Maria, nas bodas de Caná, consegue que Jesus antecipe a sua hora e transforme a água em vinho para alegria da festa (cf. Jo 2, 1-11). Todas estas mudanças de atitude do Senhor são motivadas principalmente pelas necessidades dos homens. Além disso, mostram-nos que os planos da Providência divina contam com a nossa liberdade e com as nossas ações. Jesus é sensível ao que lhe pedimos e escuta-nos com mais compreensão do que poderíamos desejar.

Voltando à mudança de atitude do Senhor, por vezes também nos pode acontecer algo semelhante. Temos um plano em mente e, inesperadamente, surge uma necessidade a alguém que amamos. Ou pode também acontecer que tenhamos uma opinião muito clara sobre um assunto e um familiar ou um colega pense o contrário. Em ambos os casos, podemos ter a tendência de proteger o nosso espaço e o nosso tempo a todo o custo, ou de impor os nossos pontos de vista. O comportamento do Senhor sugere-nos a prioridade que as pessoas têm, especialmente quando estão em necessidade, sobre os nossos esquemas. E «esta abertura do coração é fonte de felicidade, porque “a felicidade está mais em dar do que em receber” (At 20, 35). Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade»^[5]. Podemos pedir

a Maria que interceda por nós para sermos capazes de olhar com a ternura do seu Filho todas as pessoas que passam pela nossa vida.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 304.

[2] Sto. Agostinho, *Sermo 77*, 1: PL 38, 483.

[3] S. João Batista Maria Vianney, *Sermão da Oração*.

[4] Francisco, *Angelus*, 20/08/2017.

[5] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 272.

Quinta-feira da XVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: quem é Cristo para nós?; amor ao sucessor de Pedro; os contrastes na vida de S. Pedro.

Sumário

- Quem é Cristo para nós?
- Amor ao sucessor de Pedro.
- Os contrastes na vida de S. Pedro.

JESUS está em Cesareia de Filipe. Aí faz aos seus discípulos uma pergunta direta: «Quem dizem as pessoas ser o Filho do Homem?». Os apóstolos fazem-se eco das opiniões que tinham ouvido acerca do Senhor: «Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas». Seguidamente, Jesus dirige-lhes outra pergunta, desta vez mais pessoal: «E vós, quem dizeis que eu sou?». Os Doze veem-se em apuros para responder a esta segunda questão. Só Pedro, graças ao impulso divino, dá uma resposta acertada: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo» (Mt 16, 13-15).

«Se alguém nos perguntar “quem é Jesus Cristo”, certamente diremos o que aprendemos na catequese: que veio salvar o mundo, diremos a verdadeira doutrina (...). Um pouco mais difícil será responder à pergunta: “É verdade, mas para ti, quem é Jesus Cristo?”»^[1]. Para encontrar uma resposta precisamos, como Pedro, de olhar para a nossa própria vida, descobrir todas as vezes que Deus veio ao nosso encontro, dispor-nos a escutar o que nos quer dizer... Mas, sobretudo, precisamos de estar dispostos a que o Senhor seja quem é, e não quem nós queremos que seja. Para responder à pergunta de Jesus, precisamos de purificar constantemente a nossa imagem sobre quem é o Filho de Deus, empreendendo uma tarefa que nos acompanha toda a vida.

Se pensamos, por exemplo, que o Filho de Deus o que procura é sobretudo que não nos equivoquemos nunca, estando mais pendente dos nossos erros do que dos nossos êxitos, será difícil desenvolver uma compreensão salutar da sua figura. Assim, qualquer tentativa de apostolado transforma-se numa defesa teórica de algo que talvez esteja afastado da realidade. Pelo contrário, quem acolheu a misericórdia divina, e se sabe perdoado por Cristo dia a dia, poderá apresentar uma imagem mais nítida de quem é Jesus. Só como fruto de uma autêntica relação com Cristo, S. Paulo pôde compreender que se tratava de alguém «que me amou e se entregou por mim» (Gl 2, 20).

A RESPOSTA de Pedro emocionou Jesus. Por isso, olhando-o, disse: «Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue quem te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu. Por isso, Eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (Mt 16, 17-18). Pedro, fortalecido pelo dom de Deus, é chamado a ser o representante de Cristo na terra. Ele estará à frente do novo povo de Deus, a Igreja, que será governada em conjunto com os outros apóstolos.

S. Josemaria sentia que Deus tinha posto no seu coração um profundo amor ao Romano Pontífice. Quando chegou pela primeira vez a Roma passou a noite em vigília a rezar pela Igreja e pelo Papa. Com a passagem do tempo, ele próprio reconheceu que esse amor se foi tornando «mais teológico»^[2]; quer dizer, mais consciente das suas razões, da sua importância e do seu carácter sobrenatural, e não só guiado por parâmetros humanos. Era, portanto, um carinho que não estava à mercê das tempestades, não dependia de uma maior ou menor afinidade, mas antes das palavras pronunciadas por Cristo.

Na própria manhã do dia em que faleceu, o fundador do Opus Dei pediu a uma pessoa próxima de Paulo VI que lhe transmitisse a seguinte mensagem: «Desde há anos, ofereço a santa Missa pela Igreja e pelo Papa. Podeis assegurar-lhe – porque mo ouvistes muitas vezes – que ofereci a minha vida ao Senhor pelo Papa, seja ele quem for»^[3]. Podemos pedir a S. Josemaria esse mesmo amor pelo Romano Pontífice; um amor que é dom

divino, que agradecia diariamente, e que se concretiza numa oração constante por ele e no desejo de seguir os seus ensinamentos.

DEPOIS da confissão de Pedro, Jesus anunciou aos apóstolos que tinha de ir a Jerusalém, onde ia «padecer muito (...) e ser morto e ressuscitar ao terceiro dia». Provavelmente, as suas palavras encheram os discípulos de estupefação. Por isso Pedro, que teria percebido a desorientação dos outros, quis manifestar a sua discordância com o que acabava de ouvir. E, tomando o Mestre à parte, «começou a repreendê-lo dizendo: “Deus tal não permita, Senhor! Não te sucederá isto”». Jesus recusou taxativamente a proposta: «Aparta-te de mim, Satanás! Tu serves-me de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus, mas dos homens» (Mt 16, 21-23).

Jesus usa palavras fortes para aquele que, pouco antes, tinha sido instituído como rocha sobre a qual edificaria a sua Igreja. Não seria a última vez que Pedro presenciava contrastes semelhantes na sua vida. Durante a Última Ceia garantiu ao Senhor que estava disposto a morrer por Ele, e, poucas horas depois, negou por três vezes que O tinha conhecido. Talvez também nós tenhamos tido experiências semelhantes, ao constatar a fraqueza das nossas convicções ou propósitos. Por vezes também nos sentimos “pedra”, capaz de fazer o que quer que seja por Deus, e pouco depois caímos derrotados numa batalha.

Consola-nos que, apesar dos erros de Pedro, Jesus é fiel à sua palavra, pois sabe reconhecer o arrependimento e os desejos de amar do Apóstolo. No diálogo na praia, depois da ressurreição, volta a dirigir-lhe o convite para cuidar do seu povo. O Senhor volta sempre a chamar-nos. Conhece melhor do que ninguém as nossas limitações e conta com elas para nos fazer humildes e confiar na força que Deus nos dá. «Somos criaturas e estamos repletos de defeitos – comentava S. Josemaria –. Eu diria até que tem de os haver sempre, pois são a sombra que faz com que se destaquem mais, por contraste, na nossa alma, a graça de Deus e o esforço por correspondermos ao favor divino. E esse claro-escuro tornar-nos-á humanos, humildes, compreensivos, generosos»^[4]. Podemos pedir a Nossa Senhora que interceda por nós para que saibamos recomeçar como Pedro, confiados nos chamamentos do Senhor.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 25/10/2018.

[2] S. Josemaria, *Carta* 17, n. 19.

[3] Bto. Álvaro del Portillo, *Entrevista sobre el fundador del Opus Dei*, Rialp, Madrid 2001, p. 232.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 76.

Sexta-feira da XVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: força para viver em liberdade; descobrir o valor das nossas lutas; um caminho de esperança.

Sumário

- Força para viver em liberdade.
- Descobrir o valor das nossas lutas.
- Um caminho de esperança.

O SENHOR manifesta a sua divindade de diversas formas. Curou muitos doentes, alimentou uma multidão faminta e mostrou-se aos Doze como o Messias que havia de vir. Nesse clima de exaltação, Jesus diz aos seus discípulos: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16, 24). O Senhor fala claramente porque não quer que os Apóstolos se enganem, pensando que o Reino de Deus é feito de êxitos terrenos. No seu caminho com Ele, viram muitos milagres e prodígios, mas o momento da cruz também chegará.

A fortaleza é a virtude que nos ajuda a ter o desejo de seguir Jesus em todas as circunstâncias, tanto nos milagres como nas dificuldades. Na nossa vida quotidiana, há muitas coisas que nos enchem de alegria, mas há também obstáculos inevitáveis que nos põem à prova. A felicidade na terra, portanto, não depende tanto de prolongar o mais possível esses bons momentos, mas da capacidade de dar sentido aos bons momentos e também aos mais complicados, quando nada corre como tínhamos pensado. A fortaleza ajuda-nos a transformar as contrariedades em oportunidades para tornar o nosso desejo de Deus ainda mais profundo e mais ativo. Assim, ela molda passo a passo a nossa afetividade, para que possamos desfrutar de Deus, mesmo quando as circunstâncias pessoais ou exteriores não parecem favorecê-lo.

Quando as multidões queriam proclamar rei a Jesus por causa dos milagres que tinha feito, Ele «não se deixou enganar pelo triunfalismo: era livre. Como no deserto, quando rejeitou as tentações de Satanás, e a sua liberdade era seguir a vontade do Pai (...). Pensemos hoje na nossa liberdade (...) Sou livre ou, pelo contrário, sou escravo das minhas paixões, das minhas ambições, das riquezas, da moda?»^[1]. Para Jesus, nada era obstáculo no caminho para o que ele realmente queria: libertar-nos do pecado. A virtude da fortaleza pode ajudar-nos a viver como Ele: sem nos deixarmos prender e imobilizar pelas circunstâncias exteriores, e sempre com o desejo de cumprir a vontade de Deus.

POR VEZES, podemos reduzir a fortaleza a um esforço de ir contra a corrente, a um exercício constante de vontade de se superar. Então acreditamos que, para conseguir algo que é muito valioso – vencer um defeito, crescer na amizade com outras pessoas ou com Deus, realizar uma tarefa – basta resistir às contrariedades que surgem no nosso caminho até finalmente chegarmos ao fim da nossa meta. No entanto, esta conceção, sem mais matizes, pode acabar em esgotamento ou em insensibilidade à variedade de dons que o Senhor coloca no nosso caminho. Ser forte consiste, antes de mais, em robustecer as nossas convicções, em renovar sempre o amor que nos move, em fazer brilhar mais em nós os bens mais autênticos; por outras palavras, basear a nossa força na fé no amor de Deus. Então poderemos escolher mais facilmente, mesmo com prazer, o que realmente queremos, aquela “melhor parte” de que fala Jesus (cf. Lc 10, 42).

Por exemplo, uma pessoa com falta de fortaleza pode não ser capaz de evitar um comentário brusco ou sorrir quando está cansada. Nesse tipo de situação, o cansaço é a razão que mais pesa e perde de vista outras razões pelas quais valeria a pena fazer um esforço. Pelo contrário, quem tem a fortaleza baseada na fé não só é capaz de se sobrepor ao cansaço, como o faz porque se apercebe do bem que lhe traz, a ele e aos outros, e até descobre nele um caminho para amar a Deus. Só deste modo é que ações como privar-se de um pequeno prazer, levantar-se a uma hora fixa, evitar uma queixa ou por fazer um favor que não faríamos espontaneamente, se tornam um modo de nos educar na perceção de um bem que está ao nosso

alcance, mas que – pelo menos à primeira vista – talvez não seja muito evidente quando ocorre uma contrariedade.

Este processo, que inicialmente parecia reduzir-se apenas ao desafio de nos superarmos a nós próprios, acaba, de facto, por nos tornar mais livres, pois a nossa alegria e a nossa paz dependerão mais do que realmente queremos e menos das pequenas tiranias do momento. Na luta para ser mais fortes, trata-se precisamente de explorar esses pontos cegos que nos impedem de ver alguns aspetos do bem pelo simples facto de exigirem esforço. Quem aprende a viver com fortaleza será capaz de perseverar no bem, mesmo quando as boas decisões não são as mais atrativas. Ser forte é a atitude de quem percebe o real valor das coisas.

«O QUE é preciso para alcançar a felicidade – escrevia S. Josemaria – não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»^[2]. O caminho do cristão é exigente porque requer um amor cada vez mais profundo; e, como diz aquela velha canção, «coração que não quer sofrer dores / passe a vida inteira livre de amores»^[3]. A vida de Jesus mostra-nos como nos devemos relacionar com a adversidade. Ele não fugiu da cruz. Nem sequer se limitou a aceitá-la: quis abraçá-la. E quando sentiu o peso do cansaço preferiu cair em vez de a largar^[4]. Para o povo, aquele madeiro era sinónimo de morte, mas para Jesus era o instrumento do seu amor: o trono de onde nos salvaria dos nossos pecados.

A fortaleza ajuda-nos a aceitar a dor. Ao mesmo tempo, também nos encoraja a ver os motivos que dão sentido às nossas lutas quando surgem as dificuldades. Cada sacrificio feito livremente, cada contradição aceite pacientemente, cada compromisso feito por amor, reafirma em nós a convicção de que a nossa felicidade está em Deus, mais do que em qualquer outra realidade. A luta quotidiana torna-se, então, uma conquista progressiva do bem maior que nos concede algo da glória futura a que aspiramos: a luta converte-se num caminho de esperança.

Por isso, o forte não desespera, não perde a compostura perante o fracasso ou quando os frutos do seu trabalho tardam a aparecer. A fortaleza permite-nos «lutar, por Amor, até ao último instante»^[5], com os olhos

postos no fim a que aspiramos. A Virgem Maria soube apoiar os Apóstolos nos momentos difíceis da Paixão, quando Jesus tinha morrido. Ela também não nos abandona quando parece que o seu Filho não está presente. Ela enche-nos da sua força e convida-nos a pôr o olhar na ressurreição de Jesus.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 13/04/18.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 795.

[3] “*A los árboles altos*”, uma canção tradicional.

[4] cf. S. Josemaria, *Via Sacra*, VII estação, n. 1.

[5] S. Josemaria, “*Tempo de reparar*”, n. 4, em *En diálogo con el Señor*.

Sábado da XVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o desespero de um pai; recuperar a confiança em Deus; oração e fé.

Sumário

- O desespero de um pai.
- Recuperar a confiança em Deus.
- Oração e fé.

UM HOMEM tinha um filho que, havia algum tempo, estava possesso de um demónio. Em qualquer lado agarrava-o e atirava-o ao chão, fazia-o espumar e deixava-o rígido. Outras vezes, levava-o mesmo a atirar-se ao fogo ou à água. Como é lógico, esta situação fazia-os sofrer muito a ambos. Provavelmente tinham feito tudo o que estava ao seu alcance para obter a cura, mas sem qualquer resultado. Um dia, porém, o pai ouviu falar dos discípulos de um Mestre que, segundo constava, operavam grandes milagres. Levou o filho à presença deles, mas, para surpresa de todos, os Apóstolos não conseguiram fazer nada: tentaram, mas foi-lhes impossível expulsar aquele espírito (cf. Mt 17, 14-16).

Podemos imaginar a tristeza do pai. Aqueles homens tinham realizado todo o tipo de prodígios, mas fracassaram precisamente na hora de curar o rapaz. «Porque me acontece isto? – perguntar-se-ia – Porque conseguem curar os outros e não o meu filho único?». Talvez nos tenhamos encontrado alguma vez numa situação semelhante. Ouvimos dizer que pessoas nossas conhecidas receberam algum favor de Deus – um emprego, a resolução de um problema, uma alegria da família – ao passo que a nossa súplica parece não dar fruto. «Por que é que Deus ajuda os outros e não me ajuda a mim?», podemos perguntar-nos, como o pai do rapaz.

Não há uma resposta que possa satisfazer completamente esta pergunta. Contudo, por vezes, Deus pode permitir esse aparente silêncio para fazer crescer a nossa fé, a nossa esperança e a nossa caridade. Na Sagrada Escritura podemos ver também muitos outros personagens cujos pedidos Deus parecia não escutar. Souberam perseverar e deixaram-se transformar cada dia, aceitando a vontade do Senhor, fosse ela qual fosse. E este foi, em muitos casos, o principal fruto que obtiveram: o de saber amar com todo o coração o que Deus queria para eles. Quando, como o pai do rapaz, talvez se avizinha o desespero, «nesse momento Deus dar-nos-á um nome novo, que contém o sentido de toda a nossa vida; mudará o nosso coração e dar-nos-á a bênção reservada àqueles que se deixaram mudar por Ele. (...) Ele sabe como fazê-lo, porque conhece cada um de nós»^[1].

O PAI, ao ver que nem mesmo os Apóstolos eram capazes de curar o seu filho, tentou um último recurso: aproximar-se de Jesus. Fê-lo sem grande esperança, pois não queria alimentar a ilusão de uma cura que parecia impossível. Por isso, manifestou a sua necessidade ao Mestre: «Se podes fazer alguma coisa, tem piedade de nós e ajuda-nos». Cristo, conhecendo as suas dúvidas, respondeu-lhe: «Se podes... Tudo é possível àquele que crê!» (Mc 9, 22-23). «Aquele homem sente a sua fé vacilar, teme que essa escassez de confiança impeça que o seu filho recupere a saúde. E chora. Não nos envergonhemos deste pranto: é fruto do amor de Deus, da oração contrita, da humildade»^[2]. Este foi o primeiro milagre que, neste caso, o Senhor operou: ajudar esse pai a ser um testemunho de humildade e a recuperar a confiança em Deus.

Jesus, depois de escutar a súplica do homem, «ameaçou o espírito imundo, dizendo-lhe: “Espírito mudo e surdo, Eu te ordeno, sai desse menino e não voltes a entrar nele!”. E, gritando e agitando-o violentamente, saiu» (Mc 9, 25-26). Os Apóstolos perguntaram-Lhe então por que não tinham conseguido expulsá-lo, e o Senhor deu-lhes uma resposta precisa: «Por causa da vossa falta de fé» (Mt 17, 20). Talvez os discípulos, ao verem a violência com que o espírito atormentava a criança, se tenham enchido de temor ou se tenham sentido incapazes de um milagre tão grande. Viver de fé não consiste tanto em ignorar o medo ou em ter uma segurança inabalável em nós mesmos, mas em reconhecer humildemente a necessidade de Deus e

a grandeza dos seus desígnios. «É a fé que nos dá a capacidade de olhar com esperança para os altos e baixos da vida, que nos ajuda a aceitar inclusive as derrotas e os sofrimentos, sabendo que o mal não tem nunca, não terá nunca, a última palavra»^[3]. Jesus tem poder ante todo o mal: só espera uma alma paciente e humilde, como a daquele pai, para derramar a sua força sobre nós, de maneiras que talvez não imaginemos.

S. JOSEMARIA costumava dizer que entregar, com fé, uma petição a Deus não exime o homem de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para conseguir o que procura. A confiança no Senhor «não pressupõe dispensar os meios naturais adequados para conseguir o fim proposto. Não; em qualquer empreendimento, juntamente com os meios sobrenaturais, é imprescindível utilizar sempre todos os meios humanos honestos que estejam ao nosso alcance. Se esses falham, procuram-se outros e aplicam-se com a mesma fé»^[4].

Ao mesmo tempo, na vida do fundador do Opus Dei pode-se ver a prioridade que dava à oração, pois considerava-a «o fundamento da vida espiritual»^[5]. Quando tinha um assunto para levar para a frente ou que o preocupava, pedia aos seus filhos e filhas que rezassem com mais intensidade. Tinha a certeza de que a oração era sempre fecunda. Mesmo que nem sempre visse diretamente os resultados, sabia que, em qualquer caso, teria produzido frutos, pois essa oração nos tinha aproximado de Deus. Além disso, podia ter frutificado também exteriormente de um modo inesperado, num lugar ou numa pessoa não conhecida.

Jesus põe uma condição para que a oração seja eficaz: ter fé. É assim que os Apóstolos poderão conseguir o impossível: «Se tiverdes fé comparável a um grão de mostarda, direis a este monte: “Muda-te daqui para acolá”, e ele há de mudar-se» (Mt 17, 20). A Virgem Maria acolheu com fé a palavra do Anjo e permitiu que Deus crescesse no seu seio. Podemos pedir-lhe a Ela que interceda por nós para que saibamos apresentar as nossas necessidades ao seu Filho com a certeza de que, seja qual for o resultado, haverá sempre fruto.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 10/06/2020.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 204.

[3] Francisco, Angelus, 06/10/2019.

[4] S. Josemaria, Apontamentos de uma meditação 27/08/1937.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 84.

XXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: toda uma família envolvida na nossa luta; olhar cada irmão como Deus o olha; a correção de Jesus a Pedro.*

Sumário

- Toda uma família envolvida na nossa luta.
- Olhar cada irmão como Deus o olha.
- A correção de Jesus a Pedro.

QUANDO O Senhor chegou à Galileia com os seus discípulos, fez um discurso em que descreveu algumas características da vida na Igreja. Uma delas é a fraternidade: os cristãos velam pelos seus irmãos, como Cristo fez, para os atrair todos ao Pai. Jesus sabia bem que muitas vezes resistimos a ela e que, ao convivermos uns com os outros, podemos magoar alguém que nos é próximo. Por isso, o Senhor propõe uma solução audaz. Em vez de retirarmos a nossa confiança ou de resolver o problema com o distanciamento, Ele pede aos seus discípulos: «Se o teu irmão pecar contra ti, vai e corrige-o a sós. Se te ouvir, terás ganho o teu irmão» (Mt 18, 15).

Este costume evangélico consiste em que uma pessoa, depois de o considerar na sua oração com Deus, nos dê uma sugestão para melhorarmos algum aspeto concreto da nossa vida. Esta ajuda dá-nos a segurança de nos sabermos parte de toda uma família envolvida na nossa luta. Mostra que somos importantes para alguém e que precisamos de ser cuidados. É o fruto de ter alguém ao nosso lado que não só nos aconselha nas encruzilhadas importantes, mas que nos compreende e anima naquilo que nos pode custar no dia a dia, mesmo que estas realidades sejam muitas vezes as mesmas. Assim, quando é necessário, esse irmão ou irmã pode dar-nos uma ajuda. Por isso, a correção fraterna é o oposto da crítica, da maledicência ou da difamação. Enquanto nestas últimas há um julgar e um condenar, na ajuda fraterna há um abraço que acolhe e estimula para o futuro. O Senhor conta

com os outros para nos ajudarem a sermos, com a Sua graça, a melhor versão de nós mesmos, com a nossa história e as nossas particularidades. «Deus serve-se muitas vezes da amizade autêntica para realizar a Sua obra salvadora»^[1].

NA HISTÓRIA da Salvação, vemos que Deus atua sempre num povo, numa comunidade, numa família, num grupo de amigos. Pensar que a santidade prescinde do que os outros podem fazer por nós poderia ser um sintoma de isolamento. Por isso é natural que, num contexto de amizade, surja a correção fraterna. A compreensão é talvez um dos primeiros passos para podermos ajudar. Evita que o nosso olhar tropece em pormenores de pouca importância, e convida-nos a sintonizar com esse profundo anseio de santidade que anima o atuar de um cristão, e que, pouco a pouco, impregna as diversas manifestações da vida quotidiana.

S. Josemaria dizia que «mais do que em "dar", a caridade está em "compreender"»^[2]. Em primeiro lugar, leva-nos a ver as qualidades e as virtudes dos outros. Ao ajudarmos um irmão, procuramos olhar para ele como Deus olha, e procuramos cuidar dele como alguém que se estima, valorizando o que há de bom nele e as possibilidades de amadurecer no amor. Portanto, o que motiva a prática da correção fraterna não é tanto o desejo de preservar uma ordem externa, mas sim o desejo de que a pessoa próxima de mim seja cada vez mais feliz. Esta certeza de procurar a sua felicidade envolve, portanto, o máximo respeito pela sua liberdade, porque só assim a fraternidade é delicada e verdadeira.

«Põe-te sempre nas circunstâncias do próximo – sugeria S. Josemaria –: assim verás os problemas ou as questões serenamente, não terás desgostos, compreenderás, desculparás, corrigirás quando e como for necessário, e encherás o mundo de caridade»^[3]. A compreensão não consiste em evitar o dano que recebemos ou o muito que o outro, na nossa opinião, pode fazer melhor, mas permite-nos antes entender que todos precisamos de afeto e, sobretudo, do perdão, «como Deus fez e faz com cada um de nós»^[4]. Ela diz-nos que os defeitos podem não ter a última palavra na relação com o outro. Como o prelado do Opus Dei ensina, podemos ter a certeza «de que o positivo é muito superior ao negativo. Em qualquer caso, o negativo não é

motivo de separação, mas de oração e de ajuda. Se possível, de mais afeto. E se necessário, de correção fraterna»^[5].

O PRÓPRIO Jesus praticou a correção fraterna em várias ocasiões. Talvez a mais marcante seja a que fez a Pedro, quando, depois de predizer a Sua morte e Ressurreição, o apóstolo começou a repreendê-lo, dizendo: «Deus te livre, Senhor! Isso nunca te há de acontecer!». Cristo corrigiu imediatamente a atitude de Pedro: «Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens» (Mt 16, 22-23). É surpreendente ver que Jesus chama "Satanás" àquele a quem, pouco antes, tinha confiado as chaves do Reino dos Céus! Poderíamos mesmo dizer que é ainda mais surpreendente não ouvir qualquer reação negativa da parte de Pedro: quem não teria desanimado ao ouvir uma tal correção dos lábios de Cristo?

Provavelmente, Pedro não compreendeu bem o que estava a acontecer. Mas de uma coisa tinha a certeza: Cristo amava-o de todo o coração. Não era apenas o Messias esperado, mas era um amigo que se preocupava com ele, que lhe manifestava continuamente o Seu afeto e que lhe ia revelando pouco a pouco os mistérios profundos do Seu projeto de Salvação. A correção procurava, em primeiro lugar, modificar uma importante atitude de fundo. Por isso aquela repreensão, embora dura, não o desanima, pois tem a certeza de que Jesus só quer o seu bem, e que o estava a tornar participante da Sua sabedoria divina. Ao mesmo tempo, Cristo sabe bem a quem o está a dizer. As Suas palavras sugerem que a Sua confiança em Pedro era muito grande, e que sabia que ele podia tirar proveito delas sem se sentir ferido.

«Não se pode corrigir uma pessoa sem amor e sem caridade»^[6]. A correção fraterna requer um contexto – como o que se criou entre Jesus e Pedro – em que se tenha percebido a proximidade, o interesse sincero e a preocupação real pela vida do outro. Requer também conhecer bem o irmão ou a irmã. Assim, mais do que um *ponto de partida* para uma relação de amizade, ela é mais uma etapa no caminho da fraternidade, que nos permite partilhar muitos quilómetros juntos. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a velar pelos nossos irmãos e a acolhê-los com o seu mesmo olhar de compreensão.

NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 5.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 463.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 958.

[4] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2012, n. 1.

[5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 4.

[6] Francisco, Meditações matutinas, 12/09/2014.

XXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no XXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C).
Os temas propostos são: desprendimento para seguir Jesus; acompanhar o Senhor com as nossas cruzes; espírito de exame.*

Sumário

- Desprendimento para seguir Jesus.
- Acompanhar o Senhor com as nossas cruzes.
- Espírito de exame.

MUITOS tinham decidido seguir Jesus. Tocados pelos seus ensinamentos e milagres, percorriam na sua companhia os lugares a que se dirigia. Não podemos conhecer os motivos pessoais que impeliam cada um. Alguns, provavelmente, tinham experimentado tal alegria na sua presença que não queriam separar-se d'Ele. Outros, talvez O seguissem por mera curiosidade. E até é possível que alguns procurassem aproveitar o poder de Jesus em benefício próprio com alguma intenção menos reta. Em todo o caso, Jesus faz uma paragem no caminho para explicar-lhes o que significa segui-l'O: «Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 26). E acrescenta a seguir: «Qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 33).

Naturalmente que Cristo não pretende que desprezemos as nossas relações familiares nem sequer os bens materiais, já que foi o próprio Deus a dar-nos tudo. Efetivamente, Jesus passou a maior parte da sua existência no lar de família e, ao ter assumido a natureza humana, teve a necessidade e o gosto de utilizar os bens terrenos. Antes, com linguagem forte, Cristo convida-nos a pô-l'O a Ele no centro da nossa vida por cima de tudo. Aproximarmo-nos adequadamente das realidades terrenas, de modo a não serem o ponto de referência da nossa vida, é uma maneira de recordar que a

nossa segurança e a nossa plena felicidade estão em Jesus. Quando nos dispomos a ser seus discípulos, as relações familiares e os bens terrenos adquirem também uma nova luz: o brilho sobrenatural.

«Corações generosos, com desprendimento verdadeiro, pede o Senhor – diz S. Josemaria –. Conseguí-lo-emos, se soltarmos com valentia as amarras ou os fios subtis que nos prendem ao nosso eu. Não vos escondo que esta determinação exige uma luta constante, uma sobreposição ao entendimento e à vontade própria, em poucas palavras, uma renúncia»^[1]. Conseguiremos então desfrutar genuinamente dos afetos e dos bens materiais.

«QUEM NÃO tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 27). Ao longo da vida, Jesus foi revelando progressivamente a sua identidade, bem como a identidade de quem quisesse ser seu discípulo. A libertação que ofereceria aos homens não consistia, como muitos pensavam, numa rebelião contra as autoridades políticas da altura. O caminho que seguiu foi justamente o contrário: entregar-se a uma morte de cruz. O facto de associar a cruz a ser discípulo seu deve ter surpreendido os ouvintes, pois tratava-se da condenação mais atroz reservada pelo império romano aos proscritos. Considerariam possivelmente que libertação e cruz eram dois termos opostos. «Como podem ser compatíveis a vitória e a morte?», perguntariam. O que é certo é que «não se pode entender Cristo Redentor sem a cruz. Podemos mesmo chegar a pensar que é um grande profeta, que faz coisas boas, que é um santo. Mas Cristo Redentor sem a cruz não se pode entender»^[2].

Por isso, passo a passo, Jesus iria dispendo o coração da multidão para que a sua morte na cruz não fosse considerada uma derrota, mas um triunfo; para que, passados o tempo, inclusivamente decénios e séculos, as dificuldades da vida não fossem vistas como desgraças inevitáveis, mas como realidades que podem levar à identificação com Deus feito homem. Cristo adverte os seus discípulos de que sofrerão perseguições e calamidades, «mas com a esperança perseverante na vitória da cruz, o coração humano encontrará sempre um chão firme, a autêntica paz, na presença constante do Senhor, verdadeiro fim de todas as coisas, e cuja ajuda nunca nos abandona»^[3].

Através dessas contrariedades, Jesus «prepara-nos para O acompanhar com as nossas cruzes pelo seu caminho até à redenção. Prepara-nos para sermos cireneus e ajudá-l'O a levar a cruz. A nossa vida cristã, sem isso, não é cristã»^[4]. Como escrevia S. Josemaria: «A Cruz sobre o teu peito?... – Está bem. Mas... a Cruz sobre os teus ombros, a Cruz na tua carne, a Cruz na tua inteligência. – Assim viverás por Cristo, com Cristo e em Cristo; só assim serás apóstolo»^[5]. Como na cruz estava já o germe da ressurreição e da nova vida, assim sucede também nos momentos do nosso caminhar que talvez sejam mais escuros: podemos pedir a Nosso Senhor a sua luz que dissipa as trevas e que antecipa, como a aurora, o esplendor do dia sereno.

«QUEM DENTRE vós, querendo construir uma torre, não se sinta primeiro para calcular a despesa e ver se tem com que a concluir?» (Lc 14, 28). Estas palavras de Jesus estão repletas de senso comum. Na altura de se lançar a um projeto, é lógico parar antes e analisar a situação: com que meios conto para levar a cabo esta empresa? Que é que a dificulta? O Senhor anima os seus ouvintes, especialmente os que querem segui-l'O, a pensar nestas mesmas questões. Depois de ter apontado duas características de um discípulo – o desprendimento e o amor à cruz –, Jesus quer que consideremos pessoalmente se estamos dispostos a percorrer este caminho. O Senhor deseja que, antes de tomar uma resolução, tenhamos claro em que podemos confiar, e onde não devemos situar as nossas seguranças: trata-se do que S. João da Cruz considera «o primeiro passo que a alma tem que dar para chegar ao conhecimento de Deus»^[6].

No exame de consciência confrontamos a nossa vida com a de Jesus, o que somos com o que gostávamos de ser, como observamos a realidade e de que modo a observa Nosso Senhor, que o faz sempre a partir da sua infinita misericórdia, desejoso de nos conceder o seu amor e a sua ajuda. O seu objetivo não é sermos pessoas sem erros, mas antes «abrasar-nos mais no amor a Deus com realidades – obras – de entrega»^[7]. Deus oferece-nos continuamente o seu perdão e permite-nos recomeçar de novo na edificação dessa *torre* que construímos junto do Espírito Santo: a santidade. Esta *torre*, diversamente das construções humanas, conta com uma peculiaridade: não depende unicamente dos nossos próprios meios. Temos, além disso,

muitíssimos aliados que, do céu, nos ajudam sempre. «Antes, só, não podias... – Agora, recorreste à Senhora, e, com Ela, que fácil!»^[8].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 115.

[2] Francisco, Meditação matutina, 26/09/2014.

[3] Bento XVI, Angelus, 18/11/2012.

[4] Francisco, Meditação matutina, 26/09/2014.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 929.

[6] S. João da Cruz, *Cântico espiritual*, 4, 1.

[7] Bto. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 08/12/1976, n. 8.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 513.

Segunda-feira da XXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no segunda-feira da XXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o formalismo de alguns fariseus; retidão de intenção; prioridade da pessoa.

Sumário

- O formalismo de alguns fariseus.
- Retidão de intenção.
- Prioridade da pessoa.

NUM SÁBADO, Jesus «entrou numa sinagoga e começou a ensinar. Estava lá um homem com a mão direita parálitica. Os escribas e fariseus observavam Jesus, para verem se Ele ia curar ao sábado e encontrarem assim um pretexto para O acusarem» (Lc 6, 6-7). Esta cena do Evangelho destaca por que algumas autoridades judaicas seguem Jesus. Não estão interessados nos Seus ensinamentos, nem ficam felizes quando testemunham um milagre. Em vez disso, procuram a desculpa perfeita para desacreditá-l'O. «Ó fariseu! – diz S. Cirilo de Alexandria –, vês Aquele que faz coisas prodigiosas e cura os doentes em virtude de um poder superior, e projetas a Sua morte por inveja»^[1].

Aqueles que julgam o Senhor nessa cena mostram que não estão preocupados com aquele homem da mão parálitica. A sua prioridade não é simpatizar com a doença dessa pessoa e, se possível, libertá-la, mas concentram-se apenas na estrita observância da lei do sábado; a única coisa que importa é acusar alguém que não a respeitava, que, neste caso, é Jesus, o autor da lei. Com o seu formalismo, aqueles fariseus «não deixam espaço para a graça de Deus» e detêm-se «em si mesmos, nas suas tristezas, nos seus ressentimentos», sendo assim incapazes de «levar a salvação, porque fecham a porta»^[2].

No fundo, essas pessoas transformaram o caminho amplo da misericórdia de Deus num caminho estreito de legalismo; em vez de serem uma ajuda encorajadora nesse caminhar, são um obstáculo; onde existem pessoas, veem apenas desvios da norma. Perante esta forma de julgar os outros, S. Josemaria adverte-nos: «Não se podem oferecer fórmulas pré-fabricadas, nem métodos ou regulamentos rígidos, para aproximar as almas de Cristo. O encontro de Deus com cada homem é inefável e irrepetível, e devemos colaborar com o Senhor para encontrar em cada caso a palavra e o caminho apropriados, sendo dóceis e não tentando colocar trilhos à ação sempre original do Espírito Santo»^[3].

S. LUCAS indica que Jesus conhece os pensamentos desses escribas e fariseus (cf. Lc 6, 8). O Senhor sabe perfeitamente que eles não estão ali para ouvi-l'O com humildade e depois seguir os Seus ensinamentos. Embora exteriormente se comportem como os outros, o seu interior contrasta com a simplicidade do resto dos ouvintes. Eles não acompanham o Senhor com o desejo de mudar as suas vidas e agradecer a Deus, mas com o propósito de encontrar algo para acusá-l'O.

«A retidão de intenção está em procurar "somente e em tudo" a glória de Deus»^[4], acima da nossa glória pessoal ou do apego aos critérios com os quais julgamos a realidade. A vida cristã não se reduz a "cumprir" certas normas ou regulamentos morais ou religiosos: aqueles fariseus, de facto, eram zelosos adeptos da lei, davam esmolas, passavam horas no templo, jejuavam... Mas Jesus sabia que não o faziam para dar glória ao Seu Pai e, portanto, isso não os aproximava dos outros nem da felicidade autêntica. «Este povo – dir-lhes-ia o Senhor noutra ocasião, citando o profeta Isaías – honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim» (Mt 15, 8).

A vida cristã é sempre acompanhada por obras externas. No entanto, é decisivo que essas obras sejam animadas pelo espírito de bondade e santidade que vemos na vida do Senhor, dos apóstolos e dos santos. Deste modo, o cristão pode transformar «em ouro puro, como fez o rei Midas, tudo o que toca, pela retidão de intenção que, com a graça de Deus, o leva a fazer – daquilo que lhe é indiferente – algo sagrado»^[5].

DEPOIS de pedir ao homem da mão parálitica que fosse para o meio, Jesus fez esta pergunta aos escribas e fariseus: «É permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar a vida ou tirá-la?» (Lc 6, 9). Sem esperar resposta, o Senhor fez o milagre e a mão do homem ficou curada.

Jesus não entendia de cálculos quando se tratava de fazer o bem. Tinha vindo ao mundo para salvar os homens e dedicou toda a Sua vida a esse propósito. Por isso fez milagres também no sábado, porque queria mostrar que o bem da pessoa sempre está em primeiro lugar. Quando se tratava de salvar alguém, não hesitava em rodear-se de pecadores públicos (cf. Mc 2, 16), visitar tantas cidades quantas fossem necessárias (cf. Lc 4, 43), ou entrar nas casas dos gentios (cf. Mt 8, 7). Em suma, a Sua missão redentora não tinha horários ou distinções de qualquer tipo: Jesus estava sempre disponível.

A tarefa de tornar Deus conhecido também, nesse sentido, tira-nos dos nossos esquemas e seguranças. O próprio sentido de missão do apóstolo leva-nos a experimentar «o prazer de ser um manancial que transborda e refresca os outros. Só pode ser missionário quem se sente bem, procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros»^[6]. Esta é a abertura do coração que Santa Maria experimentou. Nos seus anos na terra, sempre colocou o bem de Jesus em primeiro lugar. E agora mostra essa mesma disponibilidade a todos aqueles que vêm, como bons filhos, pedir a sua ajuda materna.

NOTAS

[1] S. Cirilo de Alexandria, *Comentário ao Evangelho de S. Lucas*.

[2] Francisco, *Meditações Matutinas*, 01/04/2014.

[3] S. Josemaria, *Cartas* 11, n. 42.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 921.

[5] S. Josemaria, *Instrução para a obra de S. Gabriel*, n. 98.

[6] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 272.

Terça-feira da XXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: prioridade da oração; oração fraterna; acolher Jesus na Comunhão.

Sumário

- Prioridade da oração.
- Oração fraterna.
- Acolher Jesus na Comunhão.

S. LUCAS narra-nos que Jesus passou a noite inteira em oração antes de escolher os seus apóstolos. Nos momentos que antecedem vários acontecimentos importantes, vemos o Senhor recorrer a este diálogo pessoal com o seu Pai. Fá-lo-á também, por exemplo, anos mais tarde, no Jardim das Oliveiras: ante a iminência da Paixão, Jesus pede força para fazer sempre a vontade de Deus.

Regra geral, dificilmente será possível passar noites inteiras em vigília. Mas a atitude do Senhor mostra-nos a necessidade que teve o próprio Cristo de sintonizar intensamente com o seu Pai Deus, principalmente em situações especiais em que necessitava de muita luz, consolo e estímulo. Como dizia S. Josemaria, graças à oração podemos converter todo o nosso dia numa «conversa íntima e confiada. Afirmei-o e escrevi-o muitas vezes, mas não me importo de o repetir, porque Nosso Senhor nos faz ver, com o seu exemplo, que este é o comportamento certo: oração constante, de manhã à noite e da noite até de manhã. Quando as coisas correm bem: obrigado, meu Deus! Quando chega um momento difícil: Senhor, não me abandones!»^[1].

A um pai interessam-lhe até as coisas mais pequenas da vida do seu filho. E mesmo que as tenha ouvido centenas de vezes, é capaz de mostrar um afeto e um entusiasmo sempre novos. Por isso, podemos ter essa mesma

atitude com o nosso Pai do Céu. Quando Lhe oferecemos até as coisas mais pequenas do nosso dia, Ele fá-las suas e então adquirem o valor infinito que tem o sacrifício do seu Filho. «Todos os nossos pedidos foram reunidos, de uma vez por todas, no seu brado sobre a cruz e atendidos pelo Pai na sua ressurreição; por isso Ele não cessa de interceder por nós»^[2].

NÃO SABEMOS com exatidão o conteúdo dessa noite de oração de Jesus. Mas é fácil supor que pensaria em cada um dos apóstolos que ia escolher no dia seguinte. Contemplá-los-ia com as suas virtudes e os seus defeitos, teria um grande desejo de que fossem muito fecundos e felizes na propagação da boa nova da salvação. «O chamamento dos discípulos é um acontecimento de oração; são, por assim dizer, gerados na oração, na intimidade com o Pai (...). É daqui que se deve partir para compreender a palavra de Jesus: “Rogai ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe” (Mt 9, 38). Os trabalhadores da messe de Deus não se podem escolher simplesmente como um empresário procura os seus operários, mas devem ser sempre pedidos a Deus, e por Ele mesmo serem escolhidos para este serviço»^[3].

A vida de uma pessoa nunca é isolada, mas necessita das relações com os outros. Por isso, é lógico que também na oração surjam nomes e rostos, sobretudo dos mais próximos de nós, de pessoas que fazem parte da nossa vida quotidiana e que queremos tornar felizes. Desta forma, as relações saberão abrir-se à ação divina, Deus será convidado a habitar realmente nessa convivência. Experimenta-se assim uma alegria que não é algo «casual nem fortuito», mas «fruto da harmonia profunda entre as pessoas, que faz apreciar a beleza de estarmos juntos, de nos apoiarmos reciprocamente no caminho da vida»^[4].

É normal que com algumas pessoas tenhamos um relacionamento mais fácil, quer seja porque temos um carácter semelhante ou porque coincidimos em gostos e lazeres. Mas saber que somos filhos do mesmo Pai «levar-nos-á a aprofundar nas relações com os nossos irmãos, a não nos deixarmos levar apenas pelas coisas que temos em comum e também a superar as possíveis barreiras humanas que possamos ter, sabendo ver em cada um deles o próprio Cristo»^[5].

QUANDO RECEBEMOS Jesus na Comunhão eucarística, situamo-nos na melhor *posição* para interceder por qualquer intenção junto de Deus, em nome de seu Filho. Podemos experimentar, em primeira pessoa, o que narra S. Lucas: «Toda a multidão tentava tocá-l’O, porque saia d’Ele uma força que a todos curava» (Lc 6, 19). Este pode ser um momento para recordar, como fazia Jesus, as pessoas que queremos ajudar; também para que o nosso coração se encha de ações de graças porque Deus quis contar connosco e ainda pelo próprio facto de podermos estar a rezar: «Pai, dou-Te graças por me teres ouvido» (Jo 11, 41). É possível também que experimentemos a nossa indignidade ou os limites das nossas capacidades, como aconteceu com aquele centurião que queria curar o seu servo: «Diz uma só palavra e o meu servo ficará curado» (Mt 8, 8).

Quando vamos ser recebidos por alguém importante, normalmente preparamos o que vamos dizer para que, talvez devido à emoção, não o esqueçamos nesse momento. Da mesma forma, podemos procurar fazer algo semelhante quando nos preparamos para receber o Senhor na Eucaristia: ir recolhendo intenções ao longo do dia. «Alguma vez pensaste em como te prepararias para O receber se apenas fosse possível comungar uma vez na vida?»^[6], perguntava S. Josemaria. E noutro momento, acrescentava: «Temos de O receber como aos grandes da terra: com adornos, luzes, trajes novos. E se me perguntas que limpeza, que adornos e que luzes debes ter, responder-te-ei: limpeza nos teus sentidos, um por um; adorno nas tuas potências, uma por uma; luz em toda a tua alma»^[7].

Santa Maria foi a primeira a receber Jesus. Podemos pedir-lhe que nos alcance a graça de acolher o amor do seu Filho com a mesma pureza, humildade e devoção com que Ela o fez.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 247.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2741.

[3] Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, I, p. 222.

[4] Francisco, *Angelus*, 27/12/2015.

[5] Fernando Ocáriz, *Tertúlia*, 25/06/2022.

[6] S. Josemaria, *Meditação*, 14/04/1960.

[7] *Ibid.*

Quarta-feira da XXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: confiar na felicidade que vem de Deus; a promessa da alegria percorre o Evangelho; as tristezas e as alegrias de um cristão.

Sumário

- Confiar na felicidade que vem de Deus.
- A promessa da alegria percorre o Evangelho.
- As tristezas e as alegrias de um cristão.

NAS bem-aventuranças, Cristo oferece-nos as chaves que nos abrem as portas do Céu... e da felicidade nesta terra^[1]. Contudo, o nosso coração tem dificuldade em acreditar que encontrará alegria na pobreza, na fome, no pranto ou na perseguição. O Senhor insiste ao empregar dois verbos muito expressivos para indicar a meta desse trajeto: “alegrai-vos” e “regozijai-vos” (Lc 6, 23).

Estas aparentes contradições convidam-nos «a refletir sobre o profundo significado de ter fé, que consiste em acreditarmos totalmente no Senhor. Trata-se de derrubar os ídolos mundanos para abrir o coração ao Deus vivo e verdadeiro; só Ele pode dar à nossa existência essa plenitude tão desejada e, contudo, tão difícil de alcançar. Muitos, também nos nossos dias, se apresentam como dispensadores da felicidade. (...) E aqui é fácil cair, sem se dar conta, no pecado contra o primeiro mandamento, a idolatria, substituindo Deus por um ídolo. A idolatria e os ídolos parecem coisas de outros tempos, mas, na realidade, são de todos os tempos!»^[2].

«Deus quer abrir-nos – comenta o Prelado do Opus Dei – um panorama de grandeza e de beleza, que ainda se oculta aos nossos olhos. É necessário confiar n’Ele, dar um passo ao seu encontro e afastarmos o medo de pensar que, se o fazemos, perderemos muitas coisas boas da vida. A capacidade

que tem de surpreender-nos é muito maior que qualquer das nossas expectativas»^[3]. Isto não quer dizer que a vida cristã consista em acumular sofrimento na terra para poder gozar depois no céu; Jesus quer-nos felizes também aqui, mas não quer que a nossa felicidade dependa do efêmero, daquilo que rapidamente passa, mas daquilo que é realmente verdadeiro, do único que é capaz de saciar a nossa sede do infinito.

SE RECORDARMOS a anunciação do arcanjo S. Gabriel a Maria «podemos dizer que a primeira palavra do Novo Testamento é um convite à alegria: “alegra-te”, “regozija-te”. O Novo Testamento é realmente “Evangelho”, “boa nova” que nos traz alegria. Deus não está longe de nós, não é desconhecido, enigmático ou até perigoso. Deus está junto de nós»^[4]. Esta irrupção de uma nova alegria no mundo perpassa todo o Evangelho e encontra um ponto revelador nas bem-aventuranças. Jesus é quem melhor compreende a novidade do que está a dizer. Por isso, se nos lembrarmos dos momentos que nos fizeram felizes de verdade, talvez possamos descobrir que nem sempre se fundamentaram na riqueza, no prazer ou na comodidade.

«A alegria não é uma emoção de um momento: é outra coisa! A verdadeira alegria não vem das coisas, de ter, nasce do encontro, da relação com os outros; nasce de se sentir acolhidos, compreendidos, amados e de aceitar, compreender e amar»^[5]. É natural que, por vezes, identifiquemos aquela alegria que nos promete Jesus como algo que sucederá no futuro. Contudo, as suas palavras são eficazes também no momento presente da nossa vida quotidiana. Quem confia em Deus está mais preparado para se deixar amar. Quem confia em Deus está mais disposto a que as contrariedades sejam uma contínua recordação de que a verdadeira felicidade só a encontramos na companhia divina.

Como filhos de Deus, criados à sua imagem, não aspiramos a uma felicidade finita, mas a participar da própria felicidade do nosso Pai do céu. Jesus prometeu-nos que o seu único interesse é que a sua alegria esteja em nós para que a nossa alegria seja completa (cf. Jo 15, 11). Por isso, quem primeiro está empenhado na nossa felicidade é o próprio Deus e isso enche-nos de consolo.

QUAL É o principal obstáculo à nossa alegria? Com a fé, podemos afirmar que o único mal que nos pode levar à tristeza é o pecado. As outras desditas só o são na medida em que ainda não julgamos as coisas do ponto de vista de Deus. «O Senhor quer-nos felizes – dizia S. Josemaria –. Eu vejo os meus filhos sempre alegres com uma alegria sobrenatural, com algo tão íntimo que é compatível com as dores e com as contradições desta nossa vida na terra»^[6] Como assinala também S. João Crisóstomo: «Na terra, até a alegria costuma acabar em tristeza; mas para quem vive segundo Cristo, até as penas se transformam em felicidade»^[7].

Talvez pensemos, alguma vez, que merecemos a tristeza, pela nossa falta de correspondência. Não obstante, esta perspectiva pressupõe que só podemos ser felizes se cumprimos na perfeição tudo aquilo a que nos propusemos. Enquanto estamos no caminho de nos identificarmos com Cristo, a alegria a que nos chama o Senhor «não se apoia nas nossas virtudes: não é uma vã satisfação pessoal, mas edifica-se sobre a própria fraqueza e debilidade humana. Conhecer a própria fragilidade, experimentar a presença da adversidade dentro de nós mesmos pode e deve dar lugar à alegria»^[8]. Como repetia o fundador do Opus Dei: «Estai seguros: Deus não quer as nossas misérias, mas não as desconhece, e conta precisamente com essas debilidades para que sejamos santos»^[9].

A alegria verdadeira só pode encontrar-se no amor infinito e imerecido que Deus nos oferece. A nossa Mãe, Maria, acolheu incondicionalmente no seu seio o Senhor, por isso, é capaz de afirmar, cheia de humildade, que a «chamarão bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 48). Podemos pedir-Lhe que nos faça perceber e desfrutar dessa mesma alegria.

NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho* (título: *Felizes*).

[2] Francisco, Angelus, 17/02/2019.

[3] Fernando Ocáriz, “*Dejarse sorprender por un Padre bueno*”, 25/01/2019.

[4] Bento XVI, Homilia, 18/12/2005.

[5] Francisco, Discurso, 06/07/2013.

[6] S. Josemaria, Homilia 26/05/1974.

[7] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre S. Mateus*, 18.

[8] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho* (título: *A alegria dos filhos de Deus*).

[9] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 215.

Sexta-feira da XXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus veio para salvar, não para condenar; reconhecer a trave do próprio olho; defender a maneira de ser dos outros.

Sumário

- Jesus veio para salvar, não para condenar.
- Reconhecer a trave do próprio olho.
- Defender a maneira de ser dos outros.

«EU VIM ao mundo como luz, para que todo o que crê em mim não fique nas trevas. Se alguém ouve as minhas palavras e não as cumpre, não sou Eu que o julgo, pois não vim para condenar o mundo, mas sim para o salvar» (Jo 12, 46-47). Jesus expressa-se assim durante os dias anteriores à Páscoa, quando a pressão de alguns judeus já se tinha tornado insustentável. As autoridades do povo, que o rodeiam e perseguem sem disfarce, criticam todas as suas palavras, emitem juízos sobre as suas intenções e acusam-no inclusive quando realiza milagres. Nada do que Jesus faz ou diz os deixa satisfeitos. No entanto, em contraste com aquele ambiente, o Mestre recorda que Ele veio ao mundo para salvar, não para condenar; Ele estende sempre a mão a quem precisa, sem juízos nem condições.

Esta atitude de Jesus é atrativa e entusiasmante, e ao quisermos deixar que Cristo viva em nós é normal que procuremos esta mesma proximidade com todas as pessoas. Se nem sequer o filho de Deus olha para o próximo com intenção de julgar, nós com muito menos razão. Quando condenamos os outros, é o nosso próprio coração que fica afetado por uma espiral de egoísmo. Por isso, podemos pedir ajuda a Jesus Cristo para moldar o nosso interior à sua imagem. «De uma maneira gráfica e brincando – escrevia S. Josemaria –, chamei a vossa atenção sobre a diferente impressão que se tem de um mesmo facto, segundo se observe com ou sem carinho. E dizia-vos –

e perdoai-me, porque é muito gráfico – que, sobre a criança que anda com o dedo no nariz, comentam as visitas: *que porco*, enquanto a sua mãe diz: vai ser investigador! (...). Olhai para os vossos irmãos com amor e chegareis à conclusão – cheia de caridade – de que somos todos *investigadores!*»^[1].

NUMA das parábolas de S. Lucas, o Senhor propõe aos seus discípulos a seguinte imagem: «Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não reparas na trave que está na tua própria vista? Como podes dizer a teu irmão: ‘Irmão, deixa-me tirar o argueiro da tua vista’, tu que não vês a trave que está na tua?» (Lc 6, 41-43). Todos temos a tendência para julgar mais rapidamente os comportamentos dos outros antes dos nossos próprios. Contudo, o Senhor é claro e insiste nisto: se queremos melhorar o ambiente e as pessoas que nos rodeiam, o caminho é melhorarmos nós próprios, limpar primeiro os nossos olhos, deixarmo-nos alcançar pela misericórdia de Deus.

S. Cirilo de Alexandria comenta: «Porque julgas quando o Mestre ainda não julgou? Se eu não julgo, afirma, também não julgues tu que és o meu discípulo. É possível que sejas culpado daquele a quem julgas»^[2]. Antes de avaliar o comportamento dos nossos irmãos, Jesus anima-nos a olhar com sinceridade para o interior do nosso coração. Só então, com a nossa humildade pessoal, estaremos em condições de ver com mais clareza aquilo que nos rodeia. O exame pessoal sincero que conduz ao conhecimento próprio, é o primeiro passo antes de corrigir alguém. Ao descobrir a trave no interior do próprio olho é possível que os argueiros dos outros adquiram outro relevo ou outra dimensão: enchemo-nos de esperança porque sabemos que quem nos vê é um Deus cheio de misericórdia.

«Quando temos de corrigir ou repreender – escrevia Sto. Agostinho comentando também esta passagem –, prestemos atenção escrupulosa à seguinte pergunta: nunca caímos nesta falta? Curámo-nos dela? Mesmo que nunca a tivéssemos cometido, lembremo-nos que somos humanos e que poderíamos ter caído nela. Se, pelo contrário, a tivermos cometido no passado, lembremo-nos da nossa fragilidade para que a benevolência nos guie na correção»^[3].

JESUS pede, uma e outra vez, que desenvolvamos «um olhar que não se detenha no exterior, mas que vá ao coração»^[4]. Ao respeitar a maneira de ser dos outros torna-se claro que não pretendemos moldá-los segundo os nossos critérios ou preferências. Deste modo, aqueles que nos rodeiam vão sentir-se verdadeiramente livres e dar-se conta que nos interessa unicamente que sejam felizes e santos. S. Josemaria dizia que queria deixar como herança aos seus filhos «o amor à liberdade e o bom humor»^[5]. Estas duas realidades vão levar-nos a dirigir um olhar sobre os nossos irmãos que se fixe sempre no lado positivo e, inclusive, divertido, de cada um, defendendo sempre a sua liberdade.

Assim, os possíveis defeitos dos outros não constituirão barreiras inultrapassáveis, mas ocasiões para rezar por essa pessoa e demonstrar-lhe um carinho autêntico que não impõe condições. Mesmo quando desejamos ajudar alguém para que se corrija, podemos falar com franqueza e transmitir o que vemos, para que na presença de Deus possa examinar-se e tomar uma decisão; de todos os modos, isto não conduz a uma atitude de censura, distanciamento ou juízo sobre as suas intenções. «Se queremos ir pelo caminho de Jesus, mais do que acusadores, devemos ser defensores dos outros diante do Pai. Quando vires algo feio noutra pessoa, vai rezar e defende-a diante do Pai, como faz Jesus. Reza por ela, mas não a julgues!»^[6]. Felizmente só Deus, que conhece a profundidade dos corações, sabe dar a medida adequada aos acontecimentos da vida de cada um.

A Virgem é a primeira a defender-nos; olha para os nossos talentos e defeitos com coração de mãe. Podemos pedir-Lhe que nos ajude delicadamente a descobrir a trave nos nossos olhos para que, depois, como Ela, também saibamos reagir com oração e carinho perante os pequenos *argueiros* que vemos nos olhos dos nossos irmãos.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cartas 27*, n. 35.

[2] S. Cirilo de Alexandria, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, 6, PG 72, 601-604.

[3] Sto. Agostinho, *Explicação do Sermão da Montanha*, n. 19

[4] Francisco, Angelus, 27/06/2021.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 24, n. 22.

[6] Francisco, Homilia, 23/06/2014.

Sábado da XXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: ir às raízes das nossas ações; falamos do que está no nosso coração; construir sobre a rocha que é Cristo.

Sumário

- Ir às raízes das nossas ações.
- Falamos do que está no nosso coração.
- Construir sobre a rocha que é Cristo.

MUITAS DAS imagens que Jesus usa na sua pregação são retiradas de experiências comuns da vida quotidiana, pelo que são muito expressivas e transmitem com força o Seu ensinamento. Assim, as palavras do Mestre facilmente ficavam gravadas na memória daqueles que O ouviam; quando regressavam a casa, provavelmente recordavam-nas e, depois, repetiam-nas entre os seus amigos. Hoje a Igreja oferece-nos duas de essas imagens: a da árvore que dá bons frutos ou maus frutos e a da casa construída sobre a rocha ou sobre a areia.

«Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. Cada árvore conhece-se pelo seu fruto; não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos» (Lc 6, 43-44). Os frutos brotam do interior da árvore, das raízes, da seiva que corre no tronco e nos ramos. Com esta comparação, Jesus convida-nos a olhar para dentro dos nossos corações para descobrir os verdadeiros motivos das nossas ações. É precisamente aí, nas nossas disposições profundas, que melhor podemos conhecer as razões desta ou daquela reação.

«O nosso próximo vê o que fazemos, mas não vê por que motivo o fazemos. Só Deus é testemunha disso [...]. Não posso ler o vosso coração», disse Sto. Agostinho, «mas Deus, que perscruta o coração, sabe o que está no homem»^[1]. A nobreza do nosso coração é a chave para determinar o bem

que existe na nossa vida. Um olhar superficial ou exterior, que permanece somente em "fiz isto" ou "não fiz aquilo", nem sempre encontra o que realmente nos move. Necessitamos de aprofundar para descobrir as raízes do bem ou do mal, com a tranquilidade de saber que Deus nos conhece perfeitamente bem e nos acompanha nesta tarefa.

NA LINGUAGEM da Sagrada Escritura, o coração é o lugar das decisões, onde se forjam silenciosamente as nossas ações. O coração é a sede da nossa afetividade, é aí que os nossos sentimentos surgem; e, precisamente por isso, é o lugar onde o exterior e o interior convergem. O coração sente, mas, precisamente, como esse sentimento se refere a algo exterior, abre-se a um processo de conhecimento e de compreensão: é o núcleo mais profundo da pessoa. É por isso que Jesus diz: «O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o que é bom; e o mau, do mau tesouro tira o que é mau» (Lc 6, 45).

À luz destas palavras de Cristo, podemos pedir a Nosso Senhor, como fez S. Josemaria, «que nos dê um coração bom, capaz de se compadecer das penas das criaturas»^[2], capaz de amar e de escolher o bem para a nossa vida e de fomentá-lo na vida daqueles que nos rodeiam. «Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito» rogamos com o salmista (Sl 51, 12). Este novo coração, que é feito de carne e não de pedra (cf. Ez 36, 26), é sobretudo uma dádiva, um dom de Deus. Mas, ao mesmo tempo, precisamos de estar alerta para corrigir o nosso ponto de vista quando notamos que se desvia do bem, para corrigir, com humildade, as intenções menos retas.

Uma forma concreta de nos examinarmos pode ser recordar os temas mais frequentes das nossas conversas, pois, como Jesus acrescenta, «a boca fala da abundância do coração» (Lc 6, 45). Que sabedoria e que retrato tão exato da nossa vida nos concede esta frase do Senhor! Quando as nossas palavras são normalmente amáveis, significa que o nosso coração está cheio de bondade, e isso transparece, dando luz e esperança. Se, pelo contrário, a queixa ou a reprovação assomam com facilidade, talvez nos falte alegria e liberdade interior, ou talvez uma certa amargura tenha ficado depositada nos nossos corações. As nossas conversas dão-nos pistas para descobrir como

está o nosso coração: trata-se de uma possível forma prática de nos examinarmos.

«VOU mostrar-vos a quem é semelhante todo aquele que vem ter comigo, escuta as minhas palavras e as põe em prática. É semelhante a um homem que edificou uma casa: cavou, aprofundou e assentou os alicerces sobre a rocha. Sobreveio uma inundação, a torrente arremessou-se com violência contra aquela casa, mas não a abalou, por ter sido bem edificada» (Lc 6, 47-48). Nesta compara o, Jesus está talvez a transmitir uma experiência que vira ou vivenciara na primeira pessoa: que o futuro de um edifício depende dos seus alicerces. A casa s  resistir   s inclem ncias da natureza se os seus pilares estão assentes em rocha firme. Pelo contrário, se, por conveniência ou demasiada pressa, a casa não foi construída sobre terreno duro, a ruína chegar  com a menor dificuldade.

«Mas o que significa construir a casa sobre a rocha? Edificar sobre a rocha quer dizer em primeiro lugar: construir sobre Cristo e com Cristo. [...] Quer dizer construir com Alguém que, conhecendo-nos mais do que nós mesmos, nos diz: “ s precioso aos meus olhos... estimo-te e amo-te” (Is 43, 4). Quer dizer construir com Alguém que   sempre fiel, não obstante nós f ltemos   fidelidade, porque ele não pode renegar-se a si mesmo (cf. 2 Tm 2, 13). Significa edificar com Alguém que se debruça constantemente sobre o cora o ferido do homem e diz: “Não te condeno. Vai, e doravante não tornes a pecar” (Jo 8, 11). Quer dizer construir com Alguém que do alto da cruz estende os seus braços para repetir por toda a eternidade: “Entrego a minha vida por ti, homem, porque te amo”»^[3].

Jesus estabelece-nos um itinerário de três passos: ir até Ele, ouvi-l’O e viver de acordo com as Suas palavras. Podemos recorrer   ajuda de Santa Maria neste caminho: tal como ela, queremos construir a nossa casa sobre rocha, para que o Verbo Encarnado habite aí; tal como a nossa Mãe, queremos guardar a Palavra de Deus nos nossos cora es para que possa permear toda a nossa vida, desde as nossas disposi es mais profundas até  s nossas a es exteriores.

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, Sermão 179.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 167.

[3] Bento XVI, Encontro com jovens, 27/05/2006.

XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: Deus salda a nossa dívida na Confissão; perdoar,
um ato libertador; o mais divino na vida do cristão.*

Sumário

- Deus *salda* a nossa dívida na Confissão.
- Perdoar, um ato libertador.
- O mais divino na vida do cristão.

JESUS, em certa ocasião, contou a história de um rei que quis ajustar contas com os seus servos (cf. Mt 18, 21-35). Apresentaram-lhe então um que devia dez mil talentos. Era uma quantia exorbitante, diríamos hoje que era uma dívida mais própria de uma grande empresa que de um particular. Como não podia devolvê-la, o senhor mandou fazer o que era costume na época nesses casos: «Que fosse vendido ele, a mulher e os filhos e tudo o que tinha, para assim pagar». Mas então o servo «lançou-se aos pés e suplicou-lhe: «Tem paciência comigo e tudo te pagarei». O senhor, compadecido daquele servo, mandou-o soltar e perdoou-lhe a dívida».

O servo apenas tinha pedido mais tempo para devolver a dívida. Contudo, a sua atitude tinha conseguido mover o coração do rei. Não se limitou a dar-lhe um prazo, mas libertou-o de todas as suas dívidas. Podemos imaginar o desconcerto dos ouvintes da parábola. Pois bem, algo de tão real como esta história acontece cada vez que nos abeiramos do sacramento da Reconciliação, mesmo que a dívida seja muito grande. Quando confessamos os nossos pecados «Deus perdoa-nos, esquece todo o mal que fizemos. Alguém disse: “É a fraqueza de Deus”. Não tem memória, é capaz de perder a memória nestes casos. Deus esquece-se das histórias más de tantos pecadores, dos nossos pecados. Perdoa-nos e segue em frente»^[1].

Era praticamente impossível que aquele servo pudesse devolver a quantia emprestada: só um gesto de piedade como o do rei o podia salvar. Pelas nossas próprias obras, também nós não poderíamos saldar a dívida que temos para com Nosso Senhor pelos nossos pecados. Não só pela entidade das ações cometidas, mas por Deus ser quem é. Mas o Senhor, de qualquer modo, concede-nos gratuitamente o seu perdão através da Confissão e liberta-nos de todo o mal que nos possa afastar d'Ele. Esta é a medida divina do seu amor. Por isso a Igreja recomenda ir a este sacramento com regularidade, «pois ele ajuda a formar a nossa consciência, a lutar contra as más inclinações, a deixar curar-se por Cristo, a progredir na vida do Espírito. Quando se recebe com frequência, e mediante este sacramento, o dom da misericórdia do Pai, o crente vê-se também ele levado a ser misericordioso»^[2]

QUANDO aquele servo saiu da presença do rei encontrou um companheiro que lhe devia cem denários. Era uma quantia não muito pequena – o salário de três meses de trabalho –, mas insignificante comparada com a que acabava de lhe ser perdoada pelo seu senhor. Quando este homem se pôs a seus pés e lhe pediu um pouco mais de tempo, o servo negou-se a dar-lhe um prazo mais alargado: mandou-o meter na prisão até que pagasse a dívida. Os seus companheiros, ao presenciar tudo isto, indignaram-se e foram contar ao rei o que tinha acontecido. E este, ao ver a falta de coração do seu súbdito, «entregou-o aos verdugos, até que pagasse toda a dívida» (Mt 18, 34).

Perdoar ao próximo é um ato libertador em que o primeiro beneficiado é o próprio. Se o servo tivesse perdoado a dívida, a alegria teria sido em duplicado: do seu companheiro que já não teria de devolver nada; e do próprio, pois poderia continuar a desfrutar da sua liberdade. Pelo contrário, agora estava na prisão e com a obrigação de devolver uma importância que era para ele asfixiante. De modo análogo, quando perdoamos a alguém, libertamo-nos de possíveis rancores e ódios que podem crescer no nosso coração e abraçamos a paz e a alegria que Deus nos dá. «Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro – escrevia S. Paulo –. E que reine nos vossos corações a paz de Cristo (Cl 3, 13.15).

Podemos perdoar aos outros porque Deus nos perdoou antes. E também pode dizer-se ao contrário: Deus perdoa-nos porque vê que nós temos a mesma atitude de misericórdia para com os outros. Podemos pedir a Nosso Senhor neste tempo de oração a graça de saber perdoar «desde o primeiro instante», sabendo «que por maior que tenha sido prejuízo ou a ofensa que te fizeram, mais te tem perdoado Deus a ti»^[3].

S. JOSEMARIA afirmou em certa ocasião que o mais divino na vida dos cristãos é perdoar a quem lhes fez mal. O próprio Deus fez-se homem precisamente para perdoar os pecados de todos os homens. Por isso poderia dizer-se que «nada nos assemelha mais a Deus do que estar disposto a perdoar»^[4].

A maior parte das vezes esse perdão será por conflitos pequenos e próprios da vida quotidiana: uma reação, uma brincadeira fora do contexto, um mal-entendido, um esquecimento, etc. Em muitas dessas ocasiões pode não ser claro quem deveria perdoar ou pedir perdão. Em muitas outras, pelo contrário, talvez não haja dúvidas. Tanto num caso como noutro, é útil considerar, como considera o prelado do Opus Dei, que «um gesto sincero de pedido de perdão é, muitas vezes, a única maneira de restabelecer a harmonia nas relações, embora pensemos, com mais ou menos razão, que fomos nós a parte mais ofendida»^[5].

Uma das últimas frases que Nosso Senhor pronunciou antes de morrer foi, precisamente, de perdão aos que o haviam crucificado. E podemos imaginar que a Virgem Maria, ao escutar essas palavras, alargou também o seu perdão àquelas pessoas. «O coração dulcíssimo de Maria deve ter sofrido muito ao presenciar aquela crueldade coletiva, aquela sanha, da parte dos verdugos, a Paixão e Morte de Jesus. Mas Maria não fala. Tal como o Filho, ama, cala e perdoa. Essa é a força do amor»^[6].

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 17/03/2020.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1458.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 452

[4] S. João Crisóstomo, *Comment. In Matthaeum*, Homilia XIX, n. 7, PG 57, 283.

[5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 8.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 237.

XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no XXIV domingo do Tempo Comum (Ciclo C).
Os temas propostos são: o perdão é a alegria de Deus; Deus amou-nos primeiro; um pai que vem ao nosso encontro.*

Sumário

- O perdão é a alegria de Deus.
- Deus amou-nos primeiro.
- Um pai que vem ao nosso encontro.

O EVANGELHO de S. Lucas é conhecido por «Evangelho da misericórdia»^[1]; sobretudo porque refere três parábolas em que Jesus descreve graficamente a infinita misericórdia de Deus para com os homens.

Os três relatos seguem o mesmo padrão. No início, uma pessoa perde algo que considera de grande valor: o pastor, uma das ovelhas do seu rebanho; a mulher, uma das suas moedas; e um pai, o filho mais novo que foge voluntariamente para longe de casa. As três parábolas têm, além disso, em comum a reação do protagonista, que não para de procurar até conseguir recuperar o que tanto ama; e, quando o faz, sente uma alegria transbordante. Jesus revela-nos que Deus está «sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa»^[2]. «*O perdão é alegria de Deus, antes ainda de ser alegria do homem.* Deus alegra-se ao receber o pecador arrependido; aliás, Ele mesmo, que é Pai de infinita misericórdia, “*dives in misericordia*”, suscita no coração humano a esperança do perdão e a alegria da reconciliação»^[3].

Nestas parábolas, Jesus mostra-nos «a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver absolvido o pecado e superado a recusa com a compaixão e a misericórdia»^[4]. A Igreja não se cansa de proclamar esta verdade: Deus ama-nos com um amor infinito, a cada um, porque somos Seus filhos. É um anúncio tão entusiasmante que nunca deixa de nos surpreender. Diziam S. Paulo VI: «Podemos, portanto,

pensar que o nosso pecado ou a fuga de Deus acende n'Ele uma chama de amor mais intenso, um desejo de nos reaver e reinserir no seu plano de salvação (...). Deus é – digamo-lo a chorar – bom connosco. Ele ama-nos, procura-nos, pensa, conhece, inspira e espera. Será feliz – se assim se pode dizer – no dia em que nós voltemos atrás e digamos: “Senhor, na tua bondade, perdoa-me”. Eis, pois, o nosso arrependimento a tornar-se a alegria de Deus»^[5].

«NÓS conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1Jo 4, 16). Toda a nossa vida cristã se resume em confiar em que Deus nos ama, e em aceitar com agradecimento esse amor compassivo que nos é oferecido gratuitamente, tantas vezes sob a forma de perdão. Embora por vezes seja mais patente aos nossos olhos o que fazemos nós, quer sejam esforços, fadigas ou sofrimentos, na realidade é o amor de Deus que precede tudo. Como escreve S. João numa das suas cartas: «Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro» (1Jo 4, 19).

O Concílio Vaticano II afirma: «O homem existe, só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador»^[6]. A iniciativa, silenciosa e discreta, é sempre d'Ele. O princípio da nossa existência é que somos amados. «Não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário»^[7]. O Seu amor cria-nos, capacita-nos para amar com o seu próprio amor e está disposto a transformar a nossa relação connosco mesmos e com os que nos rodeiam.

«Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4, 16): é este o coração da revelação de Cristo. E isto renova as nossas relações com os outros. Quando se ama verdadeiramente, como Deus ama, ama-se simplesmente porque sim, sem procurar nada em troca. S. Bernardo exprimia-o com estas palavras: «O amor basta-se a si mesmo, agrada por si mesmo e por sua causa. É ele o seu próprio mérito e o seu prémio. O amor exclui todo outro motivo e outro fruto que não seja ele

próprio. O seu fruto é a sua experiência. Amo porque amo; amo para amar»^[8].

DEUS É MUITO MAIS do que um pai de bom coração, que perdoa ao pecador quando regressa a casa. Deus é um pai que, movido por um amor pessoal e gratuito, procura o que se perdeu até o encontrar, como sucede com a ovelha e com a dracma perdida. O pai do filho pródigo não se limita a esperar em casa, mas corre ao seu encontro, lança-se-lhe ao pescoço e beija-o com ardor. Deus vem aos caminhos, a sua misericórdia é muito mais forte do que a nossa fraqueza. Por isso, toda a revelação bíblica é, de certo modo, a história de um Deus que nos quer convencer do seu amor. Quando nos sabemos amados desta maneira incondicional, essa convicção transforma-se em fonte de gozo e de alegria, é um trampolim que nos leva a transformar o dia a dia em ocasiões de também amar a Deus e aos outros. “*Amati, amamus*”, recordava S. Bernardo: amamos, porque somos amados.

Mas este amor misericordioso de Deus não se impõe. O amor é, em todos os casos, um presente oferecido e que só pode aceitar-se com liberdade. Deste modo, o amor é, ao mesmo tempo, o que há de más forte e de mais débil. O filho pródigo, por exemplo, tem que refazer o caminho que o tinha afastado da casa paterna e aceitar o abraço do seu pai. «A misericórdia que Deus mostra deve impelir-nos sempre a voltar. Filhos – dizia S. Josemaria –, é melhor não sair nunca do Seu lado, não O abandonar; mas se alguma vez, por fraqueza humana, partirdes, regressai a correr. Ele recebe-nos sempre, como o pai do filho pródigo, com mais intensidade de amor»^[9]. Podemos pedir a Maria, mãe de misericórdia, que não se canse nunca de volver a nós os seus olhos misericordiosos, para que nos ajude a regressar uma e outra vez a Deus Pai.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Dives in misericordia*, n. 3.

[2] Francisco, *Misericordiae vultus*, n. 9.

[3] S. João Paulo II, Homilia, 16/09/2001.

[4] Francisco, *Misericordiae vultus*, n. 9.

[5] S. Paulo VI, Homilia 23/06/1968.

[6] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 19.

[7] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[8] S. Bernardo, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, Sermão 83.

[9] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 27/03/1972.

Segunda-feira da XXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no segunda-feira da XXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: afeto e respeito nas diferenças; por uma alma, até às portas do inferno; aprender com os outros.

Sumário

- Afeto e respeito nas diferenças.
- Por uma alma, até às portas do inferno.
- Aprender com os outros.

UM CENTURIÃO tinha um servo que estava doente, prestes a morrer. Quando soube que Jesus tinha chegado a Cafarnaum, «enviou-Lhe alguns anciãos dos judeus para Lhe pedir que fosse salvar aquele servo» (Lc 7, 3). Eles, ao aproximarem-se do Senhor, «suplicaram-Lhe insistentemente: “Ele é digno de que lho concedas, pois estima a nossa gente e foi ele que nos construiu a sinagoga”» (Lc 7, 4). Jesus provavelmente ficou agradavelmente surpreendido ao ouvir essas palavras. Não era raro que, ao chegar a uma cidade, percebesse um clima de tensão e desconfiança entre o povo judeu e os soldados romanos. Porém, desta vez nota uma atmosfera muito diferente. Esse centurião, em vez de impor a sua autoridade pela força, expressou o seu apreço pelo povo e pelas tradições judaicas. E, ao mesmo tempo, os judeus souberam reconhecer esse afeto; por isso não hesitam em ir ter com Jesus em nome daquele funcionário para pedir a cura do seu servo. As diferenças entre o povo romano e o povo judeu não impediram a criação de um ambiente de respeito mútuo.

«Cada homem e cada mulher é como uma peça num imenso mosaico, que já é belo em si mesmo, mas só compõe uma imagem juntamente com os outros azulejos, na *convivialidade das diferenças*. Ser *convivial* com alguém significa também imaginar e construir um futuro feliz com o outro. A *convivialidade*, de facto, ecoa o desejo de comunhão que habita no coração de cada ser humano, graças ao qual todos podem falar uns com os

outros, podem ser trocados projetos e pode-se delinear um futuro em conjunto»^[1]. O desejo de amizade sincera e o afã de servir os outros é o traço que marca a relação do cristão com todos os homens, mesmo com aqueles com quem não partilha o modo de pensar ou de viver. E assim, «através de uma amizade leal e autêntica, se desperta nos outros a fome de Deus, ajudando-os a descobrir novos horizontes: com naturalidade, com simplicidade, como já disse, com o exemplo de uma fé bem vivida, com a palavra amável, mas cheia da força da verdade divina»^[2].

PERANTE o apelo dos mais velhos, Jesus tomou uma decisão insólita aos olhos de alguns dos presentes: ir à casa do centurião. Os judeus estavam proibidos de entrar na casa dos gentios e, se o fizessem, teriam que se purificar depois. Neste caso, foi o próprio Jesus quem trouxe vida nova e, além disso, ensinou a colocar em primeiro lugar o bem e a salvação daquela pessoa.

S. Josemaria fez questão de que nenhuma das pessoas que atendia morresse sem receber os sacramentos, apesar das dificuldades que pudessem encontrar. Certa ocasião, soube que um jovem, que morava num lugar onde Deus era ofendido, tinha apenas alguns dias de vida. Depois de expor o problema ao Vigário Geral da diocese, obteve permissão para ir até lá propor ao doente que se confessasse para administrar-lhe a Extrema Unção e o Viático. Acompanhado por um amigo, dirigiu-se àquele local e, depois de prepará-lo, deu-lhe os últimos sacramentos.

«Sigamos o exemplo de Jesus Cristo – escreveu o fundador do Opus Dei –, não rejeitemos ninguém: para salvar uma alma é preciso ir até às portas do inferno. Não para lá delas, porque para lá não se pode amar a Deus»^[3]. O Senhor não anunciou o Evangelho apenas ao povo judeu, mas ofereceu-o ao mundo inteiro. «A universalidade da missão da Igreja significa que ninguém fica fora do seu horizonte apostólico»^[4]. Podemos pedir a Jesus que acenda em nós o desejo, traduzido em obras, de que todos os homens possam abraçar a salvação que o Senhor oferece. «Não há nada mais belo do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-lo e comunicar com os outros a Sua amizade»^[5].

O CENTURIÃO não quis incomodar Jesus, possivelmente porque sabia que se entrasse na sua casa, ou se aproximasse dele, teria de purificar-se depois. Portanto, assim que soube que estava perto da sua casa, mandou alguns amigos dizerem-Lhe: «Não Te incomodes, Senhor, pois não mereço que entres em minha casa, nem me julguei digno de ir ter contigo. Mas diz uma palavra e o meu servo será curado» (Lc 7, 6-7). Ao ouvir estas palavras, o evangelista nota que «Jesus sentiu admiração por ele e, voltando-se para a multidão que O seguia, exclamou: “Digo-vos que nem mesmo em Israel encontrei tão grande fé”» (Lc 7, 9).

A declaração de Jesus é reconfortante. Mostra-nos até que ponto o Senhor vê o bem que há nos nossos corações. Nesta ocasião, elogia a fé de uma pessoa que, aos olhos do povo judeu, não tinha fé. Desta forma, ensinou aos presentes que também podem aprender com aquelas pessoas que, aparentemente, podem estar longe de Deus. Afinal, Ele manifesta-Se em todas as culturas, «nos povos que percorreram um caminho da história de maneira diferente, em povos que caminharam de maneira diversa, mas é o mesmo Deus. E Aquele que é o Pai de todos nos leva ao diálogo»^[6].

O cristão sabe que tudo o que recebeu do Senhor não foi fruto do seu esforço ou do seu engenho, «mas sim da palavra de Deus que chegou até nós: não porque fôssemos melhores que os outros ou porque estivéssemos mais preparados, mas porque o Senhor quis usar-nos como seus instrumentos»^[7]. Por isso, não é dono da verdade, mas sim seu colaborador (cf. 3Jo 1, 8). A Virgem Maria pode ajudar-nos a ter uma visão esperançosa do mundo e um coração no qual possam caber todos os nossos irmãos, os homens.

NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 06/06/2022

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 149.

[3] S. Josemaria, *Carta 4*, n. 24.

[4] Fernando Ocáriz, “*La Prelatura del Opus Dei: apostolado ad fidem y ecumenismo*”, p. 3.

[5] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[6] Francisco, Discurso, 05/05/2023.

[7] S. Josemaria, *Carta 37*, n. 25.

Terça-feira da XXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus atua movido pela Sua misericórdia; a esperança de saber que estamos acompanhados; a vida como dom.

Sumário

- Jesus atua movido pela Sua misericórdia.
- A esperança de saber que estamos acompanhados.
- A vida como dom.

JESUS ANDAVA acompanhado por uma grande multidão. Alguns tinham testemunhado os Seus milagres; outros podem ter apenas ouvido falar d'Ele. De qualquer forma, todos ficaram maravilhados com o novo Mestre: a Sua pregação e as Suas obras manifestavam claramente o poder de Deus. Enquanto a comitiva se dirigia para Naim, Jesus observou ao longe uma cena triste: uma viúva estava prestes a enterrar o seu único filho. O Evangelho mostra-nos a Sua reação: «Ao vê-la, o Senhor compadeceu-Se dela» (Lc 7, 13).

Cristo é verdadeiro homem, por isso compadece-Se dessa mulher, como qualquer um de nós faria. Mas como também é Deus, o conforto que pode oferecer é maior do que o que nós podemos dar. «Jesus aproximou-Se e tocou no caixão; e os que o transportavam pararam. Disse Jesus: «Jovem, Eu te ordeno: levanta-te». O morto sentou-se e começou a falar» (Lc 7, 14-15). Ao contrário de outros milagres, aqui não encontramos nenhuma súplica dirigida ao Senhor; nem sabemos o nome da viúva ou do rapaz. Aquela mulher não diz nada, mas Jesus conhece o seu coração e atua simplesmente movido pela Sua misericórdia.

O Senhor «podia ter passado de lado, ou ter esperado que O chamassem e Lhe fizessem um pedido. Mas não se afasta, nem fica na expectativa. Toma ele próprio a iniciativa, movido pela aflição de uma viúva que perdera a

única coisa que lhe restava – o filho. (...) Jesus não era, nem é, insensível ao padecimento que nasce do amor, nem sente prazer em separar os filhos dos pais»^[1]. Ele olha para as nossas lutas e as nossas dores como olhou para a viúva de Naim: Jesus é o primeiro que nos quer curar.

O POVO de Israel sabia que Javé tinha uma predileção especial pelas viúvas. «O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva», diz o salmista (Sl 146, 9). Além disso, os profetas alertavam constantemente o povo escolhido sobre a importância de cuidar das viúvas, de não as deixar sozinhas ao desamparo. Dadas as circunstâncias sociais da época, uma mulher que perdia o marido enfrentava sérios desafios na sua vida.

É de supor, portanto, que aquela mulher de Naim tinha poucas esperanças. A perda do marido foi acompanhada pela perda do seu filho. Ele era o único que poderia ajudá-la a seguir adiante, mas agora ela era forçada a lidar com as dificuldades da vida sozinha. Justamente quando ficou claro que tudo estava perdido, o Senhor apareceu e realizou o milagre. Algo de semelhante aconteceria mais tarde, quando Lázaro ressuscitou: vários dias depois da esperança da sua cura ter desaparecido.

A esperança cristã não é ingenuidade. Não se trata de acreditar que as coisas vão sempre correr bem. Às vezes o Senhor permite que uma contradição se prolongue no tempo e que as nossas esperanças humanas caiam, uma após outra. Então chega a hora de confiar somente em Jesus: «Cristo entre vós, a esperança da glória!» (Col 1, 27), escreve S. Paulo. A segurança não está nas nossas qualidades, nem nos apoios que o mundo oferece, nem mesmo no facto de que acontecerá nalgum momento o que a nós nos parece melhor, mas na certeza de que Deus caminha sempre ao nosso lado. «*In te, Domine, speravi*: em Ti, Senhor, pus a minha esperança. – E aos meios humanos acrescentei a minha oração e a minha cruz. – E não foi vã a minha esperança, nem jamais o será: *non confundar in aeternum!*»^[2].

DEPOIS que o menino voltou à vida, S. Lucas observa: Jesus «entregou-o à sua mãe» (Lc 7, 15). Certamente, aquele gesto do Senhor ficou gravado na memória da viúva de Naim. A partir de então, ela veria o filho de uma maneira diferente. «Recebendo-o das mãos de Jesus ela torna-se mãe pela segunda vez, mas o filho que agora lhe foi restituído não recebeu a vida dela. Mãe e filho recebem assim a respectiva identidade graças à palavra poderosa de Jesus e ao seu gesto amoroso»^[3].

Se toda a vida humana é dádiva, no caso do rapaz de Naim, isso é ainda mais evidente. O que Deus parecia ter tirado da mãe, agora volta a pôr nas mãos dela. O Senhor não «sente prazer em separar os filhos dos pais. Supera a morte, para dar a vida, para que aqueles que se amam convivam, exigindo *antes e ao mesmo tempo* a preeminência do Amor divino que deve informar a autêntica existência cristã»^[4].

A viúva de Naim passou por um processo de purificação das suas esperanças. Como seria natural para ela contar com a ajuda do filho, uma vez que o marido tinha deixado este mundo! E, no entanto, por um momento teve que desprender-se dele, até que o Senhor lho deu novamente. A partir de então, veria naquela vida acima de tudo um dom. Ela certamente confiaria no seu filho, mas acima de tudo, confiaria ainda mais no Senhor. A Virgem também teve que viver desta esperança durante os dias que se seguiram à morte de Jesus. Portanto, ninguém melhor do que Ela pode ajudar-nos a enfrentar as dificuldades da vida com os olhos fixos na ressurreição: quem espera no Senhor nunca fica defraudado.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 166.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 95.

[3] Francisco, *Audiência geral*, 10/08/2016.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 166.

Quarta-feira da XXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o jogo divino; descobrir a imagem de Deus; uma alegria que transborda.

Sumário

- O jogo divino.
- Descobrir a imagem de Deus.
- Uma alegria que transborda.

DEPOIS de ter mostrado à embaixada de João Batista com atos e palavras que é o Messias, o Senhor louva-o diante da multidão que se reuniu ao seu redor. Depois dirige uma dura repreensão aos fariseus e doutores da Lei e uma advertência em forma de comparação a todos aqueles que O ouvem. «A quem hei de comparar os homens desta geração? Com quem se parecem? São como as crianças, que, sentadas na praça, falam umas com as outras, dizendo: ‘Tocámos flauta para vós e não dançastes, entoámos lamentações e não chorastes’» (Lc 7, 31-32).

Os jogos infantis costumam seguir regras aceites por todos os que permitem desfrutar da atividade. Se não se cumprem, preferindo jogar de outra forma, é lógico que os companheiros se lamentem, pois se está a alterar o sentido do jogo. Com esta imagem, Jesus ensina que Deus tem uma maneira de nos salvar e nos fazer felizes. Alguns fariseus e doutores, por outro lado, preferiram uma alternativa baseada nos seus esquemas e garantias, baseando a salvação no cumprimento das regras que, de facto, eles próprios tinham estabelecido e que se afastavam da vontade original de Deus. Desta forma, não só recusaram aceitar a salvação que Cristo lhes oferecia, mas impediam que outros desfrutassem do jogo que o Senhor lhes preparara, pois ensinavam ao povo as suas próprias regras, e não as divinas.

«Como quero ser salvo? De que modo? Sem riscos? À maneira de uma espiritualidade que é boa, que me faz bem, mas que é fixa, está tudo claro e não há risco? Ou do modo divino, isto é, seguindo o caminho de Jesus, que sempre nos surpreende, que sempre abre as portas ao mistério da onnipotência de Deus, que é misericórdia e perdão?»^[1] As regras do jogo divino fazem parte de uma sabedoria que busca satisfazer os nossos desejos mais profundos: não há ninguém mais interessado na nossa felicidade do que o próprio Deus. Ele nos oferece, por assim dizer, dançar ao ritmo de uma melodia que nos levará a ser felizes na terra e no céu.

O PRÓPRIO Jesus explicita o significado da Sua comparação: «Porque veio João Batista, que não comia nem bebia vinho, e vós dizeis: ‘Tem o demônio com ele’. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e vós dizeis: ‘É um glutão e um ébrio, amigo de publicanos e pecadores’» (Lc 7, 33-34). Qualquer gesto do Senhor era facilmente mal interpretado por algumas autoridades judaicas. Em vez de tentarem compreender o significado da proposta do Senhor, que era o Messias que tanto esperavam, preferiram apegar-se à imagem de Deus que haviam moldado a partir dos seus próprios padrões.

Ao ler o Evangelho podemos ver que Jesus não agiu de acordo com os padrões sociais, nem foi influenciado pelo que os outros poderiam pensar ou esperar d'Ele. Cristo moveu-se com autêntica liberdade: todas as Suas obras foram fruto do amor ao Pai e aos homens. Se comia com publicanos e pecadores, era porque considerava que precisamente aquelas pessoas precisavam mais da Sua amizade para aceitarem a salvação que vinha oferecer.

Jesus rejeita o pecado, mas não fecha as portas às almas necessitadas de perdão. A misericórdia é um dos traços que formam a autêntica imagem divina, embora nem todos os fariseus tenham conseguido percebê-la. É por isso que o Senhor nos convida a não julgar os outros com os nossos próprios critérios, mas a oferecer-lhes a alegria e a salvação que vem de deixar Cristo entrar na nossa casa. «Saber que Deus nos espera em cada pessoa (cf. Mt 25, 40) e quer tornar-se presente nas suas vidas, também

através de nós, leva-nos a procurar dar, a mãos cheias, aquilo que recebemos»^[2].

O SENHOR encerra o Seu discurso dando uma chave para a compreensão das regras do jogo divino e da sua forma de agir: «a Sabedoria é justificada por todos os seus filhos» (Lc 7, 35). Isto é, todos aqueles que abraçaram a vida nova que Cristo lhes ofereceu confirmam que é um caminho de alegria que realiza as aspirações do coração humano. O reconhecimento da nossa dependência filial de Deus é «fonte de sabedoria e liberdade, alegria e confiança»^[3].

S. Josemaria comentava que quando se procura sinceramente a santidade, alcança-se uma paz e uma alegria que acaba por se espalhar pelas pessoas que o rodeiam. «O cristão é uma pessoa igual às outras na sociedade; mas do seu coração transbordará a alegria de quem se propõe cumprir, com a ajuda constante da graça, a Vontade do Pai»^[4]. Esta alegria é o testemunho mais autêntico que certifica a sabedoria das palavras do Senhor e faz com que a Sua mensagem chegue a todos os homens de forma amigável e atraente, seguindo o conselho de S. Paulo: «Que a vossa palavra seja sempre amável, temperada de sal, para que saibais responder a cada um como deveis» (Cl 4, 6).

A Virgem Maria confiou nos planos divinos e encontrou uma felicidade que inspira os cristãos ao longo dos séculos. «Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 48), clamou no Magnificat. Não é, portanto, um testemunho que apenas iluminou as pessoas do seu tempo, mas se estende também aos homens e às mulheres de todos os tempos. Podemos recorrer a ela para que na nossa vida reflitamos a alegria de dizer sim à vontade de Deus.

NOTAS

[1] Francisco, Meditações Matutinas, 03/10/2014

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 4.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 301.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 93.

Sexta-feira da XXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um Evangelho para todos; partilhar um tesouro; as mulheres que acompanhavam Jesus.

Sumário

- Um Evangelho para todos.
- Partilhar um tesouro.
- As mulheres que acompanhavam Jesus.

«JESUS caminhava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a boa nova do reino de Deus» (Lc 8, 1). E a Sagrada Escritura diz-nos que os primeiros a receber a palavra de Cristo foram «as ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 10, 7). Dentre todos os lugares onde poderia começar este anúncio, Jesus escolheu a Galileia, uma zona periférica relativamente à Judeia, para assim se cumprir a profecia de Isaías: «Terra de Zabulão e Neftali, caminho do mar, região de além do Jordão, Galileia dos gentios. O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; e para os que jaziam na sombria região da morte, surgiu uma luz» (Mt 4, 15-16). As tribos de Zabulão e Neftali não tinham sido fiéis a Deus; os profetas tinham denunciado a sua mundanidade e a sua indiferença pela tradição. Era um território limítrofe onde as raças se misturavam e onde também se instalavam numerosos gentios: daí a má reputação que tinha entre alguns judeus.

Contudo, desde o início da sua pregação, a mensagem do Messias destina-se a acolher mulheres e homens de todas as nações (cf. Mt 8, 11; 28, 19). De facto, muitas vezes Jesus mostrava-se contrário a preceitos que, ao longo do tempo, se tinham ido acrescentando ao essencial da Lei. É sempre atual a tarefa de encontrar os aspetos fundamentais da mensagem de Cristo para que possa chegar a todas as almas, também àquelas que se encontram mais longe. «A evangelização está essencialmente relacionada com a

proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível»^[1].

O SENHOR, enquanto atravessava aquelas terras das margens do Lago de Genesaré, era acompanhado por muitas pessoas que ia encontrando ao longo do caminho. Não era uma região em que houvesse muitos homens de estado ou cultura notáveis; pelo contrário, estava cheia de gente simples. Parece que Jesus quis desde o início pôr em prática o que mais tarde haveria de referir na parábola da festa de casamento: «Ide, pois, às encruzilhadas dos caminhos e a quantos encontrardes convidai-os para as núpcias. Tendo saído os seus servos pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala das bodas ficou cheia de convidados» (Mt 22, 9). Como pôde aquele pequeno punhado de homens entusiasmar tanta gente com a mensagem de Cristo?

«Eram estes os discípulos escolhidos pelo Senhor – considera S. Josemaria –; assim os escolhe Cristo; assim se comportavam antes de, cheios do Espírito Santo, se tornarem colunas da Igreja (cf. Gl 2, 9). Homens correntes, com defeitos, com debilidades, com palavras maiores do que as suas obras. E, contudo, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens»^[2].

A força destes discípulos não residia propriamente nas suas qualidades, mas na experiência de terem recebido o amor de Deus. Seriam constantemente sustentados pela consciência daquele encontro que os levou a proclamar: «Encontrámos o Messias!» (Jo 1, 41). «O entusiasmo evangelizador baseia-se nesta convicção. Temos à disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar (...). É a verdade que não passa de moda porque é capaz de penetrar onde nada mais pode chegar»^[3]. Saber que somos portadores deste tesouro, não deixar que caia no esquecimento, levar-nos-á a fixar-nos menos nas nossas próprias capacidades e mais em

manter vivo aquele encontro através do qual Deus quer chegar a muitas mais pessoas.

ALÉM dos apóstolos, o Evangelho enumera várias mulheres que acompanhavam Jesus: «Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios; Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes; Susana e muitas outras» (Lc 8, 2-3). Podemos ver, mais uma vez, que não se tratava das mulheres mais importantes da cidade, pelo contrário, eram as que tinham recorrido a Cristo para serem libertadas de males físicos e espirituais.

Estas mulheres acompanharam o Senhor durante a sua pregação. E sabemos que o fizeram até ao último momento da sua vida, inclusive quando tinha sido abandonado por quase todos os seus apóstolos: «Estavam também ali, observando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus servindo-O desde a Galileia» (Mt 27, 55). O amor fez que não deixassem o Senhor naqueles instantes; mas tratava-se de um amor sem ingenuidades, forte, compatível com a dor. Não se importavam com a honra, nem com o prestígio, nem com o suposto êxito mundano: apenas queriam estar com Aquele que tinha transformado radicalmente as suas vidas. Sentiam-se em dívida para com Jesus porque as tinha libertado gratuitamente do seu sofrimento; não lhes pedira nada em troca.

As mulheres, naqueles momentos, mantiveram uma atitude de esperança, baseada no amor, e continuam a fazê-lo hoje em dia na Igreja. Só assim se explica que Maria Madalena e Joana fossem novamente ao túmulo pela manhã, quando todos pensavam que a aventura de Cristo tinha terminado. A certeza da ressurreição impelir-nos-á a viver dessa esperança e desse amor do qual também estava cheia a nossa Mãe.

NOTAS

[1] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 14.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 2.

[3] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 265.

Sábado da XXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus ensina com parábolas; acolher a palavra de Deus; o papel das circunstâncias externas.

Sumário

- Jesus ensina com parábolas.
- Acolher a palavra de Deus.
- O papel das circunstâncias externas.

O SENHOR percorre o território da Galileia com os discípulos e anuncia o Reino de Deus aos que se aproximam para O ouvir. Jesus usa parábolas na sua pregação: breves narrações que revelam de forma simples uma verdade profunda da vida espiritual. Usa exemplos quotidianos do mundo do trabalho, como a sementeira, a pesca ou o trabalho da casa. Noutras ocasiões, também os usa da vida social e familiar, como uma festa de casamento, a relação dum pai com os filhos ou o feitor que procura jornaleiros. Inclusivamente narra factos talvez insólitos para muitos dos ouvintes, como alguém que encontra um tesouro ou um assalto no caminho. Todas aquelas imagens são fáceis de compreender, são muito mais do que um ensinamento teórico. «Uma imagem atraente faz com que a mensagem se sinta como algo familiar, próximo, possível, ligado com a própria vida. Uma imagem bem conseguida pode levar a provar a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo e motiva a vontade na direção do Evangelho^[1].

Jesus gosta de empregar estas parábolas porque conhece bem o modo de ser humano. Conhece a força que tem um exemplo tomado do dia a dia das pessoas. Esta atitude reflete simplicidade, proximidade, desejos de se pôr no lugar do outro. O que Cristo transmite não são ideias alheias ao mundo em que vivemos, mas estão intimamente unidas às realidades quotidianas. Por isso, S. Josemaria escrevia: «Roga ao Senhor que conceda aos seus filhos o

“dom de línguas”, de se fazerem entender por todos. A razão pela qual desejo este “dom de línguas”, pode deduzi-la das páginas do Evangelho, abundantes em parábolas, em exemplos que materializam a doutrina e ilustram o espiritual, sem envilecer nem degradar a palavra de Deus. Para todos -doutos e menos doutos- é mais fácil considerar e entender a mensagem divina através dessas imagens humanas»^[2]. Tudo isto, não é só tratar de encontrar uma boa apresentação para o que queremos dizer, mas de querer às pessoas como Cristo as amou.

NA PARÁBOLA do semeador, Jesus conta que as sementes que não caíram em terreno propício foram comidas pelos pássaros; ou que, quando brotaram, secaram rapidamente por falta de humidade ou foram abafadas pelos espinhos. Pelo contrário, as que acabaram em terra boa deram fruto, e deram-no cem por um (cf. Lc 8, 5-8). O Senhor manifesta que o semeador semeia por todo o campo, sem reparar muito na forma como a semente será acolhida: lança aos punhados, com a esperança de que chegue a germinar. A semente, no seu sentido mais profundo, é o próprio Cristo, a quem Deus nos entregou: «Os que ouvem com fé e se unem ao pequeno rebanho de Cristo acolheram o Reino: depois a semente, por si própria, germina e cresce até ao tempo da ceifa»^[3].

«A parábola do semeador é como a “mãe” de todas as parábolas, porque fala da escuta da palavra. Recorda-nos que a palavra de Deus é uma semente que em si mesma é fecunda e eficaz; e Deus espalha-a por todos os lados com generosidade, sem se importar com o desperdício. O coração de Deus é assim! Cada um de nós é um terreno em que cai a semente da palavra, sem excluir ninguém»^[4]. Recebemos o próprio Deus. Por isso, a forma de se deixar atingir por essa semente não é, em primeira instância, a adequação moral a uma forma de viver, ou a aceitação intelectual duma doutrina, mas uma resposta de amor a Deus que veio ao nosso encontro.

Em parte depende de nós que essa semente brote e dê fruto de cem por um. O Senhor oferece a felicidade a todos, mas não a exige; é cada um que decide acolhê-la livremente. Deus fez-nos livres e esta parábola é uma manifestação desta realidade. «A paixão pela liberdade, a sua exigência por parte das pessoas e nações é um sinal positivo do nosso tempo. Reconhecer

a liberdade de cada mulher e de cada homem significa reconhecer que são pessoas: responsáveis e donos dos seus próprios atos, com a capacidade de orientar a sua existência. Mesmo que a liberdade nem sempre nos leve a manifestar o melhor de cada um, nunca podemos exagerar a sua importância, porque se não fôssemos livres não podíamos amar»^[5].

APESAR DA simplicidade da linguagem, os discípulos pedem a Jesus que lhes explique a parábola. Então, o Mestre relata os motivos pelos quais a semente não brota no terreno, as razões pelas quais a palavra de Deus não pode arregar na vida dos homens: a ação do diabo, a falta de raiz no momento da provação, as riquezas e os interesses mundanos... E indica, ao mesmo tempo, que a terra boa «são os que ouvem a palavra com um coração nobre e generoso, a guardam e dão fruto com perseverança» (Lc 8, 15).

Há ocasiões em que é comum deitarmos as culpas às circunstâncias externas, quando uma coisa não corre como tínhamos planeado: um imprevisto pode complicar um plano laboral, uma atividade familiar ou um encontro com amigos. No entanto, S. Josemaria convida-nos a viver de modo santo também essas particularidades, as dificuldades que a semente pode ter: quer dizer, anima-nos a não cair naquilo a que chamava a *mística do oxalá*: «Oxalá não me tivesse casado, oxalá não tivesse esta profissão, oxalá tivesse mais saúde, oxalá fosse novo, oxalá fosse velho...»^[6]. Deus vem ao nosso encontro no presente, aqui e agora, também onde não O esperávamos.

A parábola faz notar que as circunstâncias não têm a última palavra: as decisões livres dos homens é que são definitivas para acolher o dom divino. Com a ação da graça e o nosso esforço pessoal, somos capazes de podar pouco a pouco tudo o que abafa a semente. Nossa Senhora, campo fecundo em que o próprio Deus encarnou, ajudar-nos-á a preparar o terreno para que Jesus também brote no nosso coração.

NOTAS

- [1] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 157.
- [2] S. Josemaria, *Forja*, n. 895.
- [3] Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 5.
- [4] Francisco, Angelus, 12/07/2020.
- [5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 1.
- [6] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 116.

XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: Cristo chama todos à Sua vinha; agradecer o dom da vida; Deus quer o melhor para cada um.*

Sumário

- Cristo chama todos à Sua vinha.
- Agradecer o dom da vida.
- Deus quer o melhor para cada um.

NUMA OCASIÃO, o Senhor comparou o Reino dos Céus ao proprietário de uma propriedade que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha (cf. Mt 20, 1-16). Ao encontrar-se com os primeiros, mandou-os trabalhar em troca de um denário por dia, como era costume. Quando horas depois encontrou vários que «estavam parados na praça», também os enviou para a sua vinha. Porém, nessas ocasiões, em vez de garantir um determinado salário, disse-lhes: «Eu vos darei o que é justo».

Com esta frase, provavelmente seriam gerados todos os tipos de expectativas entre os ouvintes. Talvez se pudesse supor que quem começasse a trabalhar mais tarde receberia menos dinheiro do que quem trabalhava desde a madrugada. Portanto, quando os da última hora recebem um denário, pensamos que os mais madrugadores receberão uma recompensa maior pelo seu trabalho. No entanto, todos ganham o mesmo salário. Então os primeiros trabalhadores começaram a murmurar contra o proprietário, porque parecia que não tinha levado em conta que eles tinham suportado todo o peso do dia e do calor. O proprietário respondeu a um deles: «Amigo, em nada te prejudico. Não foi um denário que ajustaste comigo? Leva o que é teu e segue o teu caminho. Eu quero dar a este último tanto como a ti. Não me será permitido fazer o que quero do que é meu?».

«Jesus quer levar-nos a contemplar o olhar daquele senhor: o olhar com que vê cada um dos operários à espera de um trabalho, chamando-os para a sua vinha. Trata-se de um olhar cheio de atenção e de benevolência; é um olhar que chama, que convida a erguer-se, a pôr-se a caminho, porque deseja a vida para cada um de nós, quer uma vida plena, comprometida, resgatada do vazio e da inércia»^[1]. Cristo acolhe a todos, mesmo que venham ou O encontrem no último minuto, como o bom ladrão (cf. Lc 23, 43). Como salientou o profeta Isaías, o que Deus deseja é que «deixe o ímpio o seu caminho e o homem perverso os seus pensamentos. Converta-se ao Senhor, que terá compaixão dele, ao nosso Deus, que é generoso em perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos, nem os vossos caminhos são os meus» (Is 55, 7-8).

TRADICIONALMENTE a justiça tem sido entendida como a virtude que consiste em dar a cada pessoa o que lhe é devido. É, portanto, uma disposição interna que evidencia a nossa dimensão relacional. Portanto, antes de mais nada devemos perguntar-nos o que devemos a Deus, ou como estabelecer uma relação justa com Aquele que é a fonte de todos os bens, a começar pela nossa própria existência.

O diálogo entre sacerdote e fiéis, com o qual começa o prefácio da Santa Missa, pode ser um bom ponto de partida: «Senhor Pai Santo, Deus eteno e onnipotente, é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação, dar-Vos graças»^[2]. A princípio, a gratidão e a justiça parecem opor-se: um presente caracteriza-se precisamente por ser um dom imerecido. O agradecimento é o reconhecimento de que uma pessoa foi além do estritamente devido. Porém, diante de Deus as coordenadas mudam radicalmente, pois Ele é a origem de tudo o que somos e possuímos. Como diz S. Paulo: «Tens algo que não tenhas recebido?» (1Co 4, 7). A nossa vida como tal é um presente imerecido; portanto, com respeito a Deus, a gratidão é um dever profundo. Nunca poderemos retribuir o que faz por nós e não há nada de injusto nisso. Mas há algo profundamente devido, profundamente justo: ser grato por tudo.

Descobrir que a nossa relação com Deus está condicionada pela Sua doação gratuita leva-nos a gozar a vida como Seus filhos e liberta-nos de

uma concepção de fé exageradamente centrada na letra dos mandamentos. Em vez de ficarmos impressionados com o que pode ser apresentado como uma lista infinita de preceitos através dos quais pretendemos pagar o preço da nossa redenção, podemos visualizar a nossa correspondência ao amor de Deus como uma disponibilidade para dar-Lhe todos os momentos das nossas vidas, convencidos de que nunca poderemos agradecer-Lhe o suficiente por tudo o que nos dá. Assim, por exemplo, a fidelidade a um projeto de vida espiritual pode ser percebida, mais do que um peso de consciência diante dos compromissos adquiridos, como a manifestação mais direta da nossa gratidão ao amor que Deus derrama sobre cada um de nós e que nos permite estar perto d'Ele em todos os momentos. «Vós – assinalava S. Josemaria –, se vos esforçardes deveras por ser justos, considerareis frequentemente a vossa dependência de Deus – *pois, que tens tu que não tenhas recebido?* – para vos encherdes de agradecimento e de desejos de corresponder a um Pai que nos ama loucamente»^[3].

A ATITUDE de profunda gratidão a Deus liberta-nos de um desejo excessivo de julgar o Seu modo de atuar. Às vezes, diante de acontecimentos pessoais ou sociais, quando de repente nos deparamos com uma situação que não esperávamos, pode acontecer que nos façamos perguntas como estas: «Como pode Deus permitir algo assim?» Talvez acreditemos que outras pessoas são mais abençoadas do que nós ou que Deus parece não ouvir o que pedimos nas nossas orações, e pensamos: «Que injusto». Comportamo-nos então como aqueles trabalhadores que trabalhavam o dia todo e que não aceitavam a excessiva generosidade do proprietário para com aqueles que contratara ao anoitecer. Em vez de se alegrarem porque esses trabalhadores iriam ter algum dinheiro para comer, ficaram tristes com a decepção das suas expectativas de receber maior salário.

De resto, não faz sentido culpar o Senhor pelos males. Muitos deles são o resultado da liberdade humana, de ações e omissões próprias e de outros. Juntamente com isso, é necessário convencer-nos, na nossa oração, de que Deus é o Senhor da nossa vida e da nossa história; também que, embora na realidade não nos deva nada, por ser Amor, está sempre à procura do melhor para cada um, por vezes transformando o mal em bem de formas surpreendentes. «A justiça é, em certo modo, maior que o homem, que as

dimensões da sua vida terrena, que as possibilidades de estabelecer nesta vida relações plenamente justas entre os homens»^[4].

A oração de quem se sabe filho de Deus é marcada pela confiança em quem nos ama infinitamente e quer sempre o melhor para nós. É assim que Jesus reza no horto das oliveiras: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a Tua» (Lc 22, 42). Podemos imaginar que a Virgem, aos pés do Calvário, dirigiria a Deus uma oração semelhante. Embora esta situação lhe causasse o maior sofrimento, confiava no Senhor e sabia que no final tudo seria para bem, porque «Deus não se deixa ganhar em generosidade»^[5].

NOTAS

[1] Francisco, *Angelus*, 24/09/2017.

[2] *Missal Romano*, Oração Eucarística.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 167.

[4] S. João Paulo II, Audiência, 08/11/1978.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 623.

XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

Reflexão para meditar no XXV domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: chamados a viver a lógica divina; o talento do administrador como exemplo; a decisão de viver com Deus.

Sumário

- Chamados a viver a lógica divina.
- O talento do administrador como exemplo.
- A decisão de viver com Deus.

MUITAS DAS parábolas de Jesus escondem surpresas ou reviravoltas inesperadas. Naquelas histórias que o Senhor conta costuma haver alguma coisa invulgar que às vezes desconcerta quem a escuta ou lê. Chama a atenção, por exemplo, que numa ocasião apresente como modelo um administrador que dissipa os bens do seu senhor (cf. Lc 16, 1-8). Por outro lado, não é intuitivo receber com uma festa o filho mais novo que saiu de casa e esbanjou a herança (cf. Lc 15, 11-32). Também não parece comum perdoar a grande dívida de um servo que simplesmente tinha pedido um prazo para a pagar (cf. Mt 18, 22-35). E algo semelhante se poderia dizer do proprietário que calcula o salário dos seus trabalhadores sem proporção com o trabalho realizado (cf. Mt 20, 1-16).

Independentemente dos ensinamentos de cada parábola, Jesus transmite de diferentes modos que a vida cristã não se rege por parâmetros exatamente iguais aos nossos. «Os meus planos não são os vossos planos, os vossos caminhos não são os meus caminhos» (Is 55, 8), tinha dito Deus pela boca do profeta Isaías. A passagem de Cristo pela terra revelou-nos uma nova escala de valores para ver o mundo. A lógica do poder deu lugar à lógica do serviço e à misericórdia. Aqueles que eram considerados os *últimos* da sociedade ganharam a predileção do Senhor. E o que servia para dar uma morte atroz – a cruz – acabou por se converter em fonte de vida. São, em suma, os paradoxos que Ele próprio encarnou na sua passagem

pela terra: «Sendo o Verbo, ao tornar-se homem rebaixou-se; sendo rico, fez-se pobre, para nos enriquecer com a sua miséria; era poderoso, e mostrou-se tão débil que Herodes o desprezava e fazia troça dele; tinha poder para abalar a terra e estava atado àquele madeiro»^[1]. Nós, enquanto discípulos de Cristo, estamos chamados a deixar que o nosso coração viva pouco a pouco nessa lógica nova.

ANTES de o administrador ficar sem trabalho, decidiu realizar uma última operação para assegurar o seu futuro sustento: convocou os devedores do seu amo, perguntou-lhes quanto lhe deviam e depois anotou uma quantia inferior à real. Deste modo, segundo nos conta a parábola, ganhou a amizade daquelas pessoas para também poder ser ajudado no futuro (cf. Lc 16, 3-8). Jesus não pretende destacar a desonestidade deste homem, mas a sua astúcia. Perante a perspectiva de uma vida de miséria, soube atuar com perspicácia para resolver as suas futuras necessidades. Cristo convida os seus discípulos a servirem-se também do talento para a pregação do Reino de Deus: «Que empenho põem os homens nas suas coisas terrenas! – dizia S. Josemaria – (...) Quando tu e eu pusermos o mesmo empenho nos assuntos da nossa alma, teremos uma fé viva e operante: e não haverá obstáculo que não vençamos nos nossos empreendimentos de apostolado»^[2].

Mas não se trata simplesmente de uma abordagem matemática em que compensa dedicar o mesmo tempo às coisas de Deus e às outras coisas que nos interessam. Na realidade, o fundador do Opus Dei quer agitar o nosso interior para descobrirmos que a relação com Jesus é o mais importante, é aquilo que nos torna realmente felizes e pelo qual merece empregar todo o nosso talento. Precisamente as coisas humanas que já realizamos com empenho podem ser a base para nos introduzirmos no entusiasmo pelas realidades divinas. «Muitos jovens preocupam-se com o seu corpo, procurando o desenvolvimento da força física ou da aparência. Outros inquietam-se, desejosos de desenvolver as suas capacidades e conhecimentos, sentindo-se assim mais seguros. Alguns apontam mais alto, tentam comprometer-se mais, procurando um desenvolvimento espiritual. (...) Não crescerás em felicidade e santidade só pelas tuas forças e pela tua mente. Assim como te preocupa não perder a ligação à Internet, cuida que

esteja ativa a tua ligação com o Senhor, e isso significa não cortar o diálogo, escutá-lo, contar-lhe as tuas coisas e quando não souberes claramente que deverias fazer, perguntar-lhe: “Jesus, que farias Tu em meu lugar?”»^[3]. Deus, que fala no nosso coração, dar-nos-á astúcia para ser o nosso melhor aliado nas coisas que fazemos.

JESUS conclui a parábola com esta consideração: «Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque, ou não gosta de um deles e estima o outro (...). Não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (Lc 16, 13). Em muitos âmbitos da vida recomenda-se ter à mão sempre um *plano B*. No entanto, o Senhor convida-nos a arriscar a vida numa única cartada: a de Deus. «Se amar Cristo e os irmãos não se considerar como algo acessório e superficial, mas como a finalidade verdadeira e última de toda a nossa existência, é necessário saber fazer opções básicas, estar dispostos a renúncias radicais, se necessário ao martírio. Hoje, como ontem, a vida do cristão exige valentia»^[4]. Apostar no amor implica deixar o que nos pesa, na nossa ânsia de servir com generosidade os outros.

No entanto, apesar de termos tomado a decisão de entrar na lógica de Deus, podemos notar que, por vezes, não vivemos como gostaríamos. Isto foi o que experimentou S. Paulo: «Não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero» (Rm 7, 19). Um das palavras de S. Josemaria podem ajudar-nos a enfrentar esta tensão com serenidade: «Vens dizer-me que tens no teu peito fogo e água, frio e calor, paixõezinhas e Deus..., uma vela acesa a S. Miguel e outra ao diabo. Sossega; enquanto quiseres lutar, não haverá duas velas acesas no teu peito, mas uma só – a do Arcanjo»^[5]. O sim de Maria foi «de quem quer comprometer-se e arriscar, de quem quer apostar tudo, sem outra garantia para além da certeza de saber que é portadora de uma promessa»^[6]. Ela nos ajudará a viver com a segurança de que não existe melhor escolha do que a de viver com Deus como nosso principal companheiro de caminho.

NOTAS

[1] Sto. Ambrósio, *Comentário ao salmo 118*, Milão-Roma 1987, p. 131-133.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 317.

[3] Francisco, *Christus vivit*, n. 158.

[4] Bento XVI, Homilia, 23/09/2007.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 724.

[6] Francisco, Discurso, 26/01/2019.

Segunda-feira da XXV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no segunda-feira da XXV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Cristo, luz das nossas vidas; a missão dos discípulos; responsabilidade de ser luz.

Sumário

- Cristo, luz das nossas vidas.
- A missão dos discípulos.
- Responsabilidade de ser luz.

NA SAGRADA ESCRITURA as referências à luz são frequentes. O livro do Gênesis recorda-nos que Deus, depois de criar o céu e a terra, cria a luz (cf. Gn 1, 3). Por sua vez, as profecias do povo de Israel expressam assim a chegada do Messias: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles» (Is 9, 1). S. João, por último, escreve no prólogo do seu Evangelho: «O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina» (Jo 1, 9).

Pensar numa existência sem luz, nas sombras, deixa-nos tristes, porque significaria não aproveitar o que foi criado. Por isso, na tradição cristã, a vida nas trevas é identificada com o mal. A ausência de luz leva-nos à confusão, a ir sem uma direção clara. Mas mesmo na noite mais profunda, as pequenas luzes das estrelas são suficientes para, pelo menos, ter algumas referências que marquem um percurso preciso. Cristo guia a nossa vida, ajuda-nos a esclarecer as nossas dúvidas: «A tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (Sl 119, 105), diz o salmista, referindo-se à lei de Deus.

A luz de Cristo ajuda-nos a enfrentar com esperança as dificuldades do caminho. Certamente, acreditar n'Ele não significa poupar-se a sofrimentos, como se fosse um analgésico para os momentos de dor. Pelo contrário, o

cristão que confia no Senhor sabe que «há sempre uma luz clara que lhe indica um caminho, o caminho que conduz à vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Os olhos de quem acredita em Cristo vislumbram, mesmo na noite mais escura, uma luz e veem já o fulgor dum novo dia»^[1].

«NINGUÉM acende uma candeia para a cobrir com um vaso ou para a esconder debaixo da cama; mas coloca-a no candelabro, para que vejam a luz aqueles que entram» (Lc 8, 16). Antigamente, quando não havia luz elétrica, era muito difícil manter a chama acesa. Essa experiência dá pé ao Senhor para alguns dos Seus ensinamentos. A luz é necessária para a vida dos homens. Por isso, ao cair da noite, essas lâmpadas devem estar prontas para alumiar, como as das virgens que esperavam o esposo (cf. Mt 25, 1-13). Jesus, ao referir-Se ao papel dos Seus discípulos no meio do mundo, compara-os à luz e ao sal. Assim como o sal dá sabor aos alimentos, a luz ajuda o homem a não tropeçar, permite que ele veja o que está ao seu redor e guia-o no seu caminho. Cristo quer mostrar-nos nesta parábola a tarefa a que nos convida: «Encher de luz o mundo, ser sol e luz – assim definiu o Senhor a missão dos seus discípulos. Levar até aos confins da Terra a boa nova do amor de Deus»^[2].

A parábola assume que a lâmpada está acesa. Quem acendeu aquela chama que faz a lâmpada iluminar? À Igreja é confiada esta missão de ser essa luz, deseja iluminar todos os homens anunciando o Evangelho com a alegria de Cristo. Aqueles de nós que receberam o Batismo fazem parte desse grupo de homens e mulheres que o Senhor convocou para tentar iluminar o mundo. Santo Ambrósio expressou esta vocação dos cristãos e da Igreja como *mysterium lunæ*, o mistério da lua: «A Igreja, como a lua, não brilha com luz própria, mas com a de Cristo»^[3]. É Cristo que nos ilumina: o que podemos fazer é preparar-nos para receber o Seu reflexo. «Para a Igreja, ser missionária equivale a exprimir a sua própria natureza: ser iluminada por Deus e refletir a sua luz. Este é o seu serviço. Não há outra estrada. A missão é a sua vocação: fazer resplandecer a luz de Cristo é o seu serviço. Quantas pessoas esperam de nós este serviço missionário, porque precisam de Cristo, precisam de conhecer o rosto do Pai!»^[4].

«VEDE, pois, como ouvís, porque àquele que tiver, ser-lhe-á dado; mas àquele que não tiver, ser-lhe-á tirado mesmo o que julga possuir» (Lc 8, 18). No final da parábola, o Senhor fala da responsabilidade que supõe ter recebido a Sua luz, de ter recebido algum dom de Deus. E esse chamamento pode-nos levar a considerar a nossa fraqueza e a falta de consistência que o nosso fogo às vezes tem. Tendo em conta que mesmo um pouco de luz faz muito bem no escuro, a consideração da nossa pequenez pode-nos levar a cultivar uma disposição humilde para continuar a receber o fogo de Deus.

S. João conta-nos a sua experiência de ser portador do Evangelho: «A Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más» (Jo 3, 19). Todos nós temos experiências pessoais de escuridão; quando entramos nelas, perdemos o sentido do bem e do mal, os olhos da alma aos poucos acostumam-se à escuridão e ignoram a luz. O prelado do Opus Dei recorda-nos que, nesses momentos, «a fidelidade consiste em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo»^[5]. Reconhecemos que não vale a pena viver na escuridão, recordamos que somos chamados a ser a luz de Deus.

A alegria da vida de um cristão é compartilhar a missão com Jesus. Então descobrimos profundamente quem somos. «O pecado é como um véu escuro que cobre o nosso rosto e nos impede de ver claramente a nós mesmos e o mundo; o perdão do Senhor tira este manto de sombra e escuridão e restitui-nos nova luz»^[6]. «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz!» (Is 60, 1), diz Isaías. Maria protege sempre a lâmpada da nossa alma. E se alguma vez enfraquecer, ela acende-a novamente com o fogo do seu Filho para que brilhe sobre aqueles que precisam da sua luz.

NOTAS

[1] Bento XVI, Discurso, 24/09/2011.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 147.

[3] Sto. Ambrósio, *Exameron*, IV, 8, 32.

[4] Francisco, Homilia, 06/01/2016.

[5] Fernando Ocariz, Carta pastoral 19/03/2022, n. 2.

[6] Francisco, Angelus, 22/03/2020.

Terça-feira da XXV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a Igreja, família de Jesus; Maria, mulher da escuta; com abertura de coração.

Sumário

- A Igreja, família de Jesus.
- Maria, mulher da escuta.
- Com abertura de coração.

A FAMA de Jesus já se espalhou por toda a Galileia. Muitos são os que a Ele recorrem. Alguns trazem-lhe doentes, outros contam-lhe um problema ou pedem um conselho. Possivelmente, também não falta quem aproxime os seus filhos a Cristo para que os abençoe com a mão. O Senhor prega, escuta e responde a perguntas. Interessa-se pelas pessoas. Não se furta à dor, nem à doença, nem à angústia do povo. Cada dia de Jesus assemelha-se a uma fogaça de que uma multidão de mãos famintas arranca pedaços até não deixar nada. A sua entrega total na cruz foi precedida de uma doação quotidiana às pessoas que O rodeavam.

Um dia, enquanto Jesus se encontrava numa dessas situações, foram ter com Ele a Mãe e alguns parentes, mas «não podiam aproximar-se por causa da multidão» (Lc 8, 19). Era tal a quantidade de gente que se juntava em torno do Mestre, que impedia o acesso aos recém-chegados. Os discípulos avisaram: «Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-Te». E Cristo deu-lhes uma resposta, que de modo misterioso, resume o Evangelho que trazia à terra: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 8, 20-21).

Aos rostos dos que O escutavam talvez tenha aflorado um gesto de surpresa. Contudo, Jesus não quis expressar com estas palavras distanciamento da sua Mãe. De facto, o que fez ressaltar foi a sua intenção

de constituir uma família de vínculos sobrenaturais: a Igreja. E esta seria formada pelos homens e mulheres que ao largo dos tempos irão acolher a sua palavra para que frutifique nas suas vidas. Como descrevia um escritor medieval: «No tabernáculo do ventre de Maria habitou Cristo durante nove meses; até ao fim do mundo, viverá no tabernáculo da fé da Igreja e, pelos séculos dos séculos, morará no conhecimento e no amor da alma fiel»^[1].

«MARIA é a mulher da escuta: vemo-lo no encontro com o Anjo e vemo-lo de novo em todas as cenas da sua vida, desde as bodas de Caná, até à cruz e até ao dia do Pentecostes (...). Não diz simplesmente sim, mas assimila a Palavra, toma a Palavra»^[2]. Quando pronuncia o *Magnificat*, por exemplo, verificamos que a Mãe de Jesus conhecia as Escrituras, e não só de um modo teórico; damo-nos conta de que se «identificava a tal ponto com a Palavra que as palavras do Antigo Testamento se tornaram, sintetizadas, um cântico no seu coração e nos seus lábios. Vemos que a sua vida estava realmente imbuída da Palavra; tinha entrado na Palavra, tinha-a assimilado e tinha-se tornado vida nela»^[3].

Escutar a palavra de Deus não nos afasta da terra, antes pelo contrário, introduz-nos nela em pleno, revela-nos a verdadeira realidade. «Dizer “sim” ao Senhor é ter a coragem de abraçar a vida como vem, com toda a sua fragilidade e pequenez e, muitas vezes, até com todas as suas contradições»^[4]. Por isso, a fidelidade de Maria «não se manifestou em ações aparatosas, mas no sacrifício escondido e silencioso de cada dia»^[5]. As vidas de todos os santos revelam-nos que essa escuta fiel é um tesouro que depois se derrama em gestos de amor no quotidiano, que assim fica transformado. Em Maria, mulher da escuta, vemos uma vida sem espetáculo externo, levando a cabo os trabalhos próprios de uma mãe de família do seu tempo; toda a existência de Maria se caracteriza por uma profunda docilidade ao querer divino. O seu dia a dia, tal como o do Seu filho Jesus, é marcado pela alegria de quem entrou na lógica divina: «Contente por estar onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina»^[6]. Os Seus desejos e planos situam-se dentro dos desígnios de bondade do Seu Filho. E neles, Maria move-se com desenvoltura e plena liberdade.

S. JOSEMARIA gostava de considerar que, no momento da Anunciação, a Virgem se encontrava recolhida em oração. Muitos pintores representaram assim esta cena, colocando-lhe entre as mãos um livro das Escrituras. Para Maria, a leitura dessas páginas não era simplesmente recordar eventos de outra época: eram as palavras que o Senhor Lhe dirigia a si própria em determinado momento. «Não há melhor maneira de rezar do que colocar-se, como Maria, em atitude de abertura, de coração aberto a Deus: “Senhor, o que Tu quiseres, quando Tu quiseres e como Tu quiseres!”. Ou seja, o coração aberto à vontade de Deus. E Deus responde sempre»^[7].

Ler as Escrituras com essa abertura de coração levar-nos-á a descobrir o que Deus quer dizer-nos hoje e agora. Como a Sua palavra é sempre viva e eficaz, podemos ler uma vez e outra o mesmo trecho com novidade. Escutar assim a palavra de Deus vai levar-nos, como pela mão, a cumpri-la, pondo ao serviço de Deus a nossa liberdade, a nossa inteligência e a nossa grande capacidade de amar. Efetivamente, escutar e cumprir a palavra de Deus são duas coisas inseparáveis, pois «a palavra de Deus compreende-se realmente só quando se começa a praticá-la»^[8]. Podemos pedir a Nossa Senhora que saibamos meditar as Escrituras com a mesma abertura de coração que marcou a sua vida.

NOTAS

[1] Ofício de leituras, Beato Isaac de Stella, Sermão 51.

[2] Bento XVI, Discurso ao clero diocesano de Roma, 26/02/2009.

[3] *Ibid.*

[4] Francisco, Discurso, 26/01/2019.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 172.

[6] *Ibid.*, n. 148.

[7] Francisco, Audiência, 18/11/2020.

[8] S. Gregório Magno, *Homilias sobre Ezequiel*, I, 10, 31.

Quarta-feira da XXV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: escolhidos para serem enviados; o essencial e o acessório; a experiência d

Sumário

- Escolhidos para serem enviados.
- O essencial e o acessório.
- A experiência do fracasso.

JESUS convocou os doze e enviou-os a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos, dando-lhes poder e autoridade sobre todos os demónios e para curar as doenças (cf. Lc 9, 1-2). Estas breves frases, e os conselhos que o Senhor lhes dará sobre o modo como devem desempenhar esta missão, revelam-nos algumas das características do apostolado cristão.

A primeira é a prioridade da vocação pessoal. Os apóstolos são escolhidos um a um para a missão que lhes será confiada. A sua escolha faz parte do mistério divino, pois não obedece a critérios humanos como a formação ou a eficiência. A maior parte deles eram pescadores sem grande cultura; o único que talvez tenha tido mais meios humanos e melhor educação foi Mateus, mas, por ser publicano, era considerado por muitos como um traidor. Além disso, os apóstolos careciam muitas vezes de heroísmo moral: como vemos nos evangelhos, são ambiciosos, estão constantemente a competir e a comparar-se uns com os outros, possuem uma forte visão humana e têm dificuldade em raciocinar em termos sobrenaturais. A experiência dos apóstolos recorda-nos que «tudo depende de um chamamento gratuito de Deus; Deus escolhe-nos também para serviços que, por vezes, parecem exceder as nossas capacidades ou não corresponder às nossas expectativas; o chamamento recebido como dom gratuito deve ser respondido gratuitamente»^[1].

Os doze partirão para pregar o Reino de Deus, não porque sejam sábios ou santos, mas porque sabem que são chamados por Cristo e aceitam livremente ser enviados por ele. Esta é a convicção que, desde os primeiros séculos até aos nossos dias, levou a Igreja a difundir o Evangelho no mundo inteiro: os cristãos sabiam-se continuadores da missão de Cristo, chamados e enviados para levar a salvação a todos os homens. É por isso que o apostolado é algo que está enraizado na própria identidade do cristão: pelo batismo, a nossa vida tem um sentido de missão. Não fazemos apostolado como se estivéssemos a cumprir uma missão. A nossa identidade mais profunda consiste no facto de «sermos apóstolos»^[2]: como os primeiros doze, fomos escolhidos para sermos enviados.

DEPOIS de ter comunicado aos doze qual seria a sua missão, o Senhor dá-lhes alguns conselhos para a realizarem: «Não leveis nada para o caminho, nem bordão, nem alforge, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas» (Lc 9, 3). Jesus pede àqueles que envia em missão apostólica uma pobreza tão radical quanto significativa: a renúncia a uma série de coisas que são boas em si mesmas, mas não para eles neste momento, porque poderiam atrasar ou impedir a missão recebida. É isto que caracteriza a pobreza: uma virtude que nos permite concentrar a nossa mente e o nosso coração no que é verdadeiramente valioso e importante, sem nos distrairmos com o aparente, o vão ou o acessório.

No caso do apostolado, o que é realmente essencial é a centralidade de Deus: o Senhor envia-nos e atua nas pessoas. Nós somos instrumentos. O nosso papel é importante, mas não é o mais central nem o mais decisivo. Ao contrário de um instrumento material, não somos inertes ou passivos, mas pomos livremente em ação todas as qualidades e capacidades que possuímos, bem como todos os meios humanos de que dispomos. É o Senhor conta connosco para o fazer. Mas o que Jesus sublinha fortemente no Evangelho é que tudo o que temos - sejam meios materiais ou qualidades humanas - é secundário em relação à nossa identidade: somos chamados por ele e enviados às almas.

Esta é a convicção que enche o coração do apóstolo, como S. Josemaria recordava aos seus filhos e filhas nos primeiros anos do Opus Dei: «Não

vos esqueçais, meus filhos, de que não somos almas que se juntam a outras almas para fazer uma coisa boa. Isso é muito..., mas é pouco. Nós somos apóstolos que cumprem um mandato imperativo de Cristo»^[3]. Precisamente porque deposita a sua confiança em Deus, que o escolheu e enviou, o apóstolo pode cumprir este mandato divino com liberdade pessoal, generosidade e alegria, disposto a qualquer sacrifício e movendo-se com esperança e audácia.

«EM QUALQUER CASA em que entrardes, ficai nela até a partirdes. E se ninguém vos receber, quando sairdes dessa cidade, sacudi o pó dos vossos pés como testemunho contra eles» (Lc 9, 4-5). É assim que o Senhor conclui os Seus conselhos para a missão apostólica. Jesus diz que, por vezes, o testemunho apostólico dos Seus enviados será bem recebido, outras vezes não. Neste último caso, aconselha os doze a sacudir o pó dos pés: era um gesto gráfico da cultura semita para mostrar que não se queria guardar nada, nem mesmo um pouco de terra, do lugar onde se foi rejeitado. No nosso caso, ajuda-nos a lembrar que não devemos deixar que os fracassos ou as críticas que colhermos por sermos apóstolos continuem a ser um peso sobre os nossos ombros.

«Não te compreendem? Ele era a Verdade e a Luz – escreveu S. Josemaria –, mas os seus também não o compreenderam. Como tantas vezes vos fiz pensar, lembrai-vos das palavras de Nosso Senhor: “O discípulo não é mais do que o Mestre”»^[4]. Jesus é muito realista na Sua descrição da vida apostólica. Não esconde o facto de que ela exige renúncias – para não perder de vista a busca do que é realmente valioso – e que nem sempre é coroada de êxito: aos Seus apóstolos não faltarão as dificuldades, as tribulações e até as perseguições (cf. Lc 28, 12-19); não passarão pela vida com uma vitória atrás da outra e, por isso, não devem concentrar a sua alegria nos resultados imediatos, mas na fecundidade sobrenatural da sua dedicação. Receberão o cêntuplo e a vida eterna (Mt 19, 29) porque, pelo seu testemunho de vida cristã, pela sua fidelidade sem reservas à missão apostólica, o Senhor fará surgir um grande número de frutos sobrenaturais, uma abundância que, em muitos casos, será incomensurável para a compreensão humana.

Podemos pedir à Virgem Maria que desperte nos nossos corações o sentido da missão, que nos faça ser e comportarmo-nos como os primeiros doze, sentindo-nos enviados pelo Senhor e confiando que Ele fará frutificar o nosso zelo apostólico: «Vós e eu, filhos de Deus, quando olhamos para as pessoas, devemos pensar nas almas: aqui está uma alma - devemos dizer-nos - para ser ajudada, uma alma para ser compreendida, uma alma para se conviver, uma alma para ser salva»^[5].

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 15/03/2023.

[2] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 14/02/2017, n. 9.

[3] S. Josemaria, *Instrução* de 19 de março de 1934, n. 27.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 239.

[5] S. Josemaria, *Meditação* de 25 de fevereiro de 1963, in *Crónica* de 1964, IX, p. 69 (AGP, biblioteca, P01).

Quinta-feira da XXV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: desejar ver Jesus; revestir-se de Cristo; santidade e apostolado.

Sumário

- Desejar ver Jesus.
- Revestir-se de Cristo.
- Santidade e apostolado.

OS EVANGELHOS falam-nos de diferentes pessoas que anseiam ver Jesus. Uma delas é Herodes, que, ao ouvir falar dos milagres que Ele realizava, «andava perplexo» (Lc 9, 7). O motivo de tal surpresa era o de que alguns diziam que João ressuscitara dos mortos (cf. Lc 9, 7). Mas era difícil, para Herodes, acreditar nessa possibilidade, pois ele próprio tinha tirado a vida a João, ao ser instigado por Herodíades, a mulher do seu irmão. «A João mandei-o eu decapitar» – dizia – «mas quem é este de quem oiço dizer semelhantes coisas?» (Lc 9, 9). S. Lucas salienta que Herodes «queria vê-l’O» (Lc 23, 8). No entanto, quando finalmente encontra Jesus durante a Paixão, o Senhor está em silêncio. O rei esperava vê-l’O fazer algum milagre e fazia-Lhe perguntas com muita loquacidade, mas Jesus nada lhe respondeu. Então Herodes, juntamente com os seus soldados, desprezou-O e ridicularizou-O diante de todos (cf. Lc 23, 6-12).

S. Lucas também fala de outra pessoa que, há algum tempo, queria ver a Jesus. Trata-se do velho Simeão, «um homem [...] justo e piedoso [...] Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor» (Lc 2, 25-26). Ao encontrá-l’O no Templo, quando Jesus ainda era uma criança, «tomou-o nos braços e bendisse a Deus, dizendo: “Agora, Senhor, segundo a tua palavra, deixarás ir em paz o teu servo”» (Lc 2, 28-29).

Herodes não foi capaz de reconhecer a presença de Jesus. A sua curiosidade e a sua ânsia de ver prodígios impediram-no de se aperceber de que o Messias estava diante dele. Por outro lado, o exemplo de Simeão «ensina-nos que a fidelidade da espera aguça os sentidos espirituais e torna-nos mais capazes de reconhecer os sinais de Deus»^[1]. Ele contentou-se com ter Jesus nos seus braços. E uma vez que viu essa promessa cumprida, considerou que a sua vida esperançosa valera a pena.

A LEITURA e meditação frequente do Evangelho ajuda-nos a revestirmo-nos de Cristo. Ou seja, a conformar a nossa vida à Sua, para que o Seu exemplo e as Suas palavras penetrem profundamente nos nossos corações. Como disse S. Josemaria: «Esses minutos diários de leitura do Novo Testamento que te aconselhei (metendo-te e participando no conteúdo de cada cena, como um protagonista mais) são para que encarnes, para que "cumpras" o Evangelho na tua vida»^[2]. Deste modo, compreenderemos que a santidade não consiste apenas em evitar o pecado ou em cumprir uma série de preceitos, mas em nos identificarmos cada vez mais com Jesus.

«Cristo deu-te o poder de ser como Ele, de acordo com as tuas forças. Não te assustes ao ouvir isto. O que deve assustar-te é não seres como Ele»^[3], disse S. João Crisóstomo. Se formos dóceis ao Espírito Santo, então a imagem do Senhor, o rosto dos filhos de Deus, ir-se-á plasmando nas nossas vidas. E isto, antes de mais, reflete-se na vida quotidiana, através da luta por transformar «a prosa diária em decassílabos, em verso heroico»^[4].

O desejo de nos identificarmos com Cristo manifesta-se nas realidades humanas: na família, no trabalho, nas relações de amizade... Deus «quer que sejamos muito humanos. A cabeça pode tocar o céu, mas os pés assentam na terra, com segurança. O preço de se viver cristãmente não é nem deixar de ser homem nem abdicar do esforço por adquirir essas virtudes que alguns têm, mesmo sem conhecerem Cristo. O preço de todo o cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer – insisto – muito humanos e muito divinos, com o empenho diário de O imitar, pois é *perfectus Deus, perfectus homo*»^[5].

O ESFORÇO sincero de conhecer a Cristo e de nos identificarmos com Ele levar-nos-á a compreender «que a nossa vida não pode ter outro sentido senão o de nos entregarmos ao serviço dos outros»^[6]. Um cristão não vive para si mesmo, mas vive, antes, a pensar em todas as pessoas que o rodeiam. Mesmo o que parece mais pessoal e íntimo – a nossa vida interior, o nosso esforço para melhorar nas virtudes – tem sempre uma dimensão apostólica: o apostolado é inseparável da própria santificação, e vice-versa.

«Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra sem a conceber como um caminho de santidade»^[7]. Como S. Paulo escreve aos Tessalonicenses: «Esta é, na verdade, a vontade de Deus: a vossa santificação» (1Ts 4, 3). E este apelo do Senhor não entra em conflito com os outros sonhos que temos na vida, muito pelo contrário. Como nos recorda o prelado do Opus Dei: «Oxalá que nós, jovens e adultos, compreendamos que a santidade não só não é um obstáculo aos sonhos de cada um, mas o culminar dos mesmos. Todos os desejos, todos os projetos, todos os amores podem fazer parte dos planos de Deus»^[8].

A Virgem acompanha-nos neste caminho de santificação e apostolado. «Ela fará com que nos sintamos irmãos de todos os homens, porque todos somos Filhos desse Deus de que Ela é filha, esposa e mãe. [...] ajudar-nos-á a reconhecer Jesus em quem passa ao nosso lado, tornado presente para nós nas necessidades dos nossos irmãos, os homens»^[9].

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 30/03/2022.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 672.

[3] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus*, 78, 4.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 50.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 75.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 145.

[7] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 19.

[8] Fernando Ocáriz, “*Luz para ver, força para querer*”, artigo publicado no *Jornal Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno, p. 32.

[9] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 145.

Sexta-feira da XXV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: quem é Jesus para mim?; a nova lógica da Cruz; abraçar a Cruz com alegria

Sumário

- Quem é Jesus para mim?
- A nova lógica da Cruz.
- Abraçar a Cruz com alegria.

«QUEM DIZEM as multidões que Eu sou?» (Lc 9, 18). Parece, à partida, que Jesus quer conhecer, através dos seus discípulos, a variedade de opiniões sobre a sua figura. A resposta não se faz esperar: «Uns, João Batista; outros, que és Elias; e outros, que és um dos antigos profetas que ressuscitou» (Lc 9, 19). Saem à luz todas as perceções que lhes tinham chegado aos ouvidos. No entanto, num segundo momento, o Senhor faz outra pergunta que, desta vez, os deixa mais pensativos: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (Lc 9, 20).

Cai o silêncio. Os olhares cruzam-se. Os Apóstolos, que segundos antes, falavam todos ao mesmo tempo, parecem agora metidos em si, refletindo. Talvez sintam uma espécie de vertigem ao entrar no seu coração. Porque esta pergunta exige uma resposta do centro profundo da alma, onde habita o Espírito Santo. É Pedro o único que responde: «És o Cristo de Deus» (Lc 9, 20). O "Cristo" significa literalmente o "ungido", o escolhido por Deus para cumprir uma missão. E, neste caso, não um Ungido mais, como outros da história de Israel, mas o Ungido por excelência, o Enviado, «o Filho do Deus vivo» (Mt 16, 16).

Trata-se de uma tomada de posição que é sempre atual na vida de cada pessoa. Mesmo que conheçamos o cristianismo com maior ou menor profundidade, e vivendo umas práticas de piedade, podemos colocar sempre

de novo a pergunta que os apóstolos fizeram a si próprios no seu interior: quem é Jesus para mim? «Quem é Jesus para cada um de nós? Somos chamados a fazer da resposta de Pedro a nossa resposta, professando com alegria que Jesus é o Filho de Deus, a Palavra eterna do Pai que se fez homem para redimir a humanidade, derramando sobre ela a abundância da misericórdia divina»^[1].

DEPOIS da confissão de fé de Pedro, a conversa desloca-se para terrenos que devem ter sido muito surpreendentes para os apóstolos. Era uma das primeiras vezes que alguém proclamava publicamente que Cristo era o Filho de Deus, o Messias esperado. E Jesus não o nega, mas pede-lhes que, por enquanto, guardem silêncio; e a seguir, anuncia aos seus discípulos a forma como irá levar a cabo a sua missão salvadora. Revela-lhes que «o Filho do homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas; tem de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia» (Lc 9, 22).

Cristo revela que a salvação não se fará pela força. O Messias não será um dominador à maneira humana. Reinará, mas do alto da cruz, que até então só tinha sido o patíbulo onde se executavam os malfeitores. Salvar-nos-á, mas através do dom total de si mesmo na Paixão. Jesus anuncia uma lógica nova, que não é deste mundo: a lógica do dom e da cruz. A cruz é a cátedra de uma nova sabedoria, perante a qual teremos de tomar partido: alguns irão rejeitá-la como absurda ou escandalosa; outros vão amá-la e chegarão a abraçá-la, porque compreenderão que a cruz é a «força de Deus» (1 Cor 1, 18) que liberta do pecado e da morte.

Como nos recorda o Prelado do Opus Dei: «Precisamos de que Jesus Cristo cure definitivamente a nossa liberdade; e é na Cruz que Ele nos obteve a libertação mais profunda: a libertação do pecado, que purifica as nossas almas para podermos descobrir a nossa verdadeira identidade de filhos de Deus»^[2]. O paradoxo da Cruz marca a vida quotidiana do cristão, enche-a com essa lógica superior, feita de humildade e entrega. «Ó dom preciosíssimo da Cruz! Que aspeto mais esplendoroso tem (...). É uma árvore que dá vida sem causar a morte; que ilumina sem produzir sombras; que introduz no paraíso sem expulsar ninguém dele»^[3].

«OS JUDEUS pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios» (1Cor 22-23). Este passo da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios foi incluído por S. Josemaria numa lista manuscrita de 122 textos que ele costumava meditar assiduamente no início da década de 1930. Já nessa altura transmitia às primeiras pessoas que se aproximavam do Opus Dei que não é possível seguir Jesus Cristo, querer colaborar com Ele na sua obra salvadora, sem abraçar a Cruz. Pensando numa grande cruz de madeira que tinha numa sala da Academia DYA, a primeira residência do Opus Dei, escreveu: «Quando vires uma pobre Cruz de madeira, só, desprezível e sem valor... e sem Crucificado, não esqueças que essa Cruz é a tua Cruz: a de cada dia, a escondida, sem brilho e sem consolação..., que está esperando o Crucificado que lhe falta. E esse Crucificado tens que ser tu»^[4].

A Cruz, paradoxalmente, estando unida à vida de Cristo, é uma fonte de alegria; quando a abraçamos, permitimos que a onnipotência de Deus atue em nós. «Com que amor se abraça Jesus ao lenho que Lhe há de dar a morte! Não é verdade que, mal deixas de ter medo à Cruz, a isso que a gente chama de cruz, quando pões a tua vontade em aceitar a Vontade divina, és feliz, e passam todas as preocupações, os sofrimentos físicos ou morais?»^[5]. E podemos fazê-lo não só em momentos extraordinários, por ocasião de uma doença, de perseguições ou de uma grave contrariedade, mas em cada momento da nossa vida quotidiana: ser felizes com as pequenas cruces diárias. Pouco antes do culminar da Paixão, Jesus entregou-nos Maria como nossa Mãe. «*Cor Mariæ perdolentis, miserere nobis!*» – invoca o Coração de Santa Maria, com ânimo e decisão de te unires à sua dor, em reparação pelos teus pecados e pelos de todos os homens de todos os tempos»^[6].

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 19/06/2016

[2] Fernando Ocariz, Homilia, 18/04/2019.

[3] S. Teodoro Estudita, *Oratio in adorationem crucis*.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 178.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, II estação.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 258.

Sábado da XXV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: admiração por Cristo e vida contemplativa; a Cruz está sempre perto; a vida como diálogo com Deus.

Sumário

- Admiração por Cristo e vida contemplativa.
- A Cruz está sempre perto.
- A vida como diálogo com Deus.

O EVANGELISTA S. Lucas observa que Jesus gozava de admiração geral (cf. Lc 9, 43). Não é difícil imaginar as causas dessa reputação. Por um lado, o Senhor falava com a autoridade e o carisma que atraíam multidões. Além disso, os Seus ensinamentos não se reduziam a meras palavras, mas eram acompanhados de atos. Os milagres afirmavam a Sua origem divina, e o Seu modo de vida refletia a misericórdia de Deus. Ninguém que viu Jesus poderia ficar indiferente diante da riqueza da Sua personalidade e do tesouro das Suas palavras.

Aquela profunda impressão que Jesus deixava nos Seus discípulos também foi deixada em nós; é um sentimento que, graças a Deus, se renova em momentos específicos, mas gostaríamos que estivesse sempre presente. A admiração consiste em olhar com novos olhos o que se ama, porque não há amor que não tenha sabor de novidade. A pessoa apaixonada não se cansa de contemplar a pessoa amada; não tanto por curiosidade, mas por vontade de continuar a apreciar toda a sua riqueza. É precisamente nisso que consiste a vida contemplativa: saber que Jesus está próximo e não nos cansarmos de entrar no Seu mistério.

Como qualquer relacionamento, a vida de oração é um caminho que avança pouco a pouco. «Primeiro uma jaculatória, e depois outra e outra... Até que parece insuficiente esse fervor, porque as palavras se tornam

pobres»^[1]. O objetivo é abandonar-nos nas Suas mãos e deixar que nos conquiste: «abrem-se as portas à intimidade divina, com os olhos postos em Deus sem descanso e sem cansaço. Vivemos então como cativos, como prisioneiros. Enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do nosso ofício, a alma anseia escapar-se. Vai até Deus como o ferro atraído pela força do íman»^[2].

PODE surpreender-nos a maneira como Jesus reage à admiração que despertou. Em vez de Se alegrar com os seus olhares atónitos, fala-lhes da Cruz, como fazendo ver que a verdadeira contemplação não pode ser separada de uma profunda purificação interior: «Escutai bem o que vou dizer-vos. O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos homens» (Lc 9, 44).

Cristo deixa claro em inúmeras ocasiões que «não nos esqueçamos disto: não se pode reduzir a fé a um açúcar que adoça a vida»^[3]. Talvez alguns dos seguidores de Jesus o tenham feito com o desejo de que lhes assegurasse uma existência um pouco mais confortável ou simplesmente para se sentirem parte do grupo liderado por um profeta famoso. Mas esta não era a mensagem de Cristo: o amor autêntico anda de mãos dadas com a verdade, com a realidade, e não pode ignorar a dor. «Mas não esqueçamos – escrevia S. Josemaria – que estar com Jesus é seguramente encontrar-se com a sua Cruz. Quando nos abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele permita que saboreemos a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios, por dentro e por fora: porque quer conformar-nos à Sua imagem e semelhança»^[4].

Contemplar o rosto de Cristo, entrar no mistério do Seu amor, significa descobrir as mensagens das Suas feridas, abrir-se à dor do Seu coração, também nas pessoas que sofrem perto de nós. Por isso, a oração contemplativa, que é «a respiração da alma e da vida»^[5], requer uma mortificação interior: aquela luta serena, mas decidida, para ter todos os nossos sentidos livres para colocá-los em Jesus e experimentar as coisas como Ele as experimenta. Se a nossa oração nos unir a Cristo, ela também

nos unirá aos problemas do mundo e os enfrentará sob a perspectiva de Deus.

«ELES, PORÉM, não entendiam aquela linguagem, porque lhes estava velada, de modo que não compreendiam» (Lc 9, 45). A multidão em redor de Jesus ficou desconcertada ao ouvir as Suas palavras na Cruz. Parecia-lhes estranho que alguém que tinha demonstrado possuir um poder tão alto, que era mesmo capaz de ressuscitar os mortos, lhes falasse do Seu doloroso fim. Não conseguiam entender que Jesus, no meio do Seu triunfo palpável, descrevesse a Sua derrota futura. As Suas palavras pareciam contradizer o ambiente geral de alegria e esperança.

No entanto, em vez de comentar as suas discrepâncias com Jesus, aquelas pessoas «tinham receio de O interrogar a esse respeito» (Lc 9, 45). A sua admiração pelo Senhor muitas vezes acabou por ser uma mistura de conhecimento superficial e reverência temerosa. Jesus, porém, convida-os a que aquela contemplação não fosse apenas a impressão de um momento que passa, a emoção de um instante, mas que gerasse uma mudança profunda nas suas vidas: proporciona-lhes compreender toda a existência como um diálogo com Deus.

Esta união do nosso coração com o de Cristo permite-nos contemplar o mundo com novos olhos. Descobrimos, mesmo entre as sombras da História e da nossa própria biografia, um vislumbre da luz divina. «Jesus era um mestre deste olhar. Na sua vida nunca faltaram os tempos, os espaços, os silêncios, a comunhão amorosa, que permite que a existência não seja devastada pelas provações inevitáveis, mas que a sua beleza seja preservada intacta»^[6]. Maria, mestra de oração, pode alcançar-nos a graça de ter um coração contemplativo como o d'Ela.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 296.

[2] *Ibid.*

[3] Francisco, Homilia, 15/09/2021.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 301.

[5] Bento XVI, Audiência, 25/04/2012.

[6] Francisco, Audiência, 05/05/2021.

XXVI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

Reflexão para meditar no XXVI domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: a sinceridade das nossas emoções; os sentimentos dão-nos um conhecimento valioso; atuar de acordo com a sua própria identidade.

Sumário

- A sinceridade das nossas emoções.
- Os sentimentos dão-nos um conhecimento valioso.
- Atuar de acordo com a sua própria identidade.

«UM HOMEM tinha dois filhos» (Mt 21, 28). Assim começa a parábola de Jesus dirigida aos sumos sacerdotes e aos anciãos do povo. Provavelmente não era a primeira vez que tinham a oportunidade de desfrutar de uma conversa com o Mestre. Pela mesma razão, sabiam que por detrás das suas histórias narrativas e aparentemente anónimas costumavam esconder-se verdades profundas sobre eles próprios. As suas parábolas não eram um exercício literário –ainda que muitas delas fossem de grande beleza–, mas antes palavras pronunciadas vindas do Seu coração com o desejo de comover o dos seus ouvintes.

O pai da parábola dirige-se aos seus dois filhos com o mesmo pedido: «Filho, vai hoje trabalhar na vinha» (Mt 21, 28). Ao que parece, nenhum dos dois sente uma inclinação especial pelo trabalho de ir semear e colher, ou pelo menos não estavam a contar com isso nesse dia. O pedido do pai surpreende-os, e cada um reage a seu modo. Enquanto o primeiro se mostra visivelmente contrariado, e responde claramente, dizendo ao pai que não irá, o segundo esconde o que sente no coração; talvez com um sorriso fingido, mas com uma formalidade que não consegue disfarçar a sua contrariedade, e responde ao pai: «Vou, sim, senhor» (Mt 21, 28).

Afinal, nenhum dos dois é fiel à sua palavra: o que tinha dito que não queria trabalhar, decide ir para a vinha. Em contrapartida, o filho que se tinha mostrado disposto a cumprir a vontade do pai acaba por desobedecer-lhe. Ainda que em ambos os casos as ações dos filhos contradigam as suas palavras, existe uma diferença importante entre ambos: aquele que foi sincero com o pai acaba por fazer o bem. Em contrapartida, aquele que procurou, sobretudo, dar uma boa imagem de si, acabou por abraçar outra realidade com a qual não se tinha comprometido. Também na nossa relação com o Senhor, o primeiro passo para uma verdadeira conversão é a sinceridade do nosso coração, sentir a confiança de que podemos abrir-Lhe sem problemas o nosso íntimo. Manifestar-Lhe, inclusivamente, que, como aquele filho, talvez não tenhamos vontade de ir realizar nenhum trabalho. Porque «uma coisa é certa: na presença de Jesus, os verdadeiros sentimentos do coração, as verdadeiras atitudes, florescem»^[1].

NA SEGUNDA leitura da Missa de hoje deparamos com umas palavras de São Paulo que bem poderiam ser uma carta modelo do que significa ser cristão: «Tende entre vós os sentimentos que teve Jesus Cristo» (Fl 2, 5). A identificação com Jesus Cristo não consiste numa imitação exterior, como quando uma criança pequena reproduz inconscientemente certos gestos dos adultos, mas antes num caminho interior em que Cristo se vai apoderando dos nossos corações. Sentir como Jesus Cristo é a meta de uma profunda transformação da graça e da luta pessoal. «Penetrar nos sentimentos, esse deveria ser o exercício quotidiano da vida como cristãos»^[2].

Os nossos sentimentos espontâneos, perante determinados factos ou pessoas, dão-nos uma primeira impressão do nosso mundo interior. Por exemplo, quando o primeiro filho diz ao pai que não quer ir trabalhar na vinha, podemos deduzir que sente uma aversão por essa atividade, que está cansado ou que para ele não faz sentido. Uma parte da sua interioridade leva-o a considerar esse esforço como algo negativo. Os sentimentos escondem um valioso conhecimento sobre nós mesmos: ajudam-nos a discernir quais os valores que, quem sabe se de forma inconsciente, fazem mover a nossa vida. Saber o que nos causa tristeza e o que nos traz felicidade permite conhecer-nos para de imediato nos questionarmos se essas nossas reações coincidem com as de Cristo.

Comparar os nossos sentimentos com os de Jesus perante diferentes situações ajuda-nos a refletir se queremos também viver e fazer nossas as Suas virtudes. S. Josemaria, por exemplo, convida-nos, em certa ocasião, a perguntar-nos que sentimentos desperta em nós a virtude da pobreza. «Dizes-me que desejas viver a santa pobreza, o desprendimento das coisas que usas. – Então pergunta a ti próprio: será que eu tenho os afetos de Jesus Cristo, e os Seus sentimentos, em relação à pobreza e às riquezas?»^[3]. Podemos fazer um exame semelhante a cada uma das virtudes e em cada momento da nossa vida.

NA PARÁBOLA dos dois filhos não são os sentimentos que têm a última palavra. A primeira reação espontânea é superada através da reflexão: um dos filhos dá-se conta do bem que significa trabalhar na vinha e da alegria que dará ao pai se lhe obedecer; o segundo, ao contrário, se a princípio se deixou levar pelo interesse de causar uma boa impressão ao pai, ao refletir sobre o trabalho árduo, prefere refugiar-se noutros bens. O decisivo em cada um deles não foi a primeira emoção, mas a ação que empreenderam inspirada num ideal que consideravam valioso para as suas próprias vidas. Damo-nos conta de que ter um determinado estado de ânimo não significa atuar forçosamente de acordo com isso, mas ajuda a conhecermo-nos melhor e a tomarmos uma decisão mais de acordo com a nossa identidade, com o que nos faz realmente felizes.

O facto de às vezes uma pessoa julgar que tem de atuar *apesar de* ou *contra* os sentimentos não quer dizer que a vida cristã lhes tire importância. Pelo contrário. Quando, por exemplo, S. Josemaria admitia expressivamente que em muitas ocasiões da sua vida tinha atuado «contrafeito», quer dizer, contrariando a sua primeira tendência para o que gostava, imediatamente esclarecia que o fizera «por Amor»^[4]. E, mesmo que o amor não possa ser reduzido a um sentimento, contém naturalmente uma dimensão sentimental fundamental. Assim, quando o filho, que a princípio não queria trabalhar, decide acatar a vontade do pai, deixa-se, provavelmente, levar por um sentimento filial e de carinho que acaba por pesar mais do que a sua fraqueza ou apatia. Dentro do seu coração, encontra um sentimento mais profundo e melhor do que aquele de que se tinha apercebido num primeiro momento.

Por isso, enche-nos de esperança ver na parábola uma imagem de Jesus em oração no Horto das Oliveiras. No Seu coração humano haveria alguns sentimentos que O inclinavam a rejeitar a Cruz e o sofrimento. Mas esse mesmo coração estava também impregnado de sentimentos profundos de filiação para com o Pai e de carinho por cada um de nós. E foram esses sentimentos que determinaram a sua maneira de atuar. Podemos pedir à Virgem Maria, Mãe de todos os filhos que querem levar uma vida de obediência à vontade divina, para aprendermos a distinguir quais os sentimentos que nos configuram mais com Jesus. Só assim teremos um coração grande e trabalharemos com alegria na vinha do Senhor.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 22/03/2020.

[2] Bento XVI, Audiência, 01/06/2005.

[3] S. Josemaria, *Forja*, 884.

[4] cf. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n.152.

XXVI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no XXVI domingo do Tempo Comum (Ciclo C).
Os temas propostos são: sentir as necessidades dos outros; abrir-se à misericórdia de Deus; mais sensíveis ao sofrimento.*

Sumário

- Sentir as necessidades dos outros.
- Abrir-se à misericórdia de Deus.
- Mais sensíveis ao sofrimento.

«HAVIA UM homem rico, que se vestia de púrpura e linho fino e se banqueteara esplendidamente todos os dias» (Lc 16, 19). Assim começa a parábola do homem rico e do pobre Lázaro. O primeiro gozava de uma abundância ostensiva, enquanto à porta da sua casa vivia um homem cheio de feridas, que sonhava poder alimentar-se com os restos que caíam da mesa do rico. Encontrava-se numa situação tão desesperada que nem sequer tinha forças para afugentar os cães que lhe vinham lambe as feridas.

Naquele relato do Senhor, a cegueira do rico é impressionante. Ele teria visto Lázaro muitas vezes meio adormecido à porta da sua casa; por vezes até o teria movido desdenhosamente para que os seus convidados pudessem entrar. Mas em nenhum momento ele pára realmente a olhar para ele. Não está disposto a perder o seu tempo com uma pessoa que não lhe possa ser útil. «Lázaro à porta é um apelo vivo ao homem rico para que se lembre de Deus, mas o homem rico não aceita esta chamada^[1]. Tão imerso no seu próprio conforto e egoísmo, é incapaz de perceber que neste pobre homem está a porta para a sua libertação. E o que acontece a este homem pode acontecer a cada um de nós. Se ao menos ele tivesse deixado Lázaro entrar na sua vida, partilhado pelo menos o seu tempo com ele, estaria em melhor posição para encontrar o Senhor, pois muitas vezes a riqueza de Deus aparece na pobreza dos homens.

Jesus convida-nos a ter consciência das necessidades dos que nos rodeiam, a ser mais sensíveis ao nosso ambiente. Quando vivemos com Cristo, estamos menos preocupados com os nossos próprios problemas e, pelo contrário, tornamo-nos mais sensíveis às necessidades dos mais necessitados. Por isso S. Josemaria pôde escrever: «Os pobres – dizia aquele nosso amigo – são o meu melhor livro espiritual e o motivo principal das minhas orações. Dói-me a sua dor, e dói--me o sofrimento de Cristo neles. E, porque me dói, compreendo que O amo e que os amo^[2].

A TRANSCENDÊNCIA da parábola de Jesus sobre o rico e o pobre é explicitada na segunda parte. O Senhor diz-nos que, passado algum tempo, os dois protagonistas morrem. Mas enquanto o pobre Lázaro, acostumado a uma vida de fome e desconforto, é levado pelos anjos ao seio de Abraão, o rico desce ao inferno e sofre tormentos indescritíveis. Estranhamente, é apenas quando um abismo intransitável os separa que o homem rico olha finalmente para Lázaro. «Pai Abraão, tem compaixão de mim. Envia Lázaro, para que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nestas chamas» (Lc 16, 24), implora ele. Acostumado a uma vida cheia de prazeres, mesmo após a sua morte, ele continuou a ver os outros como meros instrumentos para satisfazer as suas próprias necessidades.

O comportamento frio do rico em relação aos outros acabou por determinar o seu destino eterno. Pela sua incapacidade de sentir misericórdia para com as necessidades do seu próximo, foi-lhe impossível abrir-se à misericórdia divina, o único caminho que conduz diretamente ao céu. «A parábola dá um aviso claro: a misericórdia de Deus para conosco está ligada à nossa misericórdia para com o nosso próximo; quando esta misericórdia falta, também aquela não pode encontrar espaço no nosso coração fechado, não pode entrar. Se eu não abrir bem a porta do meu coração aos pobres, essa porta permanece fechada. Também para Deus^[3]. Cada vez que experimentamos a misericórdia de Deus, lá no fundo surge um convite para zelar por aqueles que precisam da nossa compaixão. Na sua parábola, Jesus lembra-nos: só se transformarmos as nossas cidades em lugares mais compassivos construiremos os «caminhos divinos na terra^[4].

«A PREOCUPAÇÃO cristã pelos outros – recorda o prelado do Opus Dei – nasce precisamente da nossa união com Cristo e da nossa identificação com a missão a ele nos chamou^[5]. Na oração, vamos configurando os nossos afetos com os sentimentos de Jesus. Contemplando Jesus com atenção na simplicidade da Eucaristia ou sentindo a sua companhia no íntimo da nossa alma, chegaremos a compreender a grandeza escondida nas palavras de S. Paulo: «Porque vós conheceis a liberalidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico fez-se pobre por vós» (2Cor 8, 9). Também nós sentiremos a necessidade de largar as nossas pequenas riquezas para as partilhar com aqueles que mais precisam delas.

«Somos para a multidão: nunca estamos fechados, vivemos face à multidão, e temos nas nossas almas aquelas palavras de Jesus Cristo nosso Senhor: Tenho compaixão desta multidão, pois eles estão comigo há três dias e não têm nada que comer^[6]. Um cristão não é indiferente ao sofrimento do mundo. Pelo contrário, sabendo-se filho de Deus, ele sabe que é herdeiro do mundo, também das suas dificuldades. Por isso, podemos pedir a Jesus que nos dê um coração à sua medida, «para que possam entrar nele todas as necessidades, as dores e os sofrimentos dos homens e mulheres do nosso tempo, especialmente os dos mais débeis^[7].

Maria sempre se considerou pobre aos olhos de Deus e assim Ela foi capaz de perceber os sinais da sua obra em todos os momentos. Essa riqueza divina permitiu-Lhe estar consciente da pobreza dos que A rodeavam, ou seja, das suas necessidades. Podemos pedir-Lhe que nos ajude a ser mais sensíveis às pessoas que nos rodeiam, sabendo que também lá encontramos o céu.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 18/05/2016.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 827.

[3] Francisco, Audiência, 18/05/2016.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 314.

[5] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 01/11/2019, n. 10.

[6] S. Josemaria, Carta 24, n. 23.

[7] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 14/02/2017, n. 3.

Segunda-feira da XXVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XXVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a armadilha da soberba; admirar os dons dos outros; conhecer-se a si próprio

Sumário

- A armadilha da soberba.
- Admirar os dons dos outros.
- Conhecer-se a si próprio.

«QUEM ACOLHER em meu nome uma criança como esta acolhe-me a mim; e quem me acolher, acolhe aquele que me enviou», disse Jesus. E continuou: «Na verdade, quem for o mais pequeno entre vós esse é que será o maior» (Lc 9, 48). Estas palavras provavelmente causaram surpresa entre os seus discípulos que estavam ocupados numa discussão sobre quem seria o mais importante. Aparentemente não se tratava de uma conversa pontual sobre este tema, mas já durava algum tempo de certa forma às escondidas de Jesus. Por isso, o evangelista, antes de nos contar a resposta do Senhor, diz que Ele, quando o fez, «lhes conhecia os sentimentos íntimos» (Lc 9, 47). Subitamente, no meio de um diálogo de adultos que procuram a glória pessoal, a figura gráfica de uma criança permite-lhes contemplar com clareza aquilo que o Mestre esperava de cada um deles.

Os discípulos, no meio da sua acalorada discussão, talvez tenham perdido de vista Jesus. Ao contrário, uma criança sem nenhum tipo de pretensões conseguiu infiltrar-se entre a multidão e captar a atenção do Senhor. Nesta cena manifesta-se graficamente o poder da humildade: quando estamos sinceramente convencidos da nossa pequenez, então encontramos Deus nas coisas mais comuns. Pelo contrário, se nos deixarmos enredar pelos pensamentos que nos propõe o orgulho, acabamos por nos dar uma importância excessiva e fechamo-nos em labirintos sem

saída. A Sagrada Escritura mostra-nos que podem cair nesta armadilha inclusive aqueles que algum tempo depois serão os pilares da Igreja.

«Sem humildade nunca encontraremos Deus: só nos encontraremos a nós próprios. Porque uma pessoa sem humildade não tem horizontes diante de si, tem apenas um espelho: olha para si mesmo. Peçamos ao Senhor que quebre o espelho para que possamos ver mais além, para o horizonte, onde Ele está»^[1].

IMEDIATAMENTE depois de Jesus falar aos seus discípulos sobre a importância de se comportarem como crianças, João confessa com simplicidade: «Mestre, vimos um homem expulsar os demónios em teu nome e quisemos impedi-lo, porque ele não anda connosco» (Lc 9, 49). Parecia que os apóstolos consideravam a sua vocação como um privilégio que os situava acima de tudo, como algo que os separava dos outros. Trata-se, novamente, da tentação da soberba, que nos leva a acentuar os nossos próprios talentos, vendo-os como algo merecido, em vez de contemplar os próprios dons e os dos outros com agradecimento. Este caminho costuma conduzir rapidamente à inveja e turva o nosso olhar em relação às pessoas.

«Jesus respondeu-lhe: “Não lho proibais, pois quem não é contra vós é por vós”» (Lc 9,50). De imediato, o Senhor altera-lhes as coordenadas para os introduzir nas de Deus; para ele não há uma distinção entre amigos e inimigos, mas só o desejo de que todos participem com os seus próprios talentos na transmissão do Evangelho. Em vez de se deixar levar pela tendência a fechar-se, Cristo quer abrir-se sempre mais, para que todos possamos participar dos seus dons. «Um ponto-chave em que Deus e o homem se diferenciam é o orgulho: em Deus não há orgulho, porque Ele é toda a plenitude e está totalmente propenso para amar e dar vida; ao contrário, em nós, os homens, o orgulho está intimamente arreigado e exige vigilância e purificação constantes»^[2].

A verdadeira humildade ajuda-nos a abrir-nos a quem nos rodeia, a colocarmo-nos ao seu serviço e alegrarmo-nos com as suas alegrias; a humildade leva-nos a considerar qualquer dom de Deus – em especial uma vocação na Igreja, como pode ser a chamada ao Opus Dei – como um dom

destinado a enriquecer todos. «Dar-se sinceramente aos outros é de tal eficácia, que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria»^[3], afirma S. Josemaria. Por isso, se alguma vez surgir a tristeza ou nos dermos conta de que, tal como os apóstolos, perdemos de vista Jesus, um passo simples para recuperar a esperança pode ser perguntar-nos: A quem posso servir? Quem necessita hoje da minha ajuda e dos dons que Deus me deu?

A VIRTUDE da humildade leva-nos a conhecimento saudável e realista de nós próprios, a aceitarmo-nos com as nossas luzes e com as nossas sombras. Ser humilde significa ser consciente da nossa posição entre o céu e a terra, da realidade do pecado e da graça, do peso do passado e da esperança do futuro. Por isso, como ensinava S. Josemaria, a humildade permite-nos descobrir os aspetos positivos e negativos das nossas vidas, enchendo-nos de agradecimento e de desejos de melhorar: «A experiência da vossa debilidade e os fracassos que existem sempre em todo o esforço humano, dar-vos-ão mais realismo, mais humildade, mais compreensão com os outros. Os êxitos e as alegrias convidar-vos-ão a dar graças e a pensar que não viveis para vós mesmos, mas para o serviço dos outros e de Deus»^[4].

Como essa criança que, na sua simplicidade, rouba a atenção de Cristo, cada vez que procuramos o Senhor de maneira autêntica sentimos a alegria de quem se sente acolhido tal como é. Damo-nos conta de que a confiança de nos sabermos amados por Jesus é o melhor fundamento para mudar as nossas vidas: «Aprendeis de mim, porque sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29).

O cântico do *Magnificat* expressa com profundidade a alegria que nos oferece a humildade: «A minha alma glorifica o Senhor – diz Maria –, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas» (Lc 1, 45-49). Podemos pedir à nossa Mãe que nos alcance essa humildade para que Deus possa fazer as suas grandes obras nas nossas vidas.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 22/12/2021.

[2] Bento XVI, Angelus, 23/09/2012.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 591.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 49.

Terça-feira da XXVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a liberdade de Jesus para ir para o Calvário; as dificuldades no apostolado; ansiar por um coração manso.

Sumário

- A liberdade de Jesus para ir para o Calvário.
- As dificuldades no apostolado.
- Ansiar por um coração manso.

«APROXIMANDO-SE os dias de Jesus ser levado deste mundo, Ele tomou a decisão de Se dirigir a Jerusalém» (Lc 9, 51). O Senhor sabia que, ao empreender aquele trajeto, estava a começar a Sua subida ao Calvário; sendo Homem-Deus, sabia o destino que O aguardava, sem que isso Lhe tirasse a liberdade de quem estava prestes a matá-l'O. «Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo seguir o meu caminho, porque não é possível que um profeta morra fora de Jerusalém» (Lc 13, 33), dirá mais adiante. Desde a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe, poucos dias antes, tinha começado a preparar os Seus discípulos para esse resultado, revelando-lhes como morreria (cf. Lc 9, 22.44).

A determinação com que Jesus caminha para o Calvário é surpreendente. É uma atitude que deixa claro: «Jesus entregou-Se porque quis»^[1]. «Por isso o Pai Me ama: porque dou a minha vida, para poder retomá-la. Ninguém Ma tira, sou Eu que a dou espontaneamente. Tenho o poder de a dar e de a retomar: foi este o mandamento que recebi de meu Pai» (Jo 10, 17-18). É espantosa essa «liberdade que se revela diante de nós, na sua passagem pela Terra, até ao sacrifício da Cruz (...) Não houve na história da humanidade nenhum ato tão profundamente livre como a entrega do Senhor na Cruz: Ele “entrega-se à morte com a plena liberdade de Amor”^[2]»^[3].

O amor de Cristo é um amor que O leva à entrega total, sem reservas, sem medida. Se bastava uma única gota do Seu sangue «para salvar do pecado todo o mundo»^[4], porque permitiu que nós, homens, O fizéssemos derramar até a última gota? Do ponto de vista de Jesus, que Se entrega sempre sem cálculo, podemos vislumbrar uma resposta: permitiu que o fizessem derramar todo o Seu sangue porque não tinha mais. E continua a dar-no-lo gratuitamente todos os dias nos sacramentos, especialmente na Santa Missa.

JESUS, pouco depois de iniciar o longo caminho que o levaria ao Calvário, «mandou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram numa povoação de samaritanos, a fim de Lhe prepararem hospedagem. Mas aquela gente não O quis receber, porque ia a caminho de Jerusalém» (Lc 9, 52). Essa reação desagradável é compreensível se levarmos em conta que as relações entre judeus e samaritanos dificilmente se estabeleceram.

O Senhor, como fez com aqueles mensageiros, conta connosco para preparar o Seu encontro com tanta gente. Jesus deseja livremente associar-nos à Sua tarefa salvífica; quis que trabalhássemos lado a lado com Ele no Seu desejo de levar felicidade autêntica a muitas pessoas. É normal que, nesse esforço, encontremos dificuldades, como aconteceu com os discípulos naquela aldeia de samaritanos. Então podemos voltar-nos para Jesus para não cair no desânimo e desejar viver com a paciência de Deus. Essas situações lembram-nos que o nosso propósito é colaborar para que a Sua vontade seja feita, e que procuramos estender o Seu Reino, não outro imaginário.

Jesus, de facto, encorajou os Seus apóstolos a não caírem numa indignação que poderia ser um sinal de ainda não entrar plenamente na lógica divina. «Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu que os destrua?», perguntaram Tiago e João, «mas Jesus voltou-Se e repreendeu-os» (Lc 9, 54-55). Jesus quer que nos lembremos sempre, especialmente na nossa própria vida, que «quem faz entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. (...) Só nesta amizade experimentámos o que é belo e o que liberta»^[5].

CHAMA a atenção a maneira mansa que Jesus tem, durante a Sua Paixão, de nos oferecer a Sua amizade. O Senhor «não se impõe pelo domínio, mas mendigando um pouco de amor, ao mesmo tempo que nos mostra, em silêncio, as suas mãos chagadas»^[6]. E pede-nos que sigamos os Seus passos: «Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29). Além disso, quis acrescentar uma bênção a essa mansidão: «Felizes os mansos, porque possuirão a terra» (Mt 5, 5). A recompensa dos mansos é uma herança, ou seja, algo que não acontece imediatamente. A sua espera é serena, porque a sua esperança é certa: receberá a sua recompensa como quem recebe um presente imerecido.

Não é a de Jesus a mansidão covarde de quem abre mão de tudo por não ousar enfrentar as dificuldades. Nem é a mansidão do calculista astuto que espera que chegue a sua hora. Jesus é manso porque está livre do desejo de se impor, de dominar, de subjugar. Ele é manso porque o Seu amor O leva a respeitar a liberdade dos outros; não pretende possuir a pessoa, pelo contrário, porque «o amor que quer possuir, acaba sempre por se tornar perigoso: prende, sufoca, torna infeliz»^[7].

Deus ama e respeita a nossa liberdade, que é, afinal, um dom Seu. Com esta atitude também nos dá um exemplo de como respeitar a liberdade dos outros. E, ao mesmo tempo, com a Sua vida, Jesus mostra-nos o maior valor desse dom: doá-lo ao serviço das pessoas. Podemos pedir a Nossa Senhora que nos ajude a ter um coração como o do seu Filho: um coração manso, movido pela paixão e pela alegria de servir.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Via Sacra*, IX estação.

[2] *Ibid.*, X estação.

[3] Fernando Ocariz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 3.

[4] Hino *Adoro Te devoto*.

[5] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 179.

[7] Francisco, *Patris Corde*, n. 7.

Quarta-feira da XXVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma vida enamorada, não cómoda; Jesus chama todos; as surpresas de Deus.

Sumário

- Uma vida enamorada, não cómoda.
- Jesus chama todos.
- As surpresas de Deus.

SOBE JESUS a Jerusalém, onde O espera o Calvário. Por perto, um pouco assustados, iam os seus discípulos. Pelo caminho, várias pessoas sentem inquietação para segui-l'O. «Hei de seguir-te para onde quer que fores» (Lc 9, 57), diz-lhe o primeiro. Jesus, que conhece aquilo que é melhor para cada um em cada momento, acalma o ímpeto daquela pessoa: «As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça» (Lc 9, 58).

Jesus vivia assim, *com pouca bagagem*, sem mais coisas senão as imprescindíveis para a sua missão, entregue à vontade do seu Pai Deus. E quem quisesse ser seu discípulo estava convidado a esse mesmo estilo de vida. Segui-l'O era entusiasmante, enchia a alma de alegria, mas não era cómodo. S. Josemaria, recolhendo a sabedoria humana de tantos séculos, repetia que «o que é preciso para conseguir a felicidade, não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»^[1]. A aspiração mais profunda do ser humano é amar e ser amado. Por isso, os bens materiais não enchem o coração.

Levar uma vida temperada, gozando com liberdade dos bens criados, sem depender deles, ajuda-nos a dirigir todas essas realidades ao serviço de quem amamos. Não se trata de um simples exercício da vontade de rejeitar algo que nos atrai, mas de renovar o amor que move a nossa vida, de não

deixar que nada nos afaste d'Ele e ordenar tudo aquilo de que dispomos ao serviço da nossa missão como cristãos. Assim, cada esforço assumido livremente recordar-nos-á que não existe maior felicidade do que aquela que encontramos em Deus.

MAIS ADIANTE, é Jesus quem toma a iniciativa e diz a uma pessoa com a qual se encontra: «Segue-me» (Lc 9, 59). Não temos muitos mais dados sobre este homem. Também não sabemos porque é que o Senhor reparou nele. Mas sabemos com certeza que Deus «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tim 2, 4). Não existe nenhuma pessoa que se encontre fora do carinho de Deus: todos estamos chamados a vê-Lo um dia cara a cara no céu, fomos criados para tal. Como recorda o Concilio Vaticano II: «Todos os fiéis, cristãos, de qualquer condição ou estado, munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho»^[2].

A santidade não está reservada apenas a pessoas com qualidades especiais. «Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra»^[3]. É precisamente nos «pequenos deveres» nos quais S. Josemaria dizia que se encontrava a santidade "grande"^[4]; ou seja, em realizar essas atividades perto de Jesus, em nos assemelharmos cada vez a Ele. «Ao elevar a Deus todas essas ocupações, a criatura diviniza o mundo. Tenho falado tantas vezes do mito do rei Midas que convertia em ouro tudo aquilo em que tocava! Podemos converter em ouro de méritos sobrenaturais tudo o que tocamos, apesar dos nossos erros pessoais»^[5]. É verdade que, neste caminho, podemos encontrar-nos com a experiência da nossa debilidade; mas, assim, aprenderemos uma e outra vez que para a santidade é preciso humildade e esperança: porque é Jesus quem habita em nós e nos leva pela mão.

JESUS supera sempre as nossas expectativas. Quando os Apóstolos decidiram segui-lo, provavelmente não estavam nada conscientes daquilo que iam viver. Talvez esperassem absorver os seus ensinamentos para poder

transmiti-los a outras pessoas depois; mas é pouco provável que se imaginassem eles próprios a fazer milagres ou a difundir a alegria do cristianismo por todos os cantos do mundo. «Deus guarda o melhor para nós. Mas pede que nos deixemos surpreender pelo seu amor, que acolhamos as suas surpresas»^[6].

Em contraste com a alegria dos Apóstolos, no Evangelho também encontramos pessoas que, depois de terem conhecido Jesus, se afastam desiludidas. Foi o que aconteceu, por exemplo, com aqueles que não aceitaram que para salvar-se teriam de comer a carne e beber o sangue do filho de Deus: «A partir daí, muitos discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele» (Jo 6, 66), diz-nos S. João. Algo de semelhante também sucedeu com os que acreditaram que o Messias os libertaria do domínio romano. O que parecem ter em comum estas pessoas é que quiseram reduzir o poder de Cristo aos seus próprios esquemas. E este é um perigo sempre presente: quando, em vez de nos deixarmos surpreender pelas situações que Deus coloca diante dos nossos olhos, preferimos apegar-nos às nossas expectativas ou ao que julgamos conhecer bem. Então corremos o risco de nos fecharmos às surpresas – mais ou menos pequenas – que Deus nos tem reservadas.

Seguramente a Virgem Maria também não imaginava tudo o que sucederia depois do anúncio do Anjo. No entanto, soube abrir-se com fé aos planos que Deus tinha para Ela. Podemos pedir-lhe para nos deixarmos sempre surpreender pelo amor do seu Filho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 795.

[2] *Lumen gentium*, n. 11.

[3] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 14.

[4] cf. S. Josemaria, *Caminho*, n. 817.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 308.

[6] Francisco, Homilia, 24/07/2013.

Quinta-feira da XXVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: amor pela messe; apóstolos no quotidiano; transmitir a proximidade de Deus.

Sumário

- Amor pela messe.
- Apóstolos no quotidiano.
- Transmitir a proximidade de Deus.

O SENHOR quis que os discípulos participassem do Seu desejo ardente de levar o Evangelho a todas as criaturas. Por isso, nalguns momentos do Seu ministério, enviou-os «dois a dois à Sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir» (Lc 10, 1), para que preparassem o caminho para a Sua vinda. Algo semelhante acontece também hoje com cada um dos cristãos, para que nos sintamos como aqueles setenta e dois que o Senhor enviou. Saber que somos enviados por Deus ajudar-nos-á a crescer na abertura do coração, sabendo que o Evangelho é sempre um chamamento missionário e universal. Podemos dizer com um dos antigos Padres: «Cristão é meu nome, católico meu apelido»^[1]. A Igreja é católica porque tem um coração aberto a todas as pessoas, e isso também se reflete no nosso diálogo com Deus: «a nossa oração não deve limitar-se apenas às nossas carências, às nossas necessidades: uma oração é verdadeiramente cristã se tiver também uma dimensão universal»^[2].

Ao mesmo tempo, Jesus queria que estes discípulos partilhassem a Sua preocupação pela necessidade de os operários trabalharem no campo do mundo, para colherem os frutos da sua obra de salvação. «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara» (Lc 10, 2). Este é um convite que se pode estranhar no primeiro momento. «Porque deveríamos nós – que somos apenas trabalhadores – implorar ao dono da messe que envie mais

trabalhadores? Que diferença faz que a colheita se perca se, de qualquer forma, continuarmos a receber o mesmo salário?».

Jesus quer que os discípulos tenham amor pela terra. Isto é, que não se limitem apenas a prestar contas, mas que considerem a terra do mundo como algo seu, que lhes pertence. Em última análise, o Senhor quer que partilhemos os desejos mais profundos do Seu coração, sentindo-nos participantes daquela sede de almas que O fazia exclamar: «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!» (Lc 12, 49). Cristo tem «sede de nós, do nosso amor, das nossas almas e de todas as almas que lhe devemos levar, pelo caminho da Cruz, que é o caminho da imortalidade e da glória do Céu»^[3].

NAS INSTRUÇÕES que Jesus dá aos setenta e dois (cf. Lc 10, 2-12) encontramos também as orientações da nossa missão de cristãos no meio do mundo. «Cristo não se limita a enviar: Ele oferece também aos missionários regras de comportamento claras e específicas. Em primeiro lugar, envia-os “dois a dois”, para que se ajudem mutuamente e deem testemunho de amor fraternal. Adverte-os que serão “com cordeiros no meio de lobos”: ou seja, deverão ser pacíficos apesar de tudo e transmitir uma mensagem de paz em todas as situações; não levarão consigo roupas, nem dinheiro, vivendo daquilo que a Providência lhes oferecer; cuidarão dos enfermos, como sinal da misericórdia de Deus; onde forem rejeitados, ir-se-ão, limitando-se a alertar acerca da responsabilidade da recusa ao Reino de Deus»^[4].

Os primeiros cristãos souberam encarnar estas instruções do Senhor. Viviam entre si uma caridade que despertou a admiração dos seus contemporâneos^[5]. Também souberam transmitir a paz no meio das perseguições e dos reveses, porque sabiam que os seus nomes estariam escritos no céu (cf. Lc 10, 20). Além disso, fizeram questão de que a nenhum dos irmãos faltasse o que necessitavam, colocando à sua disposição os seus próprios bens (cf. At 2, 45).

Por isso, S. Josemaria centrou-se nos primeiros cristãos quando falou de santidade no meio da vida corrente, porque sabiam testemunhar Cristo ressuscitado através das suas atividades quotidianas. «Faz a tua vida normal

– comentava o fundador do Opus Dei –; trabalha onde estás, procurando cumprir os deveres do teu estado, acabar bem as tarefas da tua profissão ou do teu ofício, superando-te, melhorando dia a dia. Sê leal, compreensivo com os outros e exigente contigo mesmo. Sê mortificado e alegre. Esse será o teu apostolado. E sem saberes porquê, tendo perfeita consciência das tuas misérias, os que te rodeiam virão ter contigo e, numa conversa natural, simples – à saída do trabalho, numa reunião familiar, no autocarro, ao dar um passeio, em qualquer parte –, falareis de inquietações que em todas as almas existem, embora às vezes alguns não queiram dar por isso. Mas cada vez as perceberão melhor, desde que comecem a procurar Deus a sério»^[6].

A MENSAGEM que os discípulos são chamados a levar é, sobretudo, uma mensagem de proximidade: «O Reino de Deus está próximo» (Lc 10, 9). À primeira vista, parece que este anúncio, que ressoa também noutras partes do Evangelho, é apenas uma ameaçadora exortação à conversão, dada a iminência do juízo final. Contudo, nestas palavras ressoa sobretudo a ternura de Deus, que literalmente se aproximou de cada um de nós com a Encarnação do Seu Filho. «Se o Deus dos Céus está próximo, não estamos sozinhos na terra e não perdemos a confiança nem sequer no meio das dificuldades. Eis a primeira coisa a dizer às pessoas: Deus não está distante, é Pai. (...) quer dar-te a mão, até quando percorres caminhos íngremes e acidentados, até quando caís e tens dificuldade em levantar-te e retomar o caminho; Ele, o Senhor, está aí, contigo. Aliás, muitas vezes, nos momentos em que te sentes mais frágil, podes sentir a sua presença mais forte»^[7].

Esta é a atitude que Jesus quer transmitir aos seus discípulos: aproximar-se dos outros e derramar neles a ternura e a proximidade de Deus. E não só com aqueles que acolhem com entusiasmo o anúncio do Evangelho, mas também com os seus perseguidores: «Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu» (Mt 5, 44-45). Como escreveu S. Josemaria: «Pequeno amor é o teu se não sentes zelo pela salvação de todas as almas. Pobre amor é o teu se não tens ânsias de pegar a tua loucura a outros apóstolos»^[8]. Podemos pedir à Virgem Maria, rainha dos apóstolos, que partilhemos o desejo do seu Filho, «que quer que todos

os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2, 4).

NOTAS

- [1] S. Paciano, *Epístola*, 1,4.
- [2] Francisco, Angelus, 07/07/2019
- [3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 202.
- [4] Bento XVI, Angelus, 08/07/2007.
- [5] cf. Tertuliano, *Apologético* 39, 7 (CCL 1, 151).
- [6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 273.
- [7] Francisco, Angelus, 18/06/2023.
- [8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 796.

Sexta-feira da XXVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a conversão a que nos chama Jesus; voltar sempre para Deus; pedir que a fé aumente.

Sumário

- A conversão a que nos chama Jesus.
- Voltar sempre para Deus.
- Pedir que a fé aumente.

JESUS, precisamente porque nos conhece profundamente, nunca anuncia um Evangelho complacente. Quer-nos felizes e, por isso, em muitas passagens, mostra-se exigente: «Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidónia se tivessem realizado os milagres que em vós se realizaram, há muito tempo teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e sentando-se sobre a cinza. Assim, no dia do Juízo, haverá mais tolerância para Tiro e Sidónia do que para vós. E tu, Cafarnaum, serás elevada até ao céu? Até ao inferno é que descerás» (Lc 10, 13-15).

O Senhor pronuncia aquelas palavras duras porque estas cidades não quiseram reconhecer o verdadeiro sentido das maravilhas que Deus fez nelas. Ainda que tenham presenciado milagres, não acolheram a salvação oferecida por Cristo, quer dizer, não pediram perdão pelos seus pecados nem responderam à chamada para fazer penitência. «A penitência interior – recorda o Catecismo – é uma mudança radical de toda a vida, um retorno, uma conversão a Deus com todo o nosso coração, uma rutura com o pecado, uma aversão ao mal, com repugnância perante as más ações que cometemos. Ao mesmo tempo, compreende o desejo e a resolução de mudar de vida com a esperança na misericórdia divina e a confiança na ajuda da sua graça»^[1].

Essa conversão a que Jesus nos chama não consiste na ausência de erros. Trata-se, antes, de uma luta constante, com humildade e com bom humor. Como recorda S. Josemaria: «Sei que, ao falar de combater, põe-se-nos por diante a nossa debilidade e prevemos as quedas e os erros. Deus conta com isso. É inevitável que, caminhando, levantemos pó. Somos criaturas e estamos cheios de defeitos. Eu diria que tem de os haver sempre: são a sombra que, na nossa alma, consegue que se destaquem mais, por contraste, a graça de Deus e o nosso desejo de corresponder ao favor divino. E esse claro/escuro tornar-nos-á humanos, humildes, compreensivos e generosos»^[2].

EM MUITAS ocasiões, Jesus mostra a sua surpresa perante a incredulidade dos apóstolos. «Porque vos assustais, homens de pouca fé?» (Mt 8, 26), pergunta-lhes quando temem que a barca seja levada pela tormenta com Ele a bordo. «Homens de pouca fé. Porque pensais convosco que não tendes pães? Ainda não entendeis?» (Mt 16, 8-9) diz-lhe noutro momento, depois de terem colaborado com Ele em duas multiplicações de pães e de peixes. E a Pedro, quando vacila depois de ter caminhado sobre as águas, diz: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?» (Mt 14, 31)

A vida dos discípulos, como a de todas as pessoas, está composta de luzes e sombras, de subidas e descidas. Temos momentos em que vemos claramente a ação de Deus e, então, experimentamos entusiasmo e impulso; sentimo-nos no lugar certo, capazes de qualquer coisa, porque notamos especialmente a proximidade de Jesus. Contudo, também pode haver tempestades que nos fazem esquecer que temos o Senhor na nossa barca ou sopra tanto vento que nos afundamos porque nos esquecemos que é a força de Deus que nos sustenta.

São precisamente essas circunstâncias que nos ajudam a ser humildes, a reconhecer que todo o bem que temos foi recebido do nosso Pai Deus. Recordam-nos a necessidade que temos de recorrer sempre ao Senhor para experimentar o seu amor, pois Ele «não procura cristãos que nunca duvidem e sempre apregoem uma fé segura»^[3]; Ele premeia a humildade. Jesus não se cansa de nós: «Ele sempre volta: quando se fecham as portas, volta;

quando duvidamos, volta; quando, como Tomé, necessitamos de O encontrar e tocar mais de perto, volta»^[4].

JESUS comove-se quando encontra uma fé viva. Isso vê-se quando a hemorroíssa se aproxima no meio da multidão para lhe tocar o manto com a esperança segura de que será curada: «A tua fé te salvou» (Mt 9, 22). Quando a cananeia pede a cura da sua filha, encontra-se, num primeiro momento, com a negativa do Senhor; mas, depois de tanta insistência, Jesus exclama: «Mulher que grande é a tua fé! Seja-te feito como queres» (Mt 15, 28). E quando o centurião lhe diz que basta a Sua palavra para que o criado fique curado, Jesus admirou-Se e disse aos que O seguiam: «Em verdade vos digo: não encontrei ninguém com tanta fé, em Israel» (Mt 8, 10).

A fé sempre tem algo de arriscado e de salto porque em todo o tempo implica «assumir a opção de que o invisível é mais real do que o visível»^[5]. Jesus emociona-se ao ver essas pessoas precisamente porque deram esse “salto”. Deixaram de lado as suas próprias seguranças e lançaram-se na segurança que Deus lhe oferece. No princípio supunha um “risco” porque tinham de se enfrentar com muitas dificuldades: a multidão que impedia de chegar até Ele, as negativas do próprio Jesus, o facto de não pertencer ao povo judeu... Mas enfrentaram-nas com uma ousadia que conquistou o coração do Senhor.

Dentre todos os exemplos de fé das Escrituras, nenhum comoveu tanto Deus como o da Virgem. Essa fé fez que Santa Isabel exclamasse: «Bem-aventurada tu que acreditaste, porque se cumprirão as coisas que te disseram da parte do Senhor» (Lc 1, 45). Podemos pedir como S. Josemaria: «Dá-me, ó Jesus, essa fé que de verdade desejo! Mãe minha e Senhora minha, Maria Santíssima, faz com que eu creia»^[6].

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1431.

[2] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 76.

[3] Francisco, Regina cœli, 24/04/2022.

[4] *Ibid.*

[5] Joseph Ratzinger, *Introdução ao cristianismo*, p. 51 (cf. 1ª edição da Principia, Cascais 2005)

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 235.

Sábado da XXVI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXVI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a alegria dos setenta e dois; somos portadores dessa alegria; um fruto do Espírito Santo.

Sumário

- A alegria dos setenta e dois.
- Somos portadores dessa alegria.
- Um fruto do Espírito Santo.

O REGRESSO dos setenta e dois discípulos após a missão para a qual foram enviados ocorre em clima de entusiasmo. S. Lucas diz-nos: «os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: “Senhor, até os demónios nos obedeciam em teu nome”» (Lc 10, 17). Os discípulos estavam cheios de admiração pelo que tinham experimentado e profundamente agradecidos a Jesus. Tinham sido escolhidos para a audaciosa tarefa de anunciar o novo reino, que chegava não só com palavras e discursos, mas também com ações concretas que, apontando sempre para Cristo, mudavam a vida das pessoas.

A alegria é, de facto, um tema recorrente no Evangelho de S. Lucas, presente do início ao fim: o anjo promete alegria a Zacarias no Templo ao anunciar o nascimento do Batista (1, 14); depois, está presente no diálogo com os pastores perto da manjedoura (2, 10) e faz pular de alegria S. João bebé no ventre da sua mãe Isabel (1, 44). A alegria no céu também é grande quando um pecador se converte (15, 7-10), ou sabemos que o coração dos discípulos se ilumina de alegria ao ver Jesus ressuscitado (24, 41-52). É como se o evangelista quisesse lembrar-nos que o encontro autêntico com Deus vem sempre acompanhado por esta alegria do coração.

No entanto, também somos frequentemente confrontados com a tentação da tristeza ou do desânimo. Então, com confiança renovada,

podemos entrar no silêncio da oração e, juntamente com toda a Igreja que nos acompanha, aproximar-nos da fonte da alegria. Esta não se encontra nas circunstâncias, nem na saúde, nem no sucesso, nem nos bens que possuímos; o essencial para ter uma vida feliz, pelo contrário, está no nosso interior, na presença de Deus na nossa alma. Mais concretamente, S. Josemaria recorda-nos que a alegria autêntica «não é aquela a que poderíamos chamar fisiológica, de animal sadio, mas uma outra, sobrenatural, que procede de abandonar tudo e de te abandonares a ti mesmo nos braços carinhosos do nosso Pai-Deus»^[1]. É por isso que a alegria é compatível com as dificuldades e está disponível para todos, a qualquer momento.

OS EVANGELHOS dizem-nos que para Jesus era muito importante que os Seus seguidores fossem realmente felizes: «Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa» (Jo 15, 11). Portanto, a reação do Senhor à alegria dos discípulos é igualmente jubilosa e suscita algumas palavras misteriosas: «Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. Dei-vos o poder de pisar serpentes e escorpiões e dominar toda a força do inimigo; nada poderá causar-vos dano. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos no Céu» (Lc 10, 18-20).

Vendo a alegria dos setenta e dois discípulos e o seu espanto ao expulsar os demónios, o Senhor assegura-lhes que veio justamente para derrotar o reino de Satanás, cujo fracasso é representado pela queda de um raio. Jesus lembra-nos que a alegria profunda nasce de saber que os poderes que nos impediam de viver junto a Deus foram derrotados; nasce do anúncio de que o Messias veio ao mundo para que os nossos pecados sejam perdoados definitivamente. «A misericórdia de Deus *dá alegria*, uma alegria especial, a alegria de se sentir gratuitamente perdoado»^[2].

«Portanto, o crente não se assusta diante de nada, porque sabe que está nas mãos de Deus, sabe que o mal e a irritação não têm a última palavra, mas o único Senhor do mundo e da vida é Cristo, o Verbo de Deus encarnado, que nos amou até se sacrificar a si mesmo, morrendo na cruz para a nossa salvação»^[3]. Experimentar o perdão de Deus, recuperar

repetidamente a nossa verdadeira identidade de filhos queridíssimos, tornamos portadores de uma notícia que queremos espalhar aos quatro ventos. Assim como com aqueles setenta e dois discípulos, Deus conta com a nossa vida alegre «para dissipar o medo daqueles que, por uma razão ou por outra, duvidam da força de Jesus para vencer a morte e o mal»^[4].

DEPOIS de anunciar a derrota dos poderes do mal, Jesus «exultou de alegria pela ação do Espírito Santo» (Lc 10, 21) e começou a louvar a Deus por tudo o que fez por meio dos discípulos. É o Paráclito que nos permite vencer o mal, nos transforma em filhos de Deus e nos introduz no amor do Pai. «S. Paulo afirma várias vezes que “o fruto do Espírito é alegria” (Gl 5, 22) (...). É claro que o Apóstolo fala de alegria verdadeira, aquela que enche o coração humano, não de uma alegria superficial e transitória, como muitas vezes é a alegria mundana. Não é difícil, mesmo para um observador que se move apenas na linha da psicologia e da experiência, descobrir que a degradação no campo do prazer e do amor é proporcional ao vazio deixado no homem pelas alegrias que enganam e dececionam»^[5].

Deus criou este mundo bom, cheio de alegrias que são como sinais que nos conduzem a Ele, principalmente na convivência com outras pessoas. Aprender a desfrutar dessas alegrias autênticas, de filhos de Deus pode ajudar-nos a desvendar aquelas outras que procuram enganar-nos. «A alegria é um bem cristão – escreve S. Josemaria –. Só desaparece com a ofensa a Deus, porque o pecado é fruto do egoísmo e o egoísmo é a causa da tristeza. Mesmo então, essa alegria permanece no fundo da alma, pois sabemos que Deus e a Sua Mãe nunca se esquecem dos homens»^[6]. Ela, a causa da nossa alegria, nos lembrará que a verdadeira felicidade nesta vida só pode ser encontrada em Deus e, quando estamos com Ele, em todas as coisas.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 659.

[2] Francisco, Homilia, 24/04/2022.

[3] Bento XVI, Angelus, 22/06/2008.

[4] Fernando Ocáriz, Homilia, 20/04/2019.

[5] S. João Paulo II, Audiência Geral, 19/06/1991.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 178.

XXVII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXVII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: uma vinha que não dá fruto; os cuidados do vinhateiro; Cristo, pedra angular da vinha.*

Sumário

- Uma vinha que não dá fruto.
- Os cuidados do vinhateiro.
- Cristo, pedra angular da vinha.

EM CERTA OCASIÃO, o profeta Isaías entoou um cântico em que descrevia os cuidados que um amigo dispensava à sua vinha (cf. Is 5, 1-7). Situada num terreno fértil, o dono excedeu-se em desvelos para garantir uma vindima estupenda: limpou o terreno de pedras, cercou-o, cavando mesmo uma vala, e ergueu uma torre para vigiar a sua vinha dia e noite. Por fim, deu-se ao trabalho de construir o lagar, onde pisar as uvas assim que fossem colhidas. Feito tudo isto, esperou. Depois de tantos esforços, compreende-se a decepção do dono da vinha quando, em vez de encontrar as deliciosas uvas que esperava, descobriu que dava uns frutos amargos, de sabor desagradável. «Que mais podia fazer à minha vinha que não o tenha feito?» (Is 5, 4), pergunta-se ele. O problema não está na terra, nem na cepa, nem no agricultor, nem nas condições exteriores: a videira é a única responsável.

Tradicionalmente, esta vinha é vista como uma imagem da casa de Israel que não deu os frutos que o Senhor esperava, apesar dos seus cuidados. Contudo, também pode ser cada um de nós, quando não somos conscientes das graças que Deus nos concedeu. A contrição leva-nos precisamente a descobrir a atenção que o Senhor nos dedica e a dor que os nossos pecados Lhe causam. Não se trata de um sentimento de orgulho ferido, mas «choramos porque não correspondemos ao Senhor, que nos ama

tanto, e entristecemos-nos ao pensar no bem que não praticamos. É este o significado do pecado: ofendi aquele que amo!»^[1].

Essas lágrimas, se nascem do amor, ajudar-nos-ão a recomeçar com alegria. «Se alguma vez fizeres uma birra – dizia S. Josemaria –, porque não és o que devias ser, e a sós – não dês espetáculo – te salta uma lágrima como um punho, lembra-te daqueles versos, que são bastante maus, mas que a mim me consolam: “A minha vida é toda de amor / e se em amor perito sou / é por força da dor, pois não há amante melhor / que aquele que muito chorou”. Tu e eu a chorar muito, a sós, na presença de Deus, porque não somos o que gostaríamos de ser para o amor de Deus»^[2].

O SALMO deste domingo pede ao Senhor que a recordação dos seus desvelos com a sua vinha não O leve a rejeitá-la, mas a cuidar dela ainda mais, a restaurá-la, a não a deixar nas mãos dos seus inimigos: «Arrancastes uma videira do Egito, expulsastes as nações para a transplantar. Estendia até ao mar as suas vergôntes e até ao rio os seus rebentos. (...) Deus dos exércitos, vinde de novo: olhai dos céus e vede, visitai esta vinha. Protegeei a cepa que a vossa mão direita plantou, o rebento que fortaleceste para Vós» (Sl 79, 9.12-16).

Às vezes podemos imaginar Deus de uma forma humana, onde a paciência tem um limite. Estamos certos de que Ele nos ama, mas cremos que, se não correspondermos, mais cedo ou mais tarde, Ele desanimará e deixará de nos prestar os cuidados necessários. Nada mais longe da realidade. O Senhor «jamais Se cansa de perdoar, mas nós, por vezes, cansamo-nos de pedir perdão»^[3]. Um vinhateiro não cuida do seu terreno porque *o merece*, mas porque precisa dos seus desvelos. Do mesmo modo, a misericórdia de Deus não se derrama sobre os que *a ganharam*, mas é para quem mais necessita dela.

«Se te sentires em baixo – escrevia o fundador do Opus Dei –, ao experimentar – talvez de forma particularmente viva – a tua própria miséria, é o momento de te abandonares completamente, com docilidade, nas mãos de Deus»^[4]. Então podemos recordar, como o salmista, todos os cuidados recebidos do Senhor. Ou seja, recordar na oração todos aqueles episódios da

nossa vida em que sentimos de forma especial a sua proximidade, a felicidade de estar junto d'Ele. Deste modo, desenvolveremos o convencimento de que Aquele que começou em nós a obra boa «a levará a cabo até ao dia de Cristo Jesus» (Fil 1, 6).

NO EVANGELHO Jesus fala de outra vinha em que o proprietário teve os mesmos desvelos que na de Isaías. Nesta ocasião, porém, deu frutos e não pode deixar de dá-los (cf. Mt 21, 33-34.43). Se a primeira vinha era a casa de Israel, a vinha restaurada é o novo Israel, a Igreja, o corpo de Cristo inseparável da sua cabeça. Jesus é a nova videira plantada na vinha de seu Pai, a pedra angular que nos garante que Deus jamais rejeitará a sua vinha (cf. Mt 21, 42). E nós sabemos que daremos sempre fruto se estivermos unidos a Ele (cf. Jo 15, 1-8).

A vinha do Senhor não está numa estufa, mas está plantada no meio do mundo. Por isso, não está isenta de dificuldades. Em concreto, Jesus descreve que aqueles a quem se confiara o seu cuidado decidiram apropriar-se do terreno, o que acabaria por provocar a ira do proprietário: «Matará sem piedade esses malvados e arrendará a sua vinha a outros vinhateiros que lhe entreguem os frutos a seu tempo» (Mt 21, 41). Aqueles homens tinham-se esquecido de que a vinha não era deles, mas do proprietário: foi ele quem a plantou e preparou tudo o que era necessário para que desse fruto.

Deus confiou-nos também uma parte da sua vinha. Ou seja, pessoas que podemos ajudar a *dar fruto* através da oração, do afeto e do nosso exemplo. O melhor que podemos fazer por elas é que se enamorem de Jesus e que Ele seja a pedra angular das suas vidas. «É de Cristo que devemos falar e não de nós próprios»^[5], repetia S. Josemaria. E noutra ocasião acrescentava: «Estar com Cristo é estar seguro. Poder olhar para si mesmo em Cristo é poder ser cada dia melhor. Intimar com Cristo é necessariamente amar Cristo. E amar Cristo é garantir a felicidade»^[6]. Nesta nova vinha do Senhor, temos uma vinhateira versada, que é a Virgem Maria. Podemos pedir-lhe que nos sustenha sempre na esperança de dar frutos abundantes, mantendo-nos unidos ao seu Filho, pelo amor, e com a fé segura de que Ele nunca nos abandona.

NOTAS

- [1] Francisco, Audiência, 12/02/2020.
- [2] S. Josemaria, Tertúlia, 04/03/1975, citado em *Caminho*, ed. Histórico-crítica, comentário ao n. 436.
- [3] Francisco, Angelus, 17/03/2013.
- [4] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 25.
- [5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 163.
- [6] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 70.

Segunda-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no segunda-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a Caridade abre-nos os olhos; Jesus e os Samaritanos; amar com obras.

Sumário

- A Caridade abre-nos os olhos.
- Jesus e os Samaritanos.
- Amar com obras.

EM CERTA OCASIÃO, um doutor da lei faz a Jesus uma pergunta sobre a relação entre a vida eterna e o amor a Deus e ao próximo. Sabe bem que a Lei de Moisés ordena este último, mas havia uma discussão sobre quem merecia ser considerado como "próximo", e se essa distinção coincidia com a pertença ao povo escolhido. Jesus aproveita este diálogo para falar de um amor que não conhece distinções, e fá-lo através da parábola do Bom Samaritano.

A história começa com um homem que, ao descer de Jerusalém para Jericó, cai nas mãos de assaltantes que o deixam meio morto. Quando um sacerdote e um levita o encontram pelo caminho, passam sem parar, talvez para não se contaminarem com o seu sangue. Antepõem essa norma, ligada ao culto, ao grande Mandamento de Deus, que prefere a misericórdia ao sacrifício (cf. Mt 9, 13).

Pode dar a impressão de que, no interior daquele sacerdote ou daquele levita, essa norma e os cuidados lógicos para com uma pessoa ferida eram incompatíveis entre si. Talvez pensassem: “Ou escolho cuidar do culto a Deus ou me ocupo desta pessoa”. Mas quando deixamos que o amor a Deus e aos outros dê forma a toda a nossa vida, esses dilemas desaparecem: «A caridade, de facto, esvazia-nos do nosso egoísmo, abate as barreiras do nosso isolamento, faz-nos abrir os olhos e leva-nos a descobrir o próximo

naqueles que estão junto de nós, naqueles que estão longe de nós e em toda a humanidade»^[1]. Em suma, faz-nos ver que cuidando precisamente daquela pessoa prestamos culto a Deus: «Se eu não me aproximo daquele homem, daquela mulher, daquela criança, daquele idoso ou daquela idosa que sofre, não me aproximo de Deus»^[2].

JESUS convida o doutor da lei a sair dos seus esquemas e apresenta um samaritano como o herói da parábola. Os samaritanos eram um grupo fora da religião oficial, longe da pureza que rodeava o povo escolhido, especialmente dos que prestavam culto no templo. Os atos com os quais o samaritano entra em cena são os mesmos dos outros dois viajantes: ele passa pela estrada e vê o homem gravemente ferido. Mas a sua reação é totalmente diferente: «Comoveu-se profundamente» (Lc 25, 33) e sentiu «um relâmpago de compaixão que lhe tocou a alma»^[3].

Talvez os ouvintes da parábola se tenham surpreendido ao ouvir que um samaritano é que se compadeceu, talvez achassem que podiam prever como cada um iria atuar naquela situação. Mas Jesus quer mostrar que não devemos reduzir a realidade aos nossos próprios modelos, nem encaixar neles as pessoas. De facto, o Evangelho apresenta-nos pelo menos duas interações de Cristo com os samaritanos: um leproso que é modelo de agradecimento a Deus (cf. Lc 17, 11-19), e uma mulher que, ao encontrar-se com a água viva de Jesus, se transforma em apóstola (cf. Jo 4, 7-30).

Quando olhamos para os outros sem preconceitos, aprendemos a amá-los como são, além de nos enriquecermos com as suas qualidades. Imitamos assim o amor de Cristo, que olha sempre para todo o bem de que somos capazes. Como S. Josemaria diz: «A fé, a magnitude do dom do amor de Deus, fez desvalorizar todas as diferenças e barreiras, até desaparecerem: já não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus' (Gl 3, 28). Esse saber-se e amar-se de facto como irmãos, para além das diferenças de raça, de condição social, de cultura ou de ideologia é essencial no cristianismo»^[4].

A REAÇÃO do Samaritano neste relato não se ficou apenas num bom sentimento de compaixão. Pelo contrário, meteu mãos à obra: «Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas, deu-as ao estalajadeiro e disse: ‘Trata bem dele; e o que gastares a mais eu to pagarei quando voltar’» (Lc 10, 34-35).

O samaritano mostra-nos que o amor se manifesta no concreto, em grandes e pequenos gestos. Através deles, expressamos a nossa vontade de ajudar nas necessidades dos outros e de tornar amável a vida das pessoas à nossa volta. S. Josemaria convidava-nos a concretizar o nosso amor, para que não fique só em palavras, mas se faça vida e se torne evidente nas obras: «Contam de uma alma que ao dizer ao Senhor na oração: “Jesus, amo-Te”, ouviu esta resposta do Céu: "Obras é que são amores, e não boas palavras". Pensa se porventura não merecerás tu também esta carinhosa censura»^[5].

Quando a parábola termina, Jesus faz uma pergunta ao doutor da lei: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» Respondeu: «O que teve compaixão dele» (Lc 10, 36-37). Podemos pedir a Maria que torne os nossos corações mais sensíveis, e nos dê a prontidão para pormos mãos à obra: só então seremos verdadeiramente "próximos".

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Mensagem para a Quaresma, 1986.

[2] Francisco, Audiência geral, 27/04/2016.

[3] Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, Vol. 1, p. 238.

[4] S. Josemaria, “*As riquezas da fé*”, 02/11/1969.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 933.

Terça-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: procurar Cristo “entre as panelas”; Marta: quando estamos sobrecarregados; Maria: uma palavra que enforma a vida.

Sumário

- Procurar Cristo “entre as panelas”.
- Marta: quando estamos sobrecarregados.
- Maria: uma palavra que enforma a vida.

POR VEZES, o episódio de Jesus em Betânia (cf. Lc 10, 38-42) foi visto como um dilema entre duas formas de viver a fé: ou se é como Marta, dedicada às atividades do mundo, ou como Maria, centrada nas coisas de Deus. Contudo, também podemos considerar que ambas as atitudes são necessárias e complementares: não é necessário abandonar as ocupações comuns para estar sempre com o Senhor. Josemaria, fazendo eco dos ensinamentos dos santos que abraçaram a vida religiosa, escreveu: «É preciso procurar Jesus Cristo na vida quotidiana – também entre as panelas, como dizia a Madre Teresa [de Ávila] – na vida quotidiana. (...) Deus está ali, entre os livros, entre o material de laboratório, no trabalho de investigação ou de ensino; e está igualmente na cozinha ou entre os instrumentos de limpeza ou na tábua de passar a ferro»^[1].

Quando Marta se lamenta diante do Senhor porque a irmã não a ajuda no serviço da casa, Jesus responde: «andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada» (Lc 10, 41-42). Cristo não convida Marta a ignorar as suas ocupações. Caso contrário, como é que Ele e os apóstolos poderiam comer e recuperar as forças? O Mestre quer que Marta, enquanto anfitriã, não esqueça “a melhor parte”, a única que é “necessária”: dar glória a Deus e servir os outros através do seu trabalho bem feito. Desta forma, como

escreveu o fundador do Opus Dei, «chega um momento em que nos é impossível distinguir onde termina a oração e onde começa o trabalho, porque o nosso trabalho é também oração, contemplação, uma verdadeira vida mística de união com Deus»^[2].

CERTAMENTE em mais de uma ocasião nos encontramos como Marta. Durante um período de tempo – curto ou longo – podemos ter a impressão de que não alcançamos tudo o que nos propusemos. Podemos ter uma família para cuidar, obrigações de trabalho e mais de um imprevisto que inevitavelmente surge todos os dias e que exige tempo extra e atenção especial: uma doença nossa ou de uma pessoa próxima, uma chamada ou reunião de última hora, um trabalho mais demorado, algum desarranjo em casa, ter que conversar longamente com um amigo ou colega, etc. Esperamos então que este período de certo *stress* desapareça o mais rapidamente possível e ansiamos, com toda a razão, que finalmente chegue alguma tranquilidade e paz.

A reação de Marta pode-nos dar uma pista sobre como acolher esses momentos quando eles surgem: ir até Jesus e desabafar com Ele. «Confiai-Lhe todas as vossas preocupações, porque Ele tem cuidado de vós» (1Pe 5, 7). Ao mesmo tempo, o convite do Senhor a concentrar-nos no que é “necessário” também pode ajudar-nos a descobrir o significado daquelas ocupações que nos podem tirar a paz. Não são apenas acontecimentos ou tarefas imprevistas, mas formas pelas quais nos tornamos santos e contribuímos para o bem das pessoas que nos rodeiam. Esta mudança de foco dificilmente significará que, de um dia para o outro, o cansaço desapareça ou que consigamos harmonizar as tarefas exatamente como os gurus de gestão do tempo ensinam. Mesmo aproximando-nos desse nobre ideal, o cansaço vivido com Jesus tem um significado valioso, pois o nosso esforço não visa livrar-nos o mais rapidamente possível daquela tarefa, mas adquire uma dimensão ambiciosa: identificar-nos com Cristo, que viveu concentrado nas coisas do Seu Pai e com o coração aberto e magnânimo, para atender aqueles que d'Ele se aproximavam.

Essa atitude explica «porque é que os santos parecem cheios de paz, mesmo no meio da dor, da desonra, da pobreza e da perseguição. A resposta

– como disse o Bto. Álvaro – é muito clara: porque procuram identificar-se com a Vontade do Pai do Céu, imitando Cristo»^[3]. Assim, o que talvez antes fosse percebido como uma ameaça que alterou a nossa vida interior, é visto de outra forma: uma oportunidade de crescer nos ideais que sustentam as nossas vidas.

MARIA escuta atentamente as palavras de Jesus. A forma de seguir a sua pregação é muito diferente da de alguns fariseus ou escribas, que quando o Mestre falava procuravam algo para acusá-lo. Ela, por outro lado, acolheria os Seus ensinamentos com carinho e sentido prático: não se limitaria a deleitar-se com a beleza do discurso, mas tentaria fazê-lo seu e aplicá-lo à sua própria vida. «Ao abrires o Santo Evangelho – sugeria S. Josemaria –, pensa que não só tens de saber o que ali se narra – obras e ditos de Cristo – mas também tens de vivê-lo. Tudo, cada ponto relatado, se recolheu, pormenor a pormenor, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência»^[4].

«Escutar a palavra de Deus é lê-la e dizer: Que é que isto diz ao meu coração? Que está Deus a dizer-me com estas palavras? (...) Deus não fala a todos em geral: sim, fala a todos, mas fala a cada um de nós. O Evangelho foi escrito para cada um de nós»^[5]. Para descobrir esse significado pessoal, a palavra de Deus precisa de fermentar dentro de nós; ou seja, não basta ouvir ou ler um fragmento uma vez para compreender o seu significado, mas é necessário que ele assente no nosso coração e na nossa inteligência. Desta forma, podemos ler os acontecimentos que nos ocorrem à luz dessa palavra e perceber o que o Senhor nos quer transmitir a cada momento.

Esta foi a atitude da Virgem Maria. meditou no seu coração tanto os episódios da sua vida que não compreendia como aqueles que a enchiam de alegria. A nossa Mãe pode ajudar-nos a seguir o que o seu Filho quis transmitir no lar de Betânia: dar glória a Deus com o nosso trabalho e ouvir a sua palavra para que enforme toda a nossa vida.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Carta* 36, n. 60.

[2] S. Josemaria, *Carta* 11, n. 25.

[3] Bto. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 01/05/1987.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[5] Francisco, Homilia, 23/09/2014.

Quarta-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus quer que sejamos santos; sermos filhos no Pai-Nosso; sermos perdoados e perdoar.

Sumário

- Deus quer que sejamos santos.
- Sermos filhos no Pai-Nosso.
- Sermos perdoados e perdoar.

JESUS ESTÁ recolhido em oração. Os Seus discípulos já O tinham visto muitas vezes a fazer oração. Gostariam de ter essa intimidade com Deus que veem ser tão natural no Mestre, e que se manifesta nas suas palavras, nas suas ações, na sua alegria... Por isso, animam-se a pedir-Lhe algo que, juntamente com eles, também nós podemos fazer: «Senhor, ensina-nos a rezar» (Lc 11, 1). Jesus entrega aos apóstolos a oração que resume a sua vida e a sua aspiração mais íntima: fazer a vontade de Deus, abandonar-Se nas suas mãos. «Pai-Nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso Nome; venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu» (Mt 6, 9-10). O desejo de Deus é precisamente que sejamos santos e, portanto, felizes. Como S. Paulo recordará mais tarde: «Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação» (1Ts 4, 3).

Na vida de Jesus vemos que não Se limitou a aceitar com resignação a vontade de seu Pai: abraçou-a até ao extremo de dar a sua vida por nós. S. Josemaria falava das diferentes maneiras de acolher o querer divino, sobretudo quando pode tornar-se mais difícil: «Não leves a cruz de rastos... Leva-a erguida a prumo, porque a tua Cruz, levada assim, não será uma Cruz qualquer: será... a Santa Cruz! Não te resignes com a Cruz. Resignação é uma palavra pouco generosa. Quer a Cruz. Quando de verdade a quiseres, a tua Cruz será... uma Cruz sem Cruz»^[1].

«A glória de Deus – recordava Sto. Ireneu – consiste em que o homem viva, e a vida do homem consiste na visão de Deus»^[2]. O lugar mais seguro para viver é junto de Deus, que entregou o seu próprio Filho para nos salvar. Ninguém está tão empenhado na nossa salvação como Ele. A oração que Jesus ensinou aos apóstolos é, no fundo, um «sim» ao desejo divino da nossa felicidade. Pronunciá-la, dando todo o sentido a essas palavras de Cristo, ir-nos-á enchendo de paz, de segurança e de fortaleza.

DEUS FEZ todo o possível para Se aproximar das criaturas que ama e para Se dar a conhecer. «Considera, ó homem – assim nos fala – que Eu fui o primeiro a amar-te. Ainda não tinhas nascido, o mundo ainda não existia, e já Eu te amava. Desde que existo, Eu amo-te»^[3]. A oração que Jesus ensina aos seus apóstolos introduz-nos na essência do que somos: filhos queridíssimos de Deus; criaturas escolhidas desde a eternidade para entrar no seu gozo. A nós, imersos ainda no tempo e na fragilidade da condição humana, é-nos difícil imaginar na sua plenitude todo este amor divino.

No início, Jesus ensina-nos a falar com Deus com uma confiança surpreendente. A Ele acabarão por condená-l’O por chamar a Deus seu Pai: «Blasfemou; que necessidade temos de mais testemunhas?» (Mt 26, 65). Deus nunca tinha estado tão próximo dos homens e mulheres. Unir a nossa oração de filhos à oração de Cristo enche-nos de esperança, permite-nos realmente seguir os passos de Jesus para cumprir a vontade de Seu Pai. Desaparece progressivamente o medo do desconhecido, do novo, daquilo que não controlamos. Saber que somos filhos impele-nos com força a evangelizar, a encher-nos da luz do nosso Pai Deus. «De vez em quando a escuridão pode-nos parecer cómoda. Posso esconder-me e passar a minha vida a dormir. Nós, porém, não fomos chamados a viver nas trevas, mas na luz»^[4].

No Pai-Nosso, esconde-se todo um caminho para compreendermos cada vez melhor a nossa filiação. «A salvação que Deus nos oferece é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a Si. Envia o seu Espírito aos nossos corações, para nos fazer seus filhos, para

nos transformar e tornar capazes de responder com a nossa vida ao seu amor»^[5].

PERDOAR como Deus não está ao nosso alcance. Esta prontidão divina para perdoar faz que, de certo modo, o céu esteja sempre em festa. Jesus, na sua oração, convida-nos a abandonar a lógica do intercâmbio quando nos relacionamos uns com os outros, porque o amor não pode sobreviver nesse ambiente de méritos e culpas. Consideramo-lo também numa oração do missal que fala do «admirável comércio» entre Deus e nós: do ponto de vista simplesmente humano, não é razoável que, «oferecendo-Vos o que nos destes, mereçamos receber-Vos a Vós mesmo»^[6]. Mas essa é precisamente a lógica divina.

É na Confissão que experimentamos de forma especial o perdão de Deus; um perdão que é libertação e que vai contra a nossa lógica, pois não são as nossas próprias obras que nos justificam, mas a nossa vontade de nos convertermos novamente a Deus. «Quantas vezes nos libertamos de tantos pesos interiores, de não nos sentirmos amados e respeitados, quando começamos a amar os outros gratuitamente!»^[7]. E na Confissão experimentamos precisamente este amor gratuito de Deus.

Ao mesmo tempo, saber-nos perdoados pelo Senhor leva-nos a relativizar as ofensas que possamos receber dos outros. S. Josemaria recomenda-nos: «Esforça-te, se necessário, por perdoar sempre aos que te ofenderem, desde o primeiro momento, já que, por maior que seja o prejuízo ou a ofensa que te façam, mais te tem perdoado Deus a ti»^[8]. Podemos pedir a Santa Maria que nos ajude a experimentar o perdão libertador do seu Filho para que o possamos viver com as pessoas que nos rodeiam.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Santo Rosário*, IV mistério doloroso.

[2] Sto. Ireneu de Lyon, *Contra os hereges*, 4, 20, 5-7.

[3] Sto. Afonso Maria de Ligório, *Tratado sobre a prática de amar a Jesus Cristo*, pp. 9-14.

[4] Bento XVI, Homilia, 22/03/2008.

[5] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 112.

[6] Oração sobre as oferendas do XX Domingo do Tempo Comum.

[7] Francisco, Homilia, 26/07/2022.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 452.

Quinta-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a pedagogia do Mestre; nenhuma súplica fica sem resposta; quando parece que Deus não nos ouve.

Sumário

- A pedagogia do Mestre.
- Nenhuma súplica fica sem resposta.
- Quando parece que Deus não nos ouve.

JESUS é um bom pedagogo. Procura acompanhar os seus ensinamentos com exemplos, imagens ou gestos concretos. Não poupa tempo nem energias para que a sua doutrina chegue e se conecte com todos. Preocupa-se em conhecer bem os discípulos para captar o seu entendimento nos discursos, e repete as coisas sempre que necessário. Como dizia S. Josemaria, «o Senhor foi pródigo connosco. Instruiu-nos pacientemente; explicou-nos os seus preceitos com parábolas e insistiu connosco sem descanso»^[1].

Quando o Senhor falou sobre o valor da oração, quis reforçar os seus ensinamentos com um exemplo que interpelaria muitos dos seus ouvintes; e poderia ser algo que tinha acontecido recentemente. «Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: 'Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer', e se ele lhe responder lá de dentro: 'Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar'» (Lc 11, 5-6).

Para além da mensagem concreta desta passagem, podemos ver a preocupação de Jesus em se colocar no lugar do outro quando deseja transmitir os seus ensinamentos. Aproveitava os acontecimentos diários para revelar realidades divinas grandes. Deus não é «uma inteligência

matemática muito distante de nós. Deus interessa-se por nós, ama-nos, entrou pessoalmente na realidade da nossa história e comunicou-se a si mesmo a ponto de se encarnar. Portanto, Deus é uma realidade da nossa vida, é tão grande que tem tempo também para nós, preocupa-se conosco. Em Jesus de Nazaré nós encontramos o rosto de Deus, que desceu do seu Céu para imergir no mundo dos homens, no nosso mundo, e para ensinar a “arte de viver”, o caminho da felicidade; para nos libertar do pecado e para nos tornar filhos de Deus»^[2]. Também nós, quando transmitimos a fé, podemos imitar esse desejo de Nosso Senhor para relacionar os seus ensinamentos com as realidades do dia a dia. E assim o Evangelho entender-se-á não como algo alheio, mas como algo familiar, próximo, que desperta o desejo de viver essa Boa Nova.

RESSOAVAM ainda nos ouvidos dos discípulos as diversas petições que Jesus tinha sintetizado no Pai-Nosso: um modo novo de se dirigir a Deus, filial e confiado. Neste contexto, Jesus apresenta agora o exemplo de um amigo importuno que, a desoras, pede pão para uma visita inesperada. Cristo quer que comparemos o nosso modo humano de responder aos pedidos que nos fazem com o novo estilo de Deus.

Para que este modo divino fique gravado nos corações dos seus ouvintes e nos nossos, Jesus diz: «Assim pois, eu vos digo: pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á» (Lc 11, 9). Em poucas ocasiões o Senhor é tão insistente, quer pelas imagens que utiliza – pedir, procurar, bater – como pela frequência com que as repete, dizendo por uma segunda vez: «Porque todo aquele que pede recebe; e quem procura encontra; e ao que bate abrir-se-lhe-á» (Lc 11, 10).

Jesus apresenta uma consoladora promessa sobre a oração de petição: nada fica sem resposta. «A súplica é expressão do coração que confia em Deus, pois sabe que sozinho não consegue. Na vida do povo fiel de Deus, encontramos muitas súplicas cheias de ternura crente e de profunda confiança. Não desvalorizemos a oração de petição, que tantas vezes nos tranquiliza o coração e ajuda a continuar a lutar com esperança^[3]. É o que fizeram tantos santos ao longo da história, face a muitas obscuridades ou obstáculos. Pedir fê-los crescer na sua consciência de que era Deus quem

levava as coisas para a frente: a missão apostólica que tinham entre mãos, a sementeira de paz e de alegria que queriam levar por todo o mundo; a sua própria santidade, as preocupações familiares... S. Josemaria, em momentos de incompreensões e dificuldades, insistia com os seus filhos, servindo-se de uma frase de Isaías: «Grita em voz alta, sem te cansares. Levanta a tua voz como uma trombeta» (Is 58, 1).

«QUAL O PAI de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?» (Lc 11, 11). Seguindo o seu modo de ensinar, Jesus apresenta outra comparação para completar a imagem que os ouvintes podiam ter de Deus. Não é só um Pai a quem se pode pedir todo o tipo de bens, como mostrou no Pai-Nosso. Também não é suficiente para descrever essa paternidade o facto de não deixar qualquer súplica sem resposta. Além de tudo isto, é um Pai muito superior ao melhor que pudéssemos encontrar. «Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!» (Lc 11, 13).

Podemos talvez ter passado pela experiência de ter pedido alguma coisa a Deus que, afinal, não nos foi concedida. Então podemos pensar que não é certo aquilo de que «todo aquele que pede recebe». Mas o que Jesus quer transmitir é que, quando não nos cansamos de suplicar, o primeiro bem que recebemos é precisamente o de sermos verdadeiramente filhos de Deus, graças ao Espírito Santo. Em determinadas ocasiões, com efeito, pode parecer que não nos dá o que pedimos, mas temos a certeza de que Deus é bom e, por conseguinte, sempre quer o melhor para nós»^[4]. Essa oração, se é cheia de confiança, ajuda-nos a ser humildes, a reconhecer que somos filhos necessitados de um Pai cheio de amor. E muitas vezes o principal fruto dessa petição será o de ter tomado consciência da nossa filiação.

«Deus, ao diferir a sua promessa, aumenta o desejo; dilata a alma e dilatando-a, torna-a capaz dos seus dons»^[5]. Quando parece que Jesus não nos concede o que lhe pedimos, faz isso para que continuemos a insistir e cresça em nós o desejo de o conseguir. Por meio dessa oração que não esmorece, Deus prepara a nossa alma para acolher o dom da filiação divina

que ilumina o nosso caminho rumo à santidade e que nos faz ter como Mãe a Virgem Maria. «Mãe! – Chama-a bem alto, bem alto. – Ela, tua Mãe Santa Maria, escuta-te, vê-te em perigo talvez, e oferece-te, com a graça do seu Filho, o consolo do seu regaço, a ternura das suas carícias. E encontrar-te-ás reconfortado para a nova luta»^[6].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 52.

[2] Bento XVI, Audiência, 28/11/2012.

[3] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 154.

[4] Francisco, Angelus, 16/01/2022.

[5] Sto. Agostinho, *Sobre a primeira carta de S. João*, Tratado IV.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 516.

Sexta-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a divisão no nosso interior; buscar o aplauso de Deus; a unidade, testemunho do amor de Deus.

Sumário

- A divisão no nosso interior.
- Buscar o aplauso de Deus.
- A unidade, testemunho do amor de Deus.

«TODO o reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas e cairá casa sobre casa» (Lc 11, 17). A palavra «reino» convida-nos a pensar em nações ou grandes comunidades submetidas aos vaivéns da política ou da guerra, ou em coletividades numerosas agitadas por tensões internas. No entanto, a fratura de que Jesus fala refere-se também àquela que se pode produzir dentro de cada pessoa. Todos temos consciência de que, por vezes, há uma divisão entre o que dizemos e o que fazemos, entre o que somos e o que gostaríamos de ser, entre o que nos propomos fazer e o que finalmente levamos a cabo. Talvez até a passagem do tempo pareça ter distanciado ou diluído o que, tempos atrás, tínhamos sonhado chegar a ser.

O pecado dos nossos primeiros pais quebrou a harmonia original da Criação. Deixou, além disso, em estado frágil a harmonia interior de todos os homens, cujas tensões interiores e exteriores põem à prova a retidão das suas decisões e dos seus desejos. Consciente dessa fraqueza, o demónio trata de quebrar a ordem interior do homem, de o dividir contra si mesmo. S. Paulo expressa-o com simplicidade na Carta aos Romanos: «Não compreendo o que faço, pois não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero» (Rm 7, 15). E um pouco mais adiante indica as razões deste paradoxo: «Deleito-me na lei de Deus, segundo o homem interior, mas vejo nos meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e me faz escravo da lei do pecado que está nos meus membros» (Rm 7, 22-23).

Esses momentos em que, como S. Paulo, sentimos a tensão no nosso interior ajudam-nos a crescer no desejo de viver perto de Jesus e a saber que, com o passar do tempo, embora pareça que nalguns aspetos estamos a andar para trás, na realidade o Senhor está sempre perto de nós. S. Josemaria animava a não nos surpreendermos quando surgem essas ocasiões de dúvida e de tensão, pois estamos feitos de barro, mas a aproveitá-las para reforçarmos a nossa fidelidade a Deus: «Se nalgum momento a luta interior se torna mais difícil, será uma boa ocasião para mostrar que o nosso Amor é autêntico. Para quem começou a saborear de alguma forma a entrega, cair vencido seria uma espécie de fraude, um engano miserável. Não te esqueças daquele grito de S. Paulo: *quis me liberabit de corpore mortis huius*, quem me livrará deste corpo de morte? E escuta, na tua alma, a resposta divina: *sufficit tibi gratia mea!*, basta-te a minha graça!»^[1].

OUTRA DIVISÃO que pode ter lugar no nosso interior dá-se quando as ações contrastam com as ânsias do nosso coração. Jesus denunciava frequentemente a hipocrisia daqueles que davam esmola ou fingiam rezar «para serem louvados pelos homens» (Mt 6, 2). Embora realizassem bons gestos externos, não eram motivados pelo desejo de ajudar os necessitados ou de dar glória a Deus, mas pelo afã de ficarem bem aos olhos dos seus contemporâneos.

«Eu pergunto-me: como é que sigo Jesus? As coisas boas que faço, faço-as "em segredo" ou gosto de que me vejam?»^[2]. O cristão não é um ator de teatro, que tem de se ajustar com precisão ao que indica o guião para ganhar o aplauso dos espetadores; é, antes, alguém que sabe mover-se com liberdade e procura em todo o momento agradar a Deus: o aplauso d'Ele é a única coisa que lhe interessa. E nós sabemos que o Senhor se compraz com o que é grande e as pequenas coisas que realizamos com amor.

Neste sentido, S. Josemaria pôs por escrito a impressão que lhe causou o empenho de uns filhos seus, pouco depois do início da Obra. «Recordo com emoção o trabalho daqueles universitários brilhantes – dois engenheiros e dois arquitetos – ocupados com todo o gosto na instalação material de uma residência de estudantes. Mal acabaram de colocar o

quadro numa sala de aula, a primeira coisa que os quatro artistas escreveram foi: “*Deo omnis gloria!*” – toda a glória para Deus». E concluía: «Já sei que Te encantou, Jesus»^[3]. A convicção de que o nosso trabalho *encanta* o Senhor dará unidade à nossa vida: as nossas ações e os nossos pensamentos buscarão apenas a glória de Deus.

NÓS, OS CRISTÃOS, também somos chamados a cultivar a unidade dentro do povo de Deus. A Igreja é uma família enorme, formada por muitas e muito diversas pessoas, e enriquecida pelos carismas e iniciativas que o Espírito Santo suscita ao longo e ao largo do tempo e da geografia. O facto de convivermos com tantas realidades eclesiais será muitas vezes um estímulo para elevarmos o nosso coração a Deus e para Lhe agradecermos a abundância de caminhos que Ele oferece aos homens e mulheres na sua peregrinação rumo à meta comum do Céu.

Poucas horas antes de ser feito prisioneiro em Getsémani, Jesus dirige-Se ao Pai na intimidade do Cenáculo e pede a unidade dos seus discípulos, incluídos também nós: «Que todos sejam um; como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós» (Jo 17, 21). E acrescenta que precisamente essa unidade será uma das razões que os seus discípulos darão ao mundo para que O reconheça a Ele, Jesus, como enviado do Pai. «A unidade e o testemunho são coessenciais. Não podemos dar verdadeiro testemunho do Deus de amor se não estivermos unidos entre nós como Ele quer; e não podemos estar unidos permanecendo cada um por seu lado, sem nos abirmos ao testemunho, sem ampliarmos as fronteiras dos nossos interesses e das nossas comunidades em nome do Espírito que abraça todas as línguas e quer chegar a cada um»^[4].

O fundador do Opus Dei, ao contemplar numa ocasião as diferentes maneiras como as pessoas expressavam o seu amor a Nossa Senhora, comentava: «Certamente também vós, ao ver nestes dias tantos cristãos a manifestar o seu afeto à Virgem Santa Maria de mil maneiras diferentes, vos sentis mais dentro da Igreja, mais irmãos de todos esses vossos irmãos. É como uma reunião de família, quando os filhos mais velhos, que a vida separou, voltam a encontrar-se junto da sua Mãe por ocasião de alguma festa. E, se alguma vez discutiram entre si e se trataram mal, já não o

fazem; sentem-se unidos, reconhecem-se todos no afeto comum»^[5]. A Virgem Maria é, ao mesmo tempo, mãe da Igreja e mãe de cada um de nós. Ela ajudar-nos-á a viver sempre intimamente unidos ao seu Filho e a cultivar a unidade da grande família que é a Igreja.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 92-94.

[2] Francisco, Homilia, 05/05/2014.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 611.

[4] Francisco, Discurso, 04/11/2022.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 139.

Sábado da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus corrige sempre por amor; amar os defeitos dos outros; um fruto da amizade.

Sumário

- Jesus corrige sempre por amor.
- Amar os defeitos dos outros.
- Um fruto da amizade.

OS EVANGELHOS mostram-nos vários momentos em que Jesus corrige alguém. Um deles ocorre quando uma mulher levantou a voz no meio da multidão e disse: «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito». E Ele imediatamente a faz ver o verdadeiro motivo pelo qual a Sua mãe merece tal elogio: «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 27-28).

S. Josemaria dizia que «a correção fraterna faz parte do olhar de Deus, da Sua amorosa Providência»^[1]. Jesus, nessa ocasião, corrige a mulher porque quer conduzi-la à verdade plena. «A correção fraterna nasce do afeto – assinala Mons. Fernando Ocáriz –; mostra como desejamos que os outros sejam cada vez mais felizes»^[2]. Por isso, preocupar-se com os outros não é apenas julgar se eles cumpriram alguma regra, mas tentar olhar para eles como Jesus: o Seu é um olhar que não se limita a detalhes insignificantes, mas que enche de esperança, com amplos horizontes. A correção de Cristo é movida pelo amor pessoal ao outro, pelo desejo de que sejamos felizes, e não para manter uma certa ordem externa.

«Há sempre necessidade de um olhar que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoa (cf. Lc 22, 61), como fez, e faz, Deus com cada um de nós»^[3]. A correção fraterna não se exerce do alto, como quem tem algo a ensinar; trata-se antes de ir ao encontro do outro para

compreendê-lo e acompanhá-lo nos seus desejos de santidade. Com a correção fraterna, as pessoas ao nosso redor não se sentem sozinhas na sua luta, mas sabem que podem contar com o nosso apoio.

«VÓS, QUANDO fizerdes uma correção fraterna, deveis amar os defeitos dos vossos irmãos»^[4], disse S. Josemaria. Um coração que ama é capaz de superar o que consideramos um defeito nos outros. Logicamente, na medida das nossas capacidades, tentaremos ajudar a superá-lo; no entanto, nem sempre será possível, ou não se conseguirá dum dia para o outro. Portanto, aprender a amar esses defeitos também nos introduz de alguma forma na lógica do amor divino. Jesus abraça as nossas qualidades e as nossas fraquezas, não impõe condições de nenhum tipo ao Seu amor.

«A regra suprema da correção fraterna é o amor, isto é, corrigir porque queremos o bem dos nossos irmãos e irmãs. E muitas vezes é também tolerar os problemas dos outros, os defeitos dos outros em silêncio, na oração para depois encontrar o caminho certo para corrigi-los»^[5]. Isso implica respeitar a liberdade de cada um, pois assim tornaremos o nosso amor mais semelhante ao que Deus tem para nós. Ajudar o nosso irmão ou irmã no seu caminho para a santidade é mais parecido com uma noite paciente e quente de vigília, em que se espera a ação de Deus, do que uma supervisão fria. Quem quiser ajudar não fica preso apenas ao exterior, mas olha os acontecimentos à luz daquele desejo de santidade do outro, tirando as sandálias porque está no fundo da sua alma (cf. Ex 3, 5).

Antes de corrigir os que estão ao nosso redor, também pode ser bom lembrar as palavras de Cristo: «tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás melhor para tirar o argueiro da vista do teu irmão» (Mt 7, 5). Sem deixar de se esforçar para ajudar os outros, talvez a melhor maneira de os incentivar a serem santos seja a nossa própria santidade. Perceber no outro o *bonus odor Christi*, o bom aroma de Cristo, atrai a uma vida de amizade com Deus, além de facilitar o ambiente propício para corrigir ou ser corrigido, com a confiança dos filhos do mesmo Pai.

PARA VIVER a correção fraterna de forma autêntica e fecunda, geralmente é necessário primeiro criar um contexto de proximidade e de real interesse pela vida do outro. Corrigir alguém que é desconhecido geralmente não é a melhor maneira, e muitas vezes pode ser injusto. Ou seja, além do aspeto a ser corrigido, é bom que haja uma relação de amizade mútua e verdadeira, onde o afeto tenha sido vivenciado manifestado de várias formas: detalhes de serviço, momentos vividos juntos, preocupações compartilhadas... E, simplesmente como mais uma expressão dessa amizade, surge espontaneamente o desejo de ajudar o outro no caminho da santidade. Dessa forma, poderemos entrar delicadamente no seu coração, sem invadir a sua privacidade, sempre tentando aperceber-nos da sua situação.

Esse contexto também nos levará a entender as reações dos outros quando corrigidas. Há disposições de temperamento que nos diferenciam muito uns dos outros e que S. Josemaria considerava parte central desse “numerador diversíssimo” nas pessoas do Opus Dei e na Igreja. Para alguns, até as palavras mais delicadas soam facilmente como reprovação. Outros, por seu lado, se as palavras não forem especialmente claras, podem perceber uma falta de interesse. Em todo o caso, se houver essa relação de proximidade e amizade de antemão, todos descobrimos na correção fraterna um gesto de lealdade.

O fundador do Opus Dei dizia que, a um irmão, «nunca toleramos que se critique pelas costas. E dizemos as coisas desagradáveis assim, carinhosamente, para que as corrija»^[6]. Podemos pedir a Maria que nos ajude a ver os nossos irmãos com o seu mesmo olhar de mãe para que possamos falar uns com os outros com carinho, delicadeza e lealdade.

NOTAS

[1] Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*.

[2] Fernando Ocariz, Carta Pastoral, 01/11/2019, n. 16.

[3] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2012, n. 1.

[4] S. Josemaria, Apontamentos de uma reunião familiar, 18/10/1972.

[5] Francisco, Audiência, 03/11/2021.

[6] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 21/05/1970.